



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

***A IGREJA MATRIZ DE MONCHIQUE***

**José Gonçalo Nobre Duarte da Silva**

**Dissertação de Mestrado em História da Arte**

Trabalho efectuado sob orientação de:  
Prof. Doutor José Eduardo Horta Correia  
Prof. Doutor Francisco Manuel Teixeira

**2012**

# ***A IGREJA MATRIZ DE MONCHIQUE***

**José Gonçalo Nobre Duarte da Silva**

**Dissertação de Mestrado em Hist3ria da Arte**

Trabalho efectuado sob orientação de:  
Prof. Doutor Jos3 Eduardo Horta Correia  
Prof. Doutor Francisco Manuel Teixeira

**2012**

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

## **Agradecimentos**

Terminar o mestrado que iniciei há cerca de seis anos, não teria sido possível sem o empenho e a ajuda de um grande e esforçado grupo de amigos.

Começo por agradecer à colega Cristina Fé Santos a quem cabem as culpas maiores. Motivou a minha inscrição e apoiou sempre, com o interesse que uma grande amizade e sentido de ajuda manifestam, as minhas tentativas de trabalho. O meu obrigado incondicional.

Para decidir que o tema da dissertação fosse a igreja matriz de Monchique, senti obrigação de saber se a amiga Ana Pinto, com trabalhos académicos sobre este monumento, não iria prosseguir nos estudos. Obrigado pelos dados que me facultou e pelo estímulo a seguir em frente.

No decorrer dos estudos e pesquisas a Câmara Municipal e os seus funcionários sempre me facilitaram o que solicitei. A todos, muito obrigado.

Quando escolhi o tema para a dissertação, falei com o pároco, padre José Águas, que me autorizou a deambular por todos os cantos do edifício e me emprestou alguma bibliografia. Imprescindível este apoio. Obrigado, extensivo ao padre Joaquim Nunes, com quem troquei impressões várias vezes e me transmitiu sempre conhecimento.

Ao Carlos Emanuel, agradeço a paciência e o esforço que fez, para aferir com rigor algumas das minhas conjecturas. Participou em discussões e deslocou-se comigo á igreja para ajudar nas medições, atitudes construtivas que merecem um agradecimento singular.

Ao pessoal da farmácia, agradeço ter suportado as sobrecargas de trabalho provocadas pelas minhas ausências.

Na FCHS sempre senti apoio com colegas como a Andreia Fidalgo que me autorizou a estudar o seu trabalho de seminário, o Jorge Correia que me facilitou os desenhos sobre a igreja de Messines e a Daniela que insistentemente se disponibilizou para ajudar. A todos muito obrigado.

Também os professores do Mestrado, e até outros, tiveram paciência e disponibilidade para me ouvir e esclarecer, especialmente a professora Renata e o professor Lameira.

Devo aos meus orientadores, professor Francisco Teixeira e professor Horta Correia, o estímulo, o saber e o empenho que chegou a concretizar-se em pelo menos uma deslocação a Monchique. Obrigado.

Não posso, no entanto, deixar de realçar a relação com o professor José Eduardo Horta Correia, que se dignou continuar a interessar-se por mim e por Monchique, já desde a minha frequência da licenciatura em Património Cultural. O maior mérito desta dissertação é o seu

tema ter suscitado a atenção de quem está no topo nacional dos historiadores da arte. Honra-me a sua orientação pelo seu saber e acima de tudo pela relação de amizade que se estabeleceu. Muito obrigado.

O tempo dispendido, algum cansaço, a falta de disponibilidade , foram causas de incumprimento de alguns compromissos sociais meus. A todos os que o sentiram, obrigado pela compreensão.

A minha família foi quem mais sofreu, nestes meus tempos de mestrando. Só com o seu apoio e segurança foi possível chegar ao final e sentir que ficaram desculpadas as horas em que a minha presença foi nula. O meu reconhecimento de gratidão.

Por último, o meu agradecimento vai para a minha mulher, Maria de Jesus, que é pelo menos co-autora desta dissertação. A compreensão para as ausências e consequentes substituições em casa, duplicando as suas tarefas, a ajuda na consolidação das ideias, o acompanhamento nos trabalhos, até o entusiasmo pelas observações... O trabalho informático teve muita ajuda dela assim como o estímulo e as chamadas de atenção, as articulações entre assuntos, até à melhoria na escrita. Esta tese é um projecto comum. Sozinho, não seria capaz de terminá-la. Muito obrigado.

## ÍNDICE

Resumo.....	10
Introdução.....	11
<b>CAPÍTULO I - A ÉPOCA MODERNA.....</b>	<b>13</b>
<b>1 – O Manuelino enquanto estilo .....</b>	<b>13</b>
<b>2 - O Manuelino algarvio .....</b>	<b>14</b>
<b>3 – Monumentos – conceito e importância .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO II - A IGREJA MATRIZ DE MONCHIQUE E O CRESCIMENTO .</b>	<b>18</b>
<b>URBANO DA LOCALIDADE.....</b>	<b>18</b>
<b>1 – Consolidação urbana do “lugar” de Monchique - caracterização geo-económica e social, do séc. XV até ao séc. XVIII.....</b>	<b>18</b>
<b>2 – A nova centralidade no séc. XVI em Monchique – a Praça, a Igreja Matriz, a Rua Direita e a Misericórdia .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO III - A IGREJA MATRIZ DE MONCHIQUE – UM MONUMENTO COM MARCAS MANUELINAS.....</b>	<b>31</b>
<b>1 - Período de edificação – seu contexto local e regional .....</b>	<b>31</b>
<b>1.1 - A relação do rei D. Manuel I com as ordens militares e especialmente com a ordem de Cristo .....</b>	<b>31</b>
<b>1.2 - A relação do bispo D. Fernando Coutinho com o rei e com a região da serra..... de Monchique.....</b>	<b>33</b>
<b>1.3 - O orago da freguesia, ou seja, a invocação de Nossa Senhora da Conceição ..</b>	<b>36</b>
<b>1.4 - Pontos comuns com outras igrejas do Algarve.....</b>	<b>38</b>
<b>1.4.1 - A Igreja Matriz de Messines .....</b>	<b>38</b>
<b>1.4.2 - Mosteiro das Bernardas de Tavira – Que autorias? Que semelhanças?.....</b>	<b>42</b>
<b>2 - Análise arquitectónica .....</b>	<b>45</b>
<b>2.1 - Plantas e alçados.....</b>	<b>46</b>
<b>2.2 - Arcos formeiros.....</b>	<b>49</b>
<b>2.3- Colunas.....</b>	<b>50</b>
<b>2.3.1- Bases.....</b>	<b>50</b>

2.3.2-Fustes.....	51
2.3.3-Capitéis .....	52
<b>2.4- Suportes cilíndricos exteriores .....</b>	<b>54</b>
<b>3-Análise morfológica .....</b>	<b>59</b>
<b>3.1 - Portais .....</b>	<b>59</b>
3.1.1-O portal axial.....	60
3.1.2-O portal sul.....	63
3.1.3 - O portal norte.....	64
<b>3.2- Pias para água benta.....</b>	<b>65</b>
<b>3.3- Capelas .....</b>	<b>67</b>
3.3.1-Capela mor .....	69
3.3.2-Capela das Almas (colateral do lado do evangelho) .....	76
3.3.3-Capela do Senhor Crucificado (colateral do lado da epístola) .....	81
3.3.4-Capela de Nossa Senhora de Fátima (lateral do lado do evangelho mais próxima da cabeceira).....	82
<b>CAPÍTULO IV – A TALHA RETABULAR E A IMAGEM DA PADROEIRA .....</b>	<b>83</b>
<b>1-Talha Retabular .....</b>	<b>85</b>
<b>1.1- Retábulo da capela-mor .....</b>	<b>86</b>
1.1.1-Conjuntura artística.....	86
1.1.2-Morfologia .....	86
1.1.3- Encomendador .....	88
1.1.4-Executante .....	88
<b>1.2- Retábulo da capela das Almas (colateral do lado do evangelho) .....</b>	<b>89</b>
1.2.1- Conjuntura artística.....	89
1.2.2- Morfologia .....	89
1.2.3-Encomendador .....	90

<b>1.2.4-Executante</b> .....	90
<b>1.3-Retábulo da capela do Senhor Jesus (colateral do lado da epístola)</b> .....	90
1.3.1-Conjuntura artística .....	90
1.3.2-Morfologia .....	90
1.3.3-Encomendador .....	91
1.3.4-Executante .....	91
<b>1.4- Capela de Nossa Senhora de Fátima</b> .....	92
1.4.1-Conjuntura artística .....	92
1.4.2-Morfologia .....	92
1.4.3-Encomendador .....	92
1.4.4-Executante .....	92
<b>1.5- Retábulo da capela de Nossa Senhora do Carmo</b> .....	93
1.5.1-Conjuntura artística .....	93
1.5.2-Morfologia .....	93
1.5.3-Encomendador .....	93
1.5.4-Executante .....	94
<b>1.6- Retábulo da capela do Sagrado Coração de Jesus</b> .....	94
1.6.1-Conjuntura artística .....	94
1.6.2-Morfologia .....	94
1.6.3-Encomendador .....	95
1.6.4-Executante .....	95
<b>1.7- Retábulo da capela de Nossa Senhora do Rosário</b> .....	95
1.7.1-Conjuntura artística .....	95
1.7.2-Morfologia .....	95
1.7.3-Encomendador .....	96



<b>1.7.4-Executante .....</b>	<b>96</b>
<b>2 - A imagem da padroeira .....</b>	<b>96</b>
<b>Conclusões.....</b>	<b>98</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>99</b>

## Resumo

O tema deste trabalho, que incide sobre a Igreja matriz de Monchique, apresenta um carácter monográfico, descritivo e interpretativo.

O objectivo é fazer uma análise do monumento e saber as suas origens, encomendantes, autores e cronologias. A partir do trabalho de seminário *Dando Logar a Monchique* realizado para a licenciatura em Património Cultural, na parte que à igreja matriz diz respeito, aprofundou-se a observação, investigou-se e compilou-se bibliografia, foi sistematizada e relacionada a informação obtida.

Surgiram ideias e colocaram-se hipóteses sobre algumas premissas como a contextualização no espaço, a influência da história nacional e regional, a intervenção directa ou indirecta de pessoas e entidades colectivas, a religião e a arte.

Esta dissertação de mestrado é o resultado desse esforço no sentido de avançar no conhecimento deste templo quinhentista.

**Palavras-chave:** Monchique, Igreja Matriz de Monchique, Monumento, Manuelino, Manuelino no Algarve, Talha retabular

## Abstract

The theme of this work, which focuses on the mother church of Monchique, presents a monographic character, descriptive and interpretive.

The aim is to analyze the monument and know their origins, who ordered it, authors and chronologies. From the work of the *Dando logar a Monchique* seminar held for a degree in Património Cultural, in the part that relates to the mother church, deepened the observation, it was investigated and compiled bibliography itself, was systematized and related information obtained.

There were ideas and hypotheses put up some assumptions about how the context in space, the influence of regional and national history, the direct or indirect involvement of individuals and legal entities, religion and art.

This dissertation is the result of this effort to advance the knowledge of this temple sixteenth century.

**Keywords:** Monchique, Monchique Church, Monument, Manueline Manueline in Algarve, Talha retable

## Introdução

A igreja matriz de Monchique, tradicionalmente, é referida como *manuelina*. Esta atribuição surge a partir da leitura de vários pormenores, especialmente decorativos e essencialmente presentes nos portais, numa das capelas colaterais e nas colunas que regulam o espaço interior.

A nossa proximidade com este templo, alguma atenção mais aprofundada a partir da licenciatura em Património Cultural<sup>1</sup>, o conhecimento de um ou outro trabalho dispersos e referências em várias publicações no campo da História da Arte, despertaram o nosso interesse para um estudo mais atento.

Surgiu assim a igreja matriz de Monchique como tema da tese de Mestrado em História da Arte, após uma proposta de trabalho do senhor Prof. Doutor Horta Correia, e porque é o maior monumento da vila.

Este estudo pretende identificar alguns dos problemas que a referida igreja nos apresenta, nomeadamente cronologias, conjuntura ou conjunturas artísticas em que se inscreve, eventuais autorias, patrocínios e influências. Depois de equacionar esses pontos, procura-se sistematizá-los com alguma informação pesquisada para ajudar a esclarecer. O objectivo mor que sempre nos norteou é o de contribuir para o esclarecimento das autorias e cronologias da construção inicial. As referências a outros tempos, como aos efeitos do terramoto de 1755, por exemplo, só foram usadas como suporte interpretativo.

Partiu-se de duas bases de trabalho: por um lado a pesquisa da informação documental relacionada com esta igreja e com o contexto histórico e artístico, especialmente o respeitante ao tempo do final do reinado de D. João II até ao início do reinado de D. João III, cobrindo todo o período em que foi rei D. Manuel I, ou seja de cerca de 1490 a 1530; por outra parte a observação e alguma interpretação do edifício, quer do ponto de vista arquitectónico, da sua espacialidade e planimetria, quer da leitura do decorativismo e formas presentes.

No primeiro capítulo são apresentados conceitos que consideramos necessários para interpretar as existências observadas e descritas, nomeadamente o manuelino que tradicionalmente lhe é atribuído.

No segundo capítulo aborda-se a consolidação urbana da localidade, com destaque para a nova centralidade quinhentista que redefiniu a povoação. A compreensão da articulação entre

---

<sup>1</sup> Cf. José Gonçalo Duarte, Dando “logar” a Monchique, 2005

as várias zonas do lugar permite entender a localização da igreja matriz e a sua relação com o espaço onde está construída.

No terceiro capítulo é feita uma análise ao edifício, enquadrando-o no contexto histórico e regional dos últimos anos do século XV e primeiras décadas do século XVI, partindo depois para a sua descrição morfológica.

Num último capítulo e como que de forma complementar, incluímos uma descrição da talha retabular, já que esta, embora do século XVIII, apresenta uma qualidade que se destaca e enriquece o monumento em estudo, bem como o património cultural local e mesmo regional e como tal consideramos que não pode ser omitida neste trabalho. Inserimos também uma referência à imagem da padroeira Nossa Senhora da Conceição, presente na capela mor e que nos parece suficientemente interessante para aqui figurar.

Nos capítulos da análise e interpretação do edifício da igreja são apresentadas fotografias e reproduções de documentos que ilustram e corroboram as descrições efetuadas.

A primeira base de trabalho que pretendemos seguir foi, porventura, a que maior dificuldade colocou. Pesquisar sobre a igreja matriz de Monchique, encontrar documentos relacionados que transmitam mais informação do que aquela que se encontra dispersa mas localizada não é tarefa fácil pois as fontes documentais são escassas. Acabámos por recolher e compilar algumas referências e a partir daí procurar levantar hipóteses.

As razões para estas dificuldades na pesquisa prendem-se com vicissitudes várias. Desde logo, algum efeito periférico de que o Algarve sempre sofreu, em relação ao poder nacional. Acresce também, e neste caso concreto, a conjugação de aspectos e factos como alguma desatenção na conservação dos registos e eventuais difíceis condições de arquivo, a mudança da sede do bispado de Silves para Faro, vários incêndios, sismos incluindo o de 1755, ataques de piratas como o saque dos ingleses em tempos da União Ibérica, as invasões francesas, as guerras entre liberais e absolutistas, a implantação da República e a natural tendência a que a informação se vá perdendo, justificam uma existência parca de fontes documentais sobre o monumento em estudo<sup>2</sup>.

Apresenta-se assim esta dissertação como um estudo monográfico, descritivo e interpretativo da igreja matriz de Monchique.

---

<sup>2</sup> Soubemos, por fonte próxima da Diocese do Algarve que se supõe haver documentação em Sevilha que remonta aos tempos em que a cátedra episcopal estava sediada em Silves. Não é de estranhar tal facto já que durante algum tempo os reis de Castela reclamavam jurisdição sobre o território algarvio e a nomeação do bispo era uma das formas de poder assumidas. A questão resolveu-se com D- Afonso III que acrescentou aos títulos o de rei do Algarve mas D. Afonso de Castela tutelou pelo menos dois bispos.

## CAPÍTULO I - A ÉPOCA MODERNA

### 1 – O Manuelino enquanto estilo

O estilo manuelino, assim chamado de forma assumida, surgiu por volta de 1842, a partir do trabalho de Francisco Adolfo Varnhagen intitulado *Notícia Histórica e Descritiva do Mosteiro de Belém*.

Apareceu este termo quando na comparação entre o Mosteiro dos Jerónimos, de Lisboa, com outras obras do reinado de D. Manuel I, aquele historiador encontrou muitos pontos comuns a partir dos quais criou até uma lista dos dez elementos caracterizadores da dita “architectura manuelina”.

Esta interpretação tem de ser lida numa contextualização própria da época em que surgiu, o século XIX. Estava-se então em plena época romântica e havia o hábito historicista de definir as nações e povos através de estilos, marcas, modelos e formas que exaltassem os valores das sociedades a que pertenciam. Francisco Varnhagen encontrou assim o “estilo nacional” português relacionado com o ponto alto do período das Descobertas e da Expansão Marítima.<sup>3</sup> Esta caracterização foi bem aceite pelos meios arqueológicos e artísticos e teve bons divulgadores em autores como Alexandre Herculano e Almeida Garrett que ajudaram à sua propagação por todo o país.

Ao procurar o que terá sido a génese deste estilo arquitectónico e decorativo somos encaminhados para duas obras que se enquadram nesta perspectiva nacionalista: o mosteiro de Santa Maria da Vitória na Batalha e o mosteiro de Santa Maria de Belém em Lisboa, comumente designado como dos Jerónimos, justamente entendidos como grandes edificações e que deram o mote e a inspiração para muitas outras em todo o país.

No entanto, esta questão não é explicável de uma forma assim tão simplista. É mesmo uma complexidade, em que pelo menos duas correntes opinativas se formaram. Por um lado os seguidores da visão nacionalista e romântica de Varnhagen e outra, internacionalista e quiçá, mais rigorosa e racional, de Joaquim de Vasconcelos com a sua obra *Da Architectura Manuelina* datada de 1885 e em que rebatia aquele autor, considerando não haver nenhuma

---

<sup>3</sup> Cf. Paulo Pereira (dir.) *História da Arte Portuguesa*, C. Leitores, 1995, vol. 2, p. 53.

condição de originalidade no *manuelino* defendendo a sua integração numa “cadeia internacional de modos de produção arquitectónica”<sup>4</sup>

Esta problemática foi suscitada pelas interpretações e definições da conjuntura artística que se defende ter sido assumida no período de cerca de quarenta anos que se iniciaram no início da última década do século XV e terminaram nos primeiros anos do mando de D. João III.

O reinado de D. João II, terminado de forma abrupta em 1495, foi sucedido pelo do primo e herdeiro natural do trono, o então duque de Beja e também seu cunhado, D. Manuel I, que veio a falecer em 1521 e cuja coroa foi herdada pelo filho, o rei D. João III. O tempo que medeia sensivelmente entre 1490 e 1530 foi a altura em que Portugal viu escritas as páginas mais épicas da sua História.

Em consequência, as alterações de gosto, de poder, de trocas culturais intensas, imprimiram marcas na arte nacional. Em relação à arquitectura, especialmente interessante para tentar entender o *manuelino*, consideramos muito esclarecedora a citação de Paulo Pereira, que aqui transcrevemos, “*A arquitectura de D. Manuel (...) resulta da acumulação de opções: umas vêm na continuidade da arquitectura quatrocentista e do gótico internacional despojado; outras representam a continuidade da arquitectura «ao modo de Inglaterra»; outras ainda são a incorporação total ou pontual de motivos mudéjares e mouriscos; outras resultam da introdução de tipologias mediterrânicas e de tipologias norte-europeias, combinadas e conjugadas; ainda por fim outras resultam da absorção de formulários decorativos proto-renascentistas (...); a tudo isto acrescenta-se o peso brutal da iconografia heráldica manuelina.*

*Desta aparente confusão, gerou-se o equívoco, e a partir do equívoco gerou-se a certeza da existência de uma individualidade criativa (...) Por isso se pode evidentemente dizer que o manuelino é uma expressão do gótico tardio; mas para a tradição cultural portuguesa isso não chega para definir um monumento do tempo de D. Manuel. Porque é quase sempre necessário dizer desse monumento: é gótico tardio e que mais? É manuelino”.*<sup>5</sup>

## **2 - O Manuelino algarvio**

O Algarve tem sido entendido como uma região com um património monumental escasso e pobre, por vários motivos. A distância ao poder central sediado em Lisboa ou Évora, vários e desastrosos sismos ao longo de vários séculos, a exposição a piratarias quer norte africanas

---

<sup>4</sup> Cf. Paulo Pereira (dir.) *História da Arte Portuguesa*, C. Leitores, 1995, vol. 2, p.51.

<sup>5</sup> Paulo Pereira (dir.) *História da Arte Portuguesa*, C. Leitores, 1995, vol. 2, p.55.

quer norte europeias aliadas a uma recente intervenção pseudo impulsadora de um desenvolvimento turístico simplesmente desordenado e especulativo, tudo tem contribuído para esta ideia<sup>6</sup>. Apesar disso, uma observação mais atenta no âmbito da História da Arte revela a existência de uma riqueza patrimonial insuspeitada, e no nosso caso concreto, para o estudo que nos propomos fazer situado numa cronologia apontada para os últimos anos do século XV e o primeiro quartel do seguinte. Isto corresponde ao período do reinado de D. Manuel I e serve para designar o que surge no património cultural construído denominado como manuelino.

Verifica-se em toda a região algarvia uma quantidade de manifestações artísticas que se enquadram nesta terminologia e que não deixam margem para dúvidas. Afinal, este território possui um bom acervo, ainda nos tempos actuais, de testemunhos manuelinos em igrejas, conventos, capelas e casas nobres. As provas encontramos-las nos portais, vãos diversos, cantarias e abóbadas, colunas e decorações e também nas planimetrias dos edifícios relacionados pois o grande suporte da expressão artística manuelina é a arquitectura.

O Algarve, dada a sua proximidade com o norte de África e até pelas características da sua faixa litoral, de bons portos, enseadas e praias viradas a sul, desempenhou um importante papel na Expansão Portuguesa, especialmente na sua fase inicial. Sabe-se que devido a essas mesmas razões, houve um desenvolvimento e um desafogo económico<sup>7</sup> que permitiram a elaboração de projectos que tiveram mesmo uma certa linha de continuidade. Referimo-nos à existência de relações e afinidades nos motivos decorativos presentes em portais e outros elementos especialmente em igrejas disseminadas por toda a região<sup>8</sup> válidas para o manuelino mas também mesmo para o renascimento, cruzando-se e insinuando-se uma ou outra situação<sup>9</sup>. Existem também vários conjuntos de acentuado cariz regionalista com algumas afinidades estilísticas. Parece ter havido oficinas com criatividade e capacidade executora, ainda que por vezes algo heterogénea, aliás, situação inerente à própria realidade artística da época e a que atrás já aludimos.

Pelas razões referidas, especialmente as relacionadas com a posição geográfica de proximidade com África, sabe-se que passaram por aqui algumas personalidades importantes daquele tempo . Muitas vezes fazendo escala para seguir viagem, organizando as estratégias de conquista e defesa dos novos territórios, acabavam por actualizar o panorama cultural algarvio pela influência que traziam de outras partes de Portugal. Um exemplo foi Diogo

---

<sup>6</sup> Cf. José Eduardo Horta Correia, *O Algarve em Património*, Olhão, 2010, pp.27-30.

<sup>7</sup> Cf. Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve Económico 1600-1773*, Lisboa, 1993.

<sup>8</sup> Manuel Francisco Castelo Ramos, *Xelb 3, Silves nos Descobrimentos*, p.79 e segs.

<sup>9</sup> Cf. José Eduardo Horta Correia, *Op. cit.*, p.28.

Boitaca, um dos grandes mestres do manuelino que a partir de 1510 e pelo menos até 1515 passa várias vezes pelo Algarve em deslocações ao norte de África onde dirige a construção de fortalezas.<sup>10</sup>

Neste âmbito, o próprio rei D. Manuel I teve uma certa relação com o Algarve, desde o falecimento de D. João II que aqui ocorreu e facto que o catapultou para o trono, a necessidade de trasladar o corpo do seu antecessor de Silves para a Batalha, a proximidade com o norte de África entre outras razões e que eram motivos que mantinham presente no seu espírito referências à região. Aliás, esta proximidade com as praças portuguesas de além-fronteiras eram razão para uma certa importância concedida às cidades do litoral, nomeadamente Tavira, de onde saíam os apoios logísticos especialmente para a zona do Magreb.

### **3 – Monumentos – conceito e importância**

O conceito de monumento histórico, que tem que se ter em conta para esta dissertação sobre o estudo da igreja de Monchique, surgiu em França nos finais do século XIX e inícios do XX e foi-se consolidando à medida que alguma discussão se travou acerca de questões relacionadas com restauros, modernização das cidades do ponto de vista das edificações, turismo cultural e outros temas.

A afirmação de que os edifícios antigos já não servem tanto para testemunhar um conhecimento e um saber mas mais para servir um sentimento, é a razão que introduz o estudo do que podem ser considerados monumentos históricos à luz da história da arte, embora aqui o sentido de edifício seja redutor pelo facto de um estudo mais aprofundado ter necessariamente de cobrir outros aspectos que não só as estruturas físicas.

Antes de mais, convém recordar que um monumento é algo que serve para interpelar a memória. Fazer recordar aos contemporâneos ou aos vindouros algo que precise de ser convocado para manter uma identidade comunitária seja ela de que natureza for. Actualmente, o conceito de monumento evoluiu para um patamar em que se consideram factores como a beleza e a estética mas também a mestria técnica ou até as dimensões. Serve para marcar também um tempo ou uma atitude.

---

<sup>10</sup> Paulo Pereira (dir.), História da Arte Portuguesa, vol II, 1995, p.52



A imprensa e a fotografia têm vindo a fazer surgir reflexões novas sobre estes conceitos. Se a imprensa tem a capacidade de registar e tornar memorável a cronologia da história a fotografia significa a sua prova numa referência que se autentica e capaz de fazer regressar ao presente, de uma forma quase alucinatória, as imagens de um passado que já não existe.

Para o monumento histórico a autenticidade e a historicidade fazem parte da própria essência do objecto, seja ele qual for. Podemos tomar como exemplo o caso de uma personalidade qualquer que tem, nos tempos que correm, mais possibilidades de ser lembrado, seguido, revivido, entendido, pelas visitas à casa onde nasceu e pelo contacto e exposição dos objectos com que privou ao longo da vida, do que pela estátua que foi colocada num recanto de um jardim público. Justifica-se desta forma a importância que um edifício, uma rua, um bairro, até uma cidade inteira, pode ter como monumento histórico pois apesar de não ter tido na sua génese o pressuposto “monumental”, quer estético quer de antiguidade, assume agora um papel reconhecido no contexto que o cerca<sup>11</sup>.

A importância dos monumentos históricos é sempre elevada e carece de uma compreensão e estudo muito grandes. Os objectos que sejam entendidos sob esta classificação serão páginas do livro enorme que é o conhecimento humano no que respeita à trajectória de um indivíduo, de um grupo ou até de um povo. Os edifícios religiosos mais ou menos imponentes, as fontes onde a água jorra, os palácios onde os poderosos vivem, as habitações comuns com as marcas que o tempo lhes vai imprimindo e as conjunturas económicas, culturais ou artísticas vão modelando, as razões que levam a que surja uma rua num determinado sentido ou um caminho noutra, tudo pode vir a ser considerado monumento histórico.

---

<sup>11</sup> Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, Edições 70, Lisboa, 2000.

## **CAPÍTULO II - A IGREJA MATRIZ DE MONCHIQUE E O CRESCIMENTO URBANO DA LOCALIDADE**

### **1 – Consolidação urbana do “lugar” de Monchique - caracterização geoeconómica e social, do séc. XV até ao séc. XVIII**

O aglomerado urbano de Monchique situa-se a meia encosta da serra do mesmo nome, aninhado numa espécie de concavidade virada a nascente, sobranceira a um vale fértil e arborizado sobre o qual há uma boa visibilidade.



*Figura 1 – Vista geral da vila de Monchique a partir da Picota.*

Foto do autor, 2005

Os terrenos são fáceis de manipular e há uma relativa abundância de nascentes de água, ainda possíveis de encontrar actualmente.

Todas estas razões podem ter estado na base da ocupação desta região e um povoado se ter começado a esboçar neste local propício a uma maior tendência para a sedentarização.

Esta tese encontra suporte em vários testemunhos que revelam, apesar da dita continuidade, fases assumidamente mais marcantes de desenvolvimento do lugar tendo como ponto de partida um "núcleo pré-urbano".

Houve uma comprovada ocupação romana e a provável existência de um caminho de ligação ao que hoje é Alentejo, através da serra, e que passaria próximo da actual povoação de

Monchique<sup>12</sup>. Mesmo sem provas pode pensar-se, com alguma lógica, na exploração agrícola, numa estância de *mansio* para descanso dos viajantes ou apenas num posto de guarda para segurança de quem por aqui passava.

É muito plausível que nalgum local da encosta houvesse um ponto de vigia com alguma guarnição e a posição onde se situa a vila ou até um pouco mais acima teria óptimas condições estratégicas para isso. A zona que se designa ainda hoje por Castelo (parte superior da vila) e o assentamento onde se ergue o Convento de Nossa Senhora do Desterro adequam-se a essa possibilidade embora nos pareça que o local mais plausível possa ter sido onde esteve edificado o demolido Colégio de Santa Catarina<sup>13</sup>.



Figura 2 – Fotografia aérea da vila- sinalização do autor

Foto cedida pela Câmara Municipal

↓ Igreja matriz

↓ Provável núcleo genético

↓ Possível localização do “castelo”

Apesar de até agora não se conhecerem sepulturas ou outros testemunhos de ocupação humana da época pré e proto-histórica no espaço actual da vila, o que se compreende pela continuidade da presença de gentes e conseqüente renovação do tecido urbano, não se deve menosprezar essa possibilidade. Como suporte desta hipótese temos as evidências - artefactos e outros indícios encontrados na zona e já referidos por outros estudiosos.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Cf. Sandra Rodrigues, *As Vias Romanas do Algarve*, Faro, 2004, p.73.

<sup>13</sup> Cf. José Gonçalo Duarte, *Dando Logar a Monchique*, p. 23-25.

<sup>14</sup> Cf. José António Guerreiro Gascon, *Subsídios para a Monografia de Monchique*, 1955, pp. 32-52; Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 2005.

Monchique, até à elevação a concelho em 1773, aparece sempre designado como "lugar" ou "logar", o que indicia um aglomerado urbano não muito importante, apesar de duzentos anos antes com D. Sebastião já justificar uma separação do termo de Silves.

O lugar de Monchique aparece referenciado pela primeira vez, de forma objectiva, em fontes escritas que chegaram aos nossos dias datadas de 1495. Depois dos escritores muçulmanos, que falando de Silves sempre chamavam a atenção para Munt Sàquir ou Shaquir, a *Montanha Sagrada* que lhe ficava próxima<sup>15</sup> foi "Garcia de Resende, moço de escrevaninha de el-rei D. João II"<sup>16</sup> que deixou em crónica a viagem desse rei, a derradeira, saindo de Alcáçovas em 15 de Outubro de 1495 para se tratar nas águas das Caldas. Diz o cronista que (...) *veio no Sábado 18, dormir a Monchique, onde esteve no Domingo folgando com os lutadores da terra e corte e fez lutar a Aires Teles que ganhou as fogaças.*

*Antes de partir fez El-rei doação ao povo de Monchique de um baldio na Serra da Foia (...).*

*(...) Na segunda-feira de manhã seguiu para as Caldas ...*

Vimos assim que o rei dormiu duas noites e passou todo um Domingo em Monchique, divertindo-se com as suas gentes. Também doou um baldio na Foia, para o povo, o que deixa perceber a existência do lugar e um povoamento de algum significado embora muito provavelmente ainda sem estrutura urbana organizada.

Enfatizando a ideia segundo a qual se o *Príncipe Perfeito* dormiu duas noites em Monchique antes de seguir para as Caldas, que distam apenas cerca de cinco quilómetros, é porque haviam para isso condições de alojamento e apoio logístico à comitiva real. Certamente que foi aplicado o direito de aposentadoria que garantia ao rei e até aos nobres alojamento e alimentação por onde quer que passassem. Diz a Crónica citada que o rei *esteve no Domingo folgando com os lutadores da terra*. O espaço natural para os folguedos teria que ser um espaço aberto e livre e dada a condição física débil de D. João II nunca poderia ficar muito longe do local onde se hospedava. Não há em Monchique nem nas Caldas indicação alguma dos edifícios onde se acolheu o rei,<sup>17</sup> o que é compreensível pois desde essa altura já houve muitas alterações urbanas tanto da responsabilidade dos homens como por factores naturais, como vários terramotos. Acresce o facto de muitas construções à época serem construídas com materiais de pouca durabilidade ou consistência como madeira, terra, etc. (...) *de Norte a Sul do País, a construção da casa corrente medieval caracteriza-se pela junção de materiais*

---

<sup>15</sup> Cf. Rosa Varela Gomes, *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura*, p. 54.

<sup>16</sup> Cf. José António Guerreiro Gascon, *Subsídios para a Monografia de Monchique*, 1955, p. 248.

<sup>17</sup> Cf. José António Guerreiro Gascon, *Subsídios para a Monografia de Monchique*, p. 251.

*diversos, sem que nenhum detenha a exclusividade. (...)*<sup>18</sup>. Isto aplica-se também a casas de gente de mais alguma importância social mas é a casa corrente de habitação que não tem particularidades de leitura imediata e é, pela sua própria natureza, a tipologia (se assim se pode chamar) que mais persiste no tempo não sofrendo os efeitos das correntes artísticas ou outras acções condicionantes, pelo que se torna difícil a sua interpretação cronológica sem um estudo mais aprofundado e de cariz cientificamente mais complexo.

A Crónica de Garcia de Resende não avança com nomes de pessoas nem locais exactos mas refere o lugar de Monchique e os seus habitantes, o povo, a quem o rei doou o baldio da Fóia. Pensamos que ainda se sentem marcas do arranjo do espaço, testemunha desse tempo, embora já com cinco séculos de permeio.

Outro visitante régio a estas paragens foi D. Sebastião. Note-se que os cronistas da época - João Cascão, 1573; Fr. João de S. José, 1577 e um pouco mais tarde Henrique Fernandes Sarrão, 1607<sup>19</sup> - referem Monchique como reunindo trezentos moradores e que este rei visitou o local por mais que uma vez e de forma propositada.

João Cascão situa mesmo em 26 de Janeiro de 1573 a elevação deste lugar a vila, o que acabou por não se concretizar por oposição forte de Silves<sup>20</sup>. Borges Coelho<sup>21</sup> não refere Monchique no quadro em que apresenta os povoados algarvios com mais de cem fogos, o que vem confirmar os dados referidos pelos autores acima citados, ou seja uma população inferior a quatrocentos habitantes, considerando que cada fogo teria em média quatro ocupantes.

A importância que Monchique tinha nessa altura, segunda metade do século XVI, relacionava-se com a existência das termas próximas, a localização na serra, sua beleza e condição aprazível, abundância de madeiras e de boas pastagens e a proximidade com a Foia (situada a 902 m de altitude) o que permitia a vigilância sobre a costa<sup>22</sup>, situação intrínseca que ia sendo paulatinamente assumida. Certamente, não seria alheia a esses factores a anterior fundação da freguesia com a construção da igreja matriz onde, em 1573, D. Sebastião teria ouvido missa<sup>23</sup>.

Um documento apresentado por Silves nas Cortes de Lisboa, em Janeiro de 1641, refere "Um lugar que chamam Monchique, do termo desta cidade que está muito afastado dela que vão cinco leguas, é necessário haver nele escrivão do judicial e notas para boa arrecadação das

---

<sup>18</sup> Cf. Luisa Trindade, *A Casa Corrente em Coimbra dos finais de Idade Média ao Início da época Moderna*, p. 79.

<sup>19</sup> Isabel Carneiro e Nuno Campos, *O concelho de Monchique e as suas Armas Municipais*, pp. 32-33.

<sup>20</sup> Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve Económico 1600-1773*, Lisboa, 1993, p. 112.

<sup>21</sup> Borges Coelho, *Quadros para uma Viagem a Portugal no séc. XVI*, pp. 144-145

<sup>22</sup> Augusto Silva Carvalho, *Memórias das Caldas de Monchique*, p.25

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 23

sisas e fazer testamento aos doentes (...)”<sup>24</sup> e ainda a informação de que o "logar" tinha em 1671 "quinhentos visinhos" (...) e um convento de religiosos o que justificava a criação de um partido médico (alvará de vinte e oito de Abril de 1671)<sup>25</sup> e apareciam classificadas as pessoas de Monchique como "ricas & abastadas"<sup>26</sup>. Dados concretos que corroboram o anterior alvará de D. Filipe II de 10 de Novembro de 1606 que permitia aos moradores de Monchique "gastar das Rendas do conselho do dito Lugar dez cruzados cada hum anno nas seruentias e calçadas delle" e que ficavam isentos do pagamento da tença real sem dever qualquer obrigação a Silves<sup>27</sup>.

Estes dados mostram que nos séculos XVI e XVII a povoação de Monchique cresceu e estruturou-se.

Quanto à igreja matriz da povoação de Monchique, foi construída, provavelmente, no primeiro quartel de quinhentos e a Misericórdia fundada (e construída a igreja) talvez no início do terceiro. Desta última instituição, até agora, de concreto, sabe-se de uma escritura datada de 1602 relativa à compra de uma casa para se fazer o hospital e que confrontava com a igreja<sup>28</sup>. Há também o termo de abertura de um "tombo novo p<sup>a</sup> se escreverem todos os bemys da myzerycordia deste lugar de mōxique pelo tombo velho estar ya muito velho (...)” com a data de "mil e seis sentos e trymta ãnos (...)”<sup>29</sup>.

A este fenómeno de crescimento não foi alheia a conjuntura do "Algarve que no século XVI atingiu um elevado nível de urbanização"<sup>30</sup>, embora concentrasse mais população no litoral. Esse estado não durou muito, pois em 1591 já "o peso das cidades está a aliviar"<sup>31</sup>, desurbanizando-se e ruralizando-se a sociedade algarvia desde aí até pelo menos ao terceiro quartel do século dezoito, situação que foi sustida pela acção pombalina, através das medidas tendentes à “Restauração do Reino do Algarve”.

"Entre 1631 e 1672 é nítido o progresso da serra"<sup>32</sup> e Monchique está entre as freguesias que assumem uma densidade populacional de dois a quatro fogos e meio por quilómetro quadrado opondo-se a um grupo colocado entre zero e dois fogos. Romero de Magalhães<sup>33</sup>

---

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 28

<sup>25</sup> Idem, ibidem, p.29

<sup>26</sup> Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano dos Santos Varoens*, Tomo II, p. 654, citado in Isabel Carneiro e Nuno Campos, *O Concelho de Monchique e as suas Armas Municipais*, 2003, p. 41.

<sup>27</sup> IAN/TT, *Chancelaria de D. Filipe II*, Lv. 11, Fl. 156v, citado in Isabel Carneiro e Nuno Campos, *O Concelho de Monchique e as suas Armas Municipais*, pp. 39-40.

<sup>28</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., p. 209.

<sup>29</sup> Idem, ibidem, p. 209.

<sup>30</sup> Joaquim Romero Magalhães, op. cit., p. 103.

<sup>31</sup> Idem, ibidem, p. 103.

<sup>32</sup> Idem, ibidem, p. 117.

<sup>33</sup> Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve Económico 1600-1773*, p. 223.

que temos vindo a citar refere de seguida "Datemos, pois, sem receio de erro, de princípios do século XVIII, o crescente aproveitamento das madeiras, especialmente das de Monchique. Madeiras de castanho que em 1734 já se extraem para todo o Algarve e para Castela "por negócio". Nas feiras do Algarve os carpinteiros de Monchique passam a estar sempre presentes (...)".

Pela leitura destas várias referências a Monchique, tanto à serra como à própria povoação com esta designação, fica a ideia de desde muito cedo haver condições para um pequeno aglomerado urbano, não planificado mas que foi persistindo no tempo sem nunca ter tido um desenvolvimento exponencial mas ainda assim contínuo. Esta situação justifica de *per si* a fundação da freguesia e a consequente edificação da igreja matriz no mesmo local onde atualmente se encontra e com a dimensão que ainda hoje apresenta.

## **2 – A nova centralidade no séc. XVI em Monchique – a Praça, a Igreja Matriz, a Rua Direita e a Misericórdia**

A criação da freguesia/paróquia, a construção da igreja matriz e a fundação da Santa Casa da Misericórdia com o consequente levantamento da igreja são factos que embora não se tenham determinado as suas datas com exactidão, podem situar-se com alguma segurança entre 1450 e 1550.

É nossa convicção que quando D. João II veio tratar-se para as Caldas, em 1495 já a freguesia existia com uma pequena igreja, destinada ao culto colectivo, onde se situa actualmente a igreja matriz. Mesmo que assim não fosse, sabe-se que a criação da freguesia nunca será posterior à primeira metade do século XVI<sup>34</sup> até porque o actual templo tem fortes testemunhos manuelinos das décadas iniciais quinhentistas<sup>35</sup>.

As figuras 3 e 4 e o texto das páginas seguintes têm a intenção de procurar fundamentar estas hipóteses.

---

<sup>34</sup> Isabel Carneiro e Nuno Campos, op. cit., p. 37.

<sup>35</sup> Manuel Francisco Castelo Ramos, *Xelb 3, Silves nos Descobrimentos*, pp. 122-124.





A igreja da Misericórdia situa-se a pouca distância da Matriz, geograficamente, mas actualmente tem um quarteirão de permeio, que remonta na sua quase totalidade aos finais do século XIX embora alguns dos edifícios possam ser de fundação setecentista.

O largo fronteiro à Misericórdia designava-se por largo do Pelourinho onde o mesmo esteve colocado e por ficar perto do edifício da Câmara que funcionou na rua do Açougue.

Como o concelho só foi criado em 1773 esta situação é recente na História local e o fragmento do pelourinho<sup>36</sup> que se encontra, atualmente, no átrio do edifício da Câmara Municipal é neomanuelino, datável de finais do século XVIII assim como aquela designação toponímica do largo. No entanto, nada obsta a que a rua do Açougue, onde até há cerca de trinta anos o mesmo aí esteve instalado, não seja de existência mais recuada e já relacionada com comércio e abate de animais. Não pode esquecer-se que esta rua entronca na rua do Corro e que até meados do século XX havia a Quinta com esta designação muito próximo onde está actualmente construído o mercado municipal e localizava-se aí a fonte do Corro emprestando o nome ao largo fronteiro<sup>37</sup>. De tudo isto apenas subsiste na toponímia a rua. O seu interesse está precisamente na palavra "corro" que pode ter um sentido de curro ou curral e relacionar-se com os animais que aí poderiam ser guardados e abatidos e seguirem depois para o açougue<sup>38</sup>.

De um ponto de vista mais relacionado com a História do Urbanismo merece atenção o facto da rua do Corro ter início junto ao adro da igreja matriz e desembocar no que foi um largo onde há poucas décadas se fazia uma parte da feira anual e que é uma das "portas" da vila. A rua do Açougue que liga àquela rua chega até à igreja da Misericórdia cujo adro se confunde com a Praça, em cujo extremo oposto se situava a Cadeia Velha. O conjunto fica completo com a rua da Igreja e respeita os princípios da "nova centralidade" manuelina e posterior, embora o concelho surja apenas em 1773, duzentos anos depois da promessa não efectivada de D. Sebastião em 1573<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., p. 173.

<sup>37</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., p. 162.

<sup>38</sup> A. H. de Oliveira Marques, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, p. 147.

<sup>39</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., pp. 145-146.

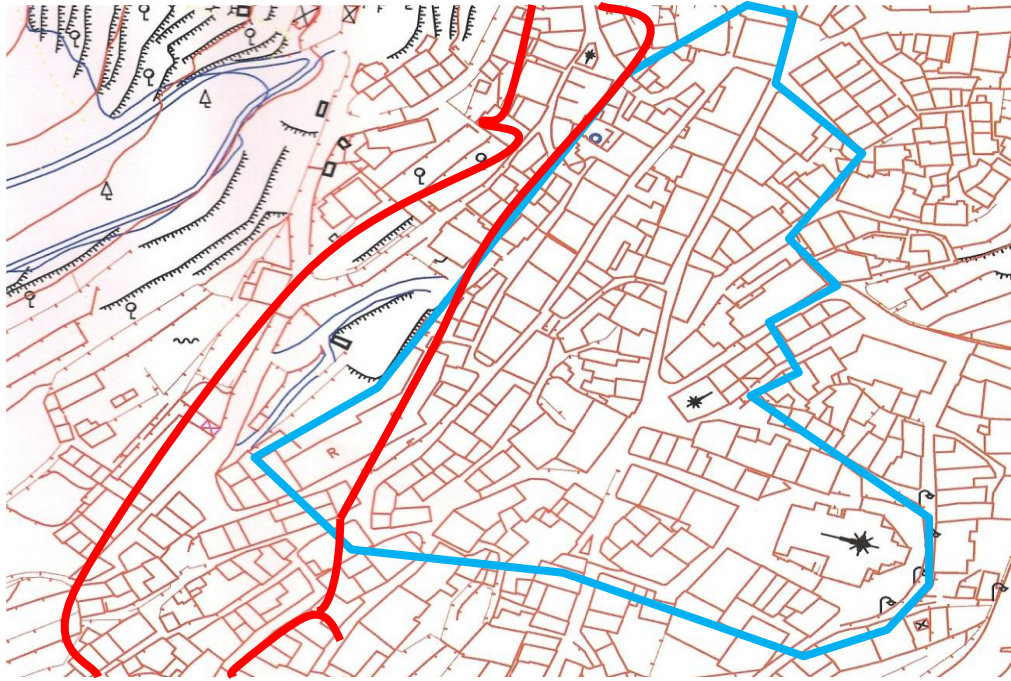


Figura 4 – Delimitação da zona do provável crescimento quinhentista da povoação, traço azul, e o possível núcleo urbano anterior, traço vermelho. Fora destes limites corresponde aos séculos XIX e XX.

A Igreja da Misericórdia, como anteriormente foi referido, deve datar da segunda metade do século XVI pois há notícias de estar já construída em 1602<sup>40</sup>. Tem no exterior alguns testemunhos em pedra, expressos nuns cunhais almofadados e na moldura da porta, de verga recta, sulcada por linhas paralelas, com um ressalto que desproporciona um pouco o conjunto, mas que usa já a



Figura 5 – Igreja da Misericórdia, séc. XX, anos 40  
Foto cedida pelo Jornal de Monchique

gramática renascentista. O edifício do Hospital encostava-se atrás do templo, tendo sofrido algumas alterações, assim como a fachada da igreja, durante o século XX e é actualmente Centro de Dia para Idosos. Parece cumprir-se, também aqui, a tendência da época em

<sup>40</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., p. 222.

localizar as estruturas hospitalares e afins na periferia das localidades<sup>41</sup>, o que comprova a ideia de que toda a povoação se situava na zona mais elevada e orientada a oes-sudoeste.

O conjunto formado pela Igreja da Misericórdia e edifício do antigo Hospital é circundado pelas Rua e Calçada de Santo António que se reúnem junto à ermida desta invocação.

Esta ermida, que ostenta molduras chanfradas talvez quinhentistas nos vãos da fachada, com decorações nas ombreiras da porta que tipologicamente nos remetem para reminiscências manuelinas, integra-se no que resta da Quinta de Santo António, uma das que ainda se insere no perímetro da vila.

O que se descreveu como matriz inicial do "lugar" a partir de um núcleo pré-urbano que se deslocou e desenvolveu próximo de uma estrutura de poder ou similar, consolidou-se agora já com uma estrutura urbana.

A nova centralidade, surgida nos finais do século XIV e inícios do seguinte, em que a alta começa a dar lugar à baixa<sup>42</sup>, de forma mais generalizada, também se compreende aqui. Do Castelo e envolventes, núcleo genético do povoado, desce-se para o largo que se torna praça.<sup>43</sup> Ainda continua a funcionar como local de encontro e mercado semanal onde alguns agricultores vendem directamente os géneros que produzem e que acaba por servir também de local de convívio, especialmente depois da missa dominical da manhã, na igreja matriz<sup>44</sup>.

Apesar do topónimo actual ser praça Alexandre Herculano, a população não a conhece com essa designação. Até a casa nobre aqui localizada, com vestígios também quinhentistas, expressos na volumetria, nas molduras de pedra local dos vãos, chanfradas, pertencente a uma das famílias de maiores posses do concelho, é conhecida por Casa da Praça. Esta Praça, actualmente, é pouco mais que uma rua com um recanto, por culpa de um urbanismo mal regulado, mas foi um espaço grande que chegava até à igreja matriz ou que se diferenciava mal da rua da Igreja articulando-se com o largo da Misericórdia.

Por volta de 1950 a camioneta que fazia a carreira de passageiros entre Portimão e Monchique estacionava ainda na Praça<sup>45</sup>. Também os ditos *carros de praça* (agora só já

---

<sup>41</sup> Margarida Tavares da Conceição, *Da Vila Cercada à Praça de Guerra, Formação do Espaço Urbano em Almeida*, Lisboa, 2002, p. 67.

<sup>42</sup> Walter Rossa, op. cit., p. 377.

<sup>43</sup> Walter Rossa, op. cit., p. 226.

<sup>44</sup> Este mercado semanal deixou de realizar-se exclusivamente neste local em Julho de 2005, mantendo-se apenas em dois domingos do mês.

<sup>45</sup> Passou para o Largo dos Chorões, ao que se sabe por ter esmagado uma pessoa contra uma parede devido à exiguidade de espaço para manobrar.

designados por táxis) apenas dali saíam na década de 70. Por estas e outras razões<sup>46</sup> se percebe a importância que a Praça apresentava na história urbana local.



Figuras 6 e 7 – Aspeto do Largo e da Casa da Praça



Fotos do autor, Setº 2005 e Março 2012



Figuras 8 e 9 – Aspeto da rua da Igreja e do mercado de produtos locais na Praça, ao domingo de manhã.

Fotos do autor, Setº 2005

Algumas escrituras do século XVIII<sup>47</sup> referem toponímia que persistiu até aos dias de hoje e que nos dá ideia da articulação da zona onde se localiza a igreja matriz à parte mais alta do povoado conhecida como Castelo. Tal como se observa nas figuras 3 e 4, a igreja marca a “abertura” de vias que passam a dar uma nova centralidade à povoação.

<sup>46</sup> Nós próprios assistimos a pregões, anunciando actividades diversas, a partir do "alto da Praça" e à colocação dos editais oficiais nesta zona até por volta do ano 2000.

<sup>47</sup> Ver Anexo I

Começa na Praça a Rua Direita<sup>48</sup>, que segue a orientação sul-norte. Esta rua assume o conceito de ser a Rua Directa que nas localidades portuguesas sempre surge ligando uma importante zona urbana a uma porta ou ponto de passagem.<sup>49</sup>

A rua Direita, onde se situavam as lojas e estabelecimentos comerciais e mesteirais, especialmente sapateiros, liga a Praça ao largo da Portela<sup>50</sup> ou simplesmente Portela que como

o nome indica é uma espécie de porta virtual da povoação para o lado norte da serra. Neste pequeno largo, onde desembocam cinco ruas, fica a antiga ermida de São João, agora do Senhor dos Passos e que poderia ter uma função protectora dirigida especialmente a quem saía ou entrava da localidade por este acesso. Aliás, o mesmo se passava com a ermida de São Sebastião e com a de Nossa Senhora do Pé da Cruz. A comprová-lo está o facto de estas três pequenas igrejas, situadas junto aos caminhos de acesso a Monchique, pertencerem ainda agora à Fábrica da Igreja.



*Figuras 10 e 11 – Rua Direita (actual Rua Dr. Samora Gil). Na foto inferior está assinalada a fachada da casa de características quinhentistas. Fotos do autor, Outubro/2005*

Todas as restantes ermidas que existiam eram propriedades de particulares e perderam o uso, embora fossem integradas no percurso dos vários bispos da diocese do Algarve quando aqui se deslocaram em visitas pastorais. Há notícias de visitas a todas elas desde o século XVIII<sup>51</sup>.

<sup>48</sup> Actual Rua Dr. Samora Gil.

<sup>49</sup> Walter Rossa, op. cit., p. 223.

<sup>50</sup> Actual Largo Comendador José Joaquim Ágoas

<sup>51</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., p. 239.

Encontrava-se na rua Direita, no segundo terço, à esquerda, uma casa de traça quinhentista habitada até há poucos anos e que foi demolida recentemente (figuras 10 e 11). A sua disposição e volumetria permitiam perceber como a rua está bem delineada e sem alterações de vulto desde essa época. Do mesmo lado da rua há mais alguns edifícios que embora já sofressem arranjos e algumas alterações parecem apresentar ainda características coevas da casa referida anteriormente o que mostra como a ideia da povoação se ter desenvolvido de cima para baixo e ao longo da encosta parece correcta. Os lotes onde se situam estes edifícios chegam quase todos à rua da Boavista<sup>52</sup>, sendo estas duas ruas sensivelmente paralelas.

Considerando que a rua seja a essência do urbanismo português<sup>53</sup>, neste caso concreto parece-nos que se comprova totalmente esta aceção. A rua Direita liga a Praça à Portela, estrutura a morfologia desta parte do povoado, forma-se em paralelo com a rua da Boavista, que por sua vez é paralela à rua do Forno, agora do Relógio e que faz a contenção de uma zona onde a toponímia nos dá nomes como Santo André que em 1785 ainda era designado como arredores da vila ou travessa de Trás dos Quintais do Castelo<sup>54</sup> que chega até à rua da Fonte Velha.

Pensamos que estes dados nos indiciam com alguma segurança que estas três ruas surgiram de forma não planeada mas das circunstâncias *naturais* fruto da assimilação das regras manuelinas, do que já havia por ali antes e das necessidades de expansão que algum desenvolvimento urbano foi provocando a partir de finais do século XV.

É neste contexto que surge o edifício da igreja paroquial, aproximadamente como o conhecemos hoje e talvez como resultante de ampliação e embelezamento de estruturas culturais anteriores.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> Actual Rua Prior Francisco Jorge de Melo.

<sup>53</sup> Cf. Walter Rossa, *A Urbe e o Traço*, pp. 222-225.

<sup>54</sup> Esta designação é referida numa escritura de troca de propriedades, datada de 27 de Dezembro de 1790, em posse de particulares que nos facultaram a sua consulta, e ainda assim era conhecida em 1940, sendo presentemente apenas identificada como Travessa do Castelo.

<sup>55</sup> Cf. José Gonçalo Duarte, *Dando Logar a Monchique*, p. 46-47.

## **CAPÍTULO III - A IGREJA MATRIZ DE MONCHIQUE – UM MONUMENTO COM MARCAS MANUELINAS**

### **1 - Período de edificação – seu contexto local e regional**

A história do edifício da igreja matriz de Monchique parece surgir associada à criação da freguesia (paróquia). Embora não se disponha de fontes documentais, terá sido construído, provavelmente, nas duas primeiras décadas do século XVI, no reinado de D. Manuel, época áurea portuguesa.

Neste mesmo período foi bispo do Algarve, com sede em Silves, D. Fernando Coutinho, tendo este prelado sido o fundador do Morgadio de Monchique.<sup>56</sup>

A igreja é um monumento que tem características acentuadas do chamado estilo manuelino, com algum pendor regionalista e já a apontar alguma influência renascentista. Esta conjuntura artística é contemporânea daquelas duas personagens, pelo que se pode inferir que a sua construção terá estado relacionada com a influência de D. Fernando Coutinho, pelo menos enquanto bispo.

Esta nossa hipótese assenta, assim, em premissas que são coerentes entre si, e que seguidamente se desenvolvem, a saber: a relação do rei D. Manuel I com as ordens militares e especialmente com a Ordem de Cristo; a relação do bispo D. Fernando Coutinho com o rei e com a região da serra de Monchique; o orago da freguesia, ou seja, a invocação de Nossa Senhora da Conceição; pontos comuns com outras igrejas do Algarve, nomeadamente Matriz de Messines e Convento das Bernardas de Tavira.

#### **1.1 - A relação do rei D. Manuel I com as ordens militares e especialmente com a Ordem de Cristo**

D. Manuel I quando foi aclamado rei era o mestre da Ordem de Cristo e manteve-se assim apesar do testamento de D. João II lhe recomendar a entrega do mestrado ao seu filho bastardo D. Jorge.

A intenção do novo rei era fazer das ordens pontes para a defesa das praças portuguesas no norte de África. Reuniu um Capítulo Geral da Ordem de Cristo em Tomar, em 1503, e foram até criadas comendas para atribuir aos membros que permanecessem quatro anos naquelas

---

<sup>56</sup> Cf. João Baptista da Silva Lopes, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1848, p. 302.

paragens e mais trinta de dez mil reais cada para serem entregues a moradores que também se estabelecessem com as famílias. Mais tarde, foram aligeirados os procedimentos e bastava alguém permanecer em luta, no norte de África, durante dois anos e apresentar ao rei um documento, espécie de relatório da sua acção, e facilmente lhe seria atribuída uma destas comendas.<sup>57</sup>

Nesta lógica, e voltando ao monumento em estudo, é muito provável que a cruz de Cristo (Figura 12), de tipologia mais antiga, com todos os talhes côncavos e bem esculpida, colocada no centro das nervuras que servem a abóbada da capela das Almas seja a marca de algum comendador desta zona e que tenha assinalado a sua acção com o patrocínio desta capela.

Trata-se de um trabalho elegante, em que a cruz se inscreve no espaço interior do bocete mas sem tocar na bordadura em espiral que o circunda. Não encontramos nesta igreja outra marca heráldica e aquilo que nos alerta para a hipótese sugerida de um patrocinador da capela pertencer àquela ordem militar é o facto



*Figura 12 - Cruz de Cristo inscrita no fecho da abóbada da Capela das Almas*

Foto do autor/2011

de haver um incremento da actividade das ordens na época manuelina com algum destaque para a Ordem de Cristo pelas razões já referidas atrás, e por outro lado também por Monchique se incluir num espaço regional do seu domínio. Recorde-se a proximidade com os locais onde o Infante D. Henrique, já ele Mestre também desde 1420, circulou, num eixo que se estendia de Sagres até Silves.

Repetimos o que foi dito sobre o infante D. Henrique também em relação a D. Manuel I. Sendo ele responsável por aquele mestrado, com forte domínio desde Sagres, Lagos, Silves e respectivos envolventes, a dinâmica urbana que se entende ainda agora na povoação de Monchique é coerente com a sua gestão dos territórios, a definição de novas centralidades e necessidades na utilização dos recursos. Parece-nos que este templo se enquadra perfeitamente nesta conjuntura e o referido fecho das nervuras ajuda a não deixar perder

<sup>57</sup> Cf. Luis Filipe Oliveira e Fernanda Olival, *Ordens Religiosas Militares*, 2010.



completamente a memória da acção daqueles tempos e que tinha o empenhamento de reis e bispos.

A quase ausência de simbologia heráldica na igreja matriz de Monchique, muito embora possa ter havido algum patrocinador, parece indicar que a sua construção, no geral, se deve à iniciativa da Igreja, integrada certamente na vontade de proporcionar uma vivência religiosa com toda a dignidade às populações desta zona da serra.

Como vimos anteriormente, a referência que o cronista de D. João II faz a Monchique onde o rei pernitoou duas noites e a doação que fez de um baldio na Fóia, ao povo, pressupõe uma razoável ocupação humana e daí decorre a necessidade de um templo digno para a povoação.

## 1.2 - A relação do bispo D. Fernando Coutinho com o rei e com a região da serra de Monchique

A figura de D. Fernando Coutinho relaciona-se com a igreja matriz de Monchique por várias razões. Desde logo pela questão geográfica, pois para além de pertencer à diocese do Algarve,



Figura 13 - Lápide da sepultura de D. Fernando Coutinho, na Sé de Silves

incluía-se no termo de Silves, onde o bispado se assentava e pelos interesses pessoais que o

próprio bispo detinha nesta região em concreto<sup>58</sup>. Importa então conhecer um pouco melhor a figura deste prelado, que não foi das menos importantes do episcopado quer algarvio quer nacional. Fernando Coutinho nasceu, muito provavelmente, em Montemor-o-Velho cerca de 1465, segundo Fortunato de Almeida na sua *História da Igreja em Portugal*. Era oriundo de quatro das mais importantes famílias da nobreza portuguesa, Silva, Meneses, Coutinho e Cunha. Em 1488, um documento papal refere-o como estudante em Pisa onde se doutorou em leis civis e canónicas.

<sup>58</sup> É provável que o bispo possuísse alguns bens em Monchique, pois já na primeira conquista de Silves D. Sancho I nomeou para primeiro bispo da novel diocese um D. Nicolao que dotou para subsistência com várias rendas entre as quais “ter e possuir perpetuamente o Castello chamado de Monchique, com todos os seus termos antigos e modernos”- Cf. João Baptista da Silva Lopes, *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, p.133.

Exerceu vários cargos importantes até ser nomeado bispo de Lamego em 1492 por D. João II e fez parte da embaixada que este rei enviou a Roma, em 1493<sup>59</sup>, para negociar com o papa Alexandre VI soluções para as contendas existentes entre as coroas ibéricas e que levaram à assinatura do Tratado de Tordesilhas em 1494. Foi também Regedor das Justiças da Casa da Suplicação com D. João II e com D. Manuel I até cerca de 1500. Em 1501, segundo o já citado Fortunato de Almeida ou em 1502, segundo Anselmo Braancamp Freire, foi transferido ou fez troca para a diocese do Algarve seguindo D. João Camelo Madureira, até ali bispo de Silves, para Lamego a ocupar a vacatura gerada. O prelado algarvio agora empossado manteve-se no cargo até à morte<sup>60</sup> que lhe ocorreu em 1537, em Ferragudo, segundo a inscrição da sua lápide funerária, na Sé de Silves, colocada ao lado da sepultura que foi de D. João II<sup>61</sup>.

Do ponto de vista da governação religiosa e espiritual, o novo bispo promoveu a evangelização das populações com o apoio das ordens religiosas, criando ou estimulando a criação de conventos, quer masculinos quer femininos. É o caso do convento do cabo de S. Vicente em primeiro lugar, seguindo-se Faro, Lagos e Silves<sup>62</sup>. Estes dois últimos acabou por doá-los a D. Manuel I para que o rei proovesse a sua continuidade<sup>63</sup>. Em Tavira, também o rei terá dado seguimento ao projecto de D. João II de fundar um mosteiro de Clarissas, ramo feminino franciscano, mas D. Fernando Coutinho, referindo a perda dos princípios franciscanos da comunidade local masculina, influenciou a sua entrega às seguidoras de S. Bernardo, cistercienses, e entregou o governo a uma sua irmã, D. Branca Coutinho, tornada assim abadessa<sup>64</sup>.

O bispo D. Fernando Coutinho, pouco depois da sua tomada de posse na diocese algarvia mandou construir um farol no cabo de S. Vicente e umas casas de habitação<sup>65</sup> onde residia

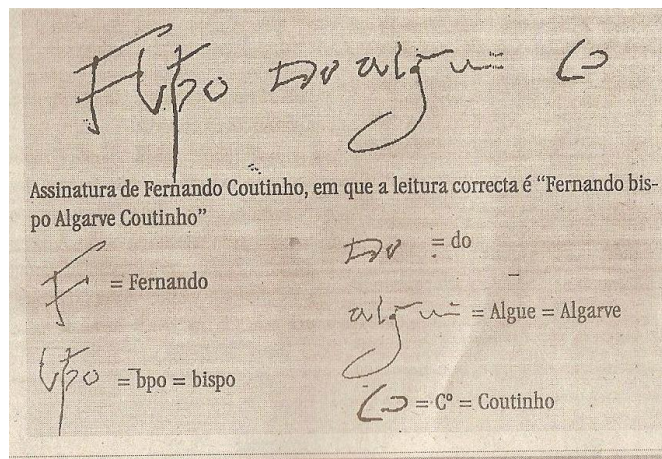


Figura 14 - Assinatura do Bispo D. Fernando Coutinho e respectiva descodificação

Jornal de Monchique, nº 182, artigo de Nuno Campos

<sup>59</sup> João Baptista da Silva Lopes, *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, p. 294.

<sup>60</sup> João Baptista da Silva Lopes, op. cit. p. 309.

<sup>61</sup> João Vasco Reys, *Vozes da Pedra*, Câmara Municipal de Silves, 2002, pp. 90-92.

<sup>62</sup> João Vasco Reys, op. cit. , p. 96. Segundo este autor, o convento de Silves conhecido como do "Paraiso" situava-se no sítio de Mata-Mouros, nos arredores da cidade.

<sup>63</sup> João Baptista da Silva Lopes, *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, p. 309.

<sup>64</sup> Andreia Fidalgo, *O Mosteiro das Bernardas de Tavira*, Monografia de Seminário, policopiado, 2008, p. 16

por vezes. Possuidor de uma tapada na região, onde caçava, ofereceu-a a D. Manuel numa visita que este fez ao Algarve e se deslocou ao Sacro Promontório. Em troca recebeu a igreja e freguesia de Santa Maria do Cabo, que passou a designar-se por Aldeia do Bispo. Algum tempo depois criou a freguesia de Sagres, desanexando-a daquela aldeia, actual Vila do Bispo, em 1519<sup>66</sup>.

Foi certamente por esta altura que D. Fernando Coutinho criou o morgadio de Santo António dos Casais de Monchique<sup>67</sup> de que se não sabe a data exacta mas conhece-se a intenção: resolver a vida de uma filha bastarda, D. Isabel da Silva, servindo para dote aquando do seu casamento com o alcaide-mor de Silves, Rui Pereira da Silva<sup>68</sup>.



Figura 15- Artigo publicado no nº 182 do Jornal de Monchique, da autoria de Nuno Campos

apresenta<sup>69</sup>, a instituição da freguesia e consequente construção da igreja que nos chegou razoavelmente fidedigna, se efectivaram .

A morfologia manuelina desta igreja e a sua espacialidade a apontar indícios renascentistas, parecem adequar-se à formação humanista do bispo D. Fernando Coutinho dos finais quatrocentistas em Itália, manifestada até pela oposição que demonstrou contra a instauração da Inquisição em Portugal e principalmente à conversão forçada dos judeus. Sabe-se que assumiu na prática estas suas posições absolvendo suspeitos e procurando alertar para

As pesquisas que efectuámos não nos permitiram fazer uma interpretação segura pois que nada de novo encontrámos para além daquilo que já em bibliografia vária está publicado, relacionando-se com Monchique, o Algarve, a arte manuelina e outros temas. Mesmo assim, o período de vigência deste bispado dá-nos a forte convicção de que foi por estes tempos que a feição que o urbanismo local monchiquense ainda agora

<sup>65</sup> João Baptista da Silva Lopes, op. cit. , pp. 295- 296.

<sup>66</sup> Artur Vieira de Jesus, *Vila do Bispo, uma viagem pela sua história*, pp. 43-44.

<sup>67</sup> Cf. Nuno Campos, *Jornal de Monchique nº 181*, 1999.

<sup>68</sup> João Baptista da Silva Lopes, op. cit. p. 302.

<sup>69</sup> José Gonçalo Duarte, *Dando Logar a Monchique*, pp. 53-55.

a importância da evangelização interiorizada e nunca baseada em atitudes exteriores impostas.

Outro factor que se pode achar relacionado é a sua visão alargada do mundo, influenciada certamente pela universidade de Pisa e pelas missões de carácter nacional em que participou. Como exemplo das suas posições já no reinado de D. João III, citamos a sua defesa da permanência de algumas praças do norte de África sob o domínio português enquanto o bispo de Lamego achava que Safim e Azamor deviam ser abandonadas pois o elevado número de ocupações que D. Manuel I tinha implementado custavam agora valores inoportáveis para conservar sob a bandeira lusa. O bispo de Silves, D. Fernando Coutinho, argumentava serem estas fortalezas e territórios muito importantes e deviam ser mantidos, até porque produziam(...) *muyto paño cavallos e lavradores do que seu reyno tem nesecidade (...)*<sup>70</sup>. Isto mostra que defendia uma política de produção e dinamização dos territórios que se pode ler também como aplicável à serra de Monchique, dentro do Algarve e com potencial para abastecer de bons produtos o litoral e apoiar o resultante do expansionismo quatrocentista.<sup>71</sup>

### **1.3 - O orago da freguesia, ou seja, a invocação de Nossa Senhora da Conceição**

Estas posições políticas, culturais e religiosas que os tempos de mudança ditavam e a que Portugal não foi alheio na sua tarefa de trazer *novos mundos ao mundo* com os Descobrimentos, eram simultaneamente causa e efeito de alterações do conhecimento, e obviamente, das mentalidades. Vem nesta linha uma certa situação que podemos apelidar de sentimento religioso e que tem a ver com o culto à mãe de Jesus, a Virgem Maria. Desde muito cedo que na invocação dos padroeiros para freguesias e igrejas, a figura de Maria surge, quase sempre sob a designação de Santa Maria. É uma designação que não ficou perdida com a ocupação islâmica sequer, pois, por exemplo, nesse tempo Faro era conhecida como Santa Maria do Gharb e depois Santa Maria de Faro. São muito conhecidas as Cantigas de Santa Maria, do rei Afonso X, de Castela, a situar em Faro um milagre<sup>72</sup>. Em Tavira ou em Lagos, temos igrejas e freguesias dedicadas a Santa Maria e muitas outras invocações marianas

---

<sup>70</sup> Nuno Campos, *Jornal de Monchique* nº 181, 1999.

<sup>71</sup> Cf. José Gonçalo Duarte, *Dando Logar a Monchique*, pp. 25-26.

<sup>72</sup> Revista Monumentos nº 24, pp. 18-19. (Afonso X, o Sábio, em Cantigas de Santa Maria, na Cantiga CLXXXIII, relata o milagre de Sta Maria, cuja imagem foi deitada ao mar pelos ocupantes mouros, o que fez com que nunca mais houvesse peixe no mar até ao momento da recuperação da imagem, das águas. Sucede-se imediatamente a esta atitude, grande abundância de peixe que quase fazia rebentar as redes).

espalhadas por todo o Algarve. Este culto é antiquíssimo e perdura porque nas actuais oitenta paróquias algarvias quarenta e duas têm a Virgem como orago. Uma observação mais atenta à sua distribuição geográfica dá-nos uma resposta que aponta doze destas paróquias como invocando para padroeira Nossa Senhora da Conceição assim distribuídas: três no sotavento em Martinlongo, Tavira e Faro, uma em Quarteira e as restantes oito localizadas entre Vila do Bispo e Silves.<sup>73</sup>

Retiramos daqui duas possibilidades de justificação. Uma é que o Algarve não se alheou do que estava a ser seguido pela cristandade na época e em mais de metade das suas freguesias invoca para padroeira Maria de Nazaré. A outra é que usa a invocação de Nossa Senhora da Conceição em doze sendo oito delas em espaço da presença praticamente física do bispo D. Fernando Coutinho<sup>74</sup>, onde vivia, governava, passeava, caçava ou criava condições para a família subsistir.

Esta reflexão parece-nos relevante porque se sabe que embora a vida e os actos da mãe de Jesus Cristo não estejam muito explicitados nos Evangelhos canónicos, há um conjunto de escritos denominado Evangelhos apócrifos que abordam esses temas e que tiveram muita divulgação na Idade Média e também no século XVI. Circunstância que estimulou a criação artística de forma a que ainda hoje se podem observar obras-primas que nos chegaram desses tempos e seguem representações da Anunciação da Virgem, da Coroação, da Visitação e muito recorrentemente da Assunção. É esta invocação que acaba por ser das mais importantes e de tal forma é aceite que chegou aos nossos dias como feriado a data que lhe é atribuída, quinze de Agosto.

A Assunção surgiu para justificar que Maria, após o seu falecimento e por ter tido dentro de si Deus encarnado em Jesus, não poderia corromper o corpo e então foi levada para o céu por inteiro, matéria e espírito. No entanto, se isso aconteceu, é porque aquela mulher nunca pecou e foi concebida no ventre de sua mãe livre do chamado pecado original. Surge assim o incremento ao culto da Imaculada Conceição, que ao longo de alguns séculos se foi enraizando. Em 1477 o papa Sisto IV aprovou a sua devoção pela Igreja, ao mesmo tempo que caía mais em desuso a denominação Santa Maria para se passar a usar a de Nossa

---

<sup>73</sup> Site da Diocese do Algarve.

<sup>74</sup> Como curiosidade, sabemos que em Pisa, onde se doutorou, na praça central do cemitério existe uma igreja imponente com a invocação da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição; também na Diocese de Lamego, onde D. Fernando Coutinho foi Bispo antes de vir para o Algarve, mais concretamente na freguesia de Rua, na altura conhecida por Caria de Baixo e na qual a família Coutinho tinha bens, existia uma capela, junto ao Convento da Ordem Terceira dos Franciscanos, com a mesma invocação. Cf. Nuno Campos, *Jornal de Monchique*, n<sup>o</sup> 182, 25/11/99

Senhora. Apesar disso, só em oito de Dezembro de 1854 foi constituída dogma assim como a Assunção só o foi já em 1950 por Pio XII.<sup>75</sup>

O bispo atrás citado, D. Fernando Coutinho, era defensor de uma conversão profunda e fundamentada e nunca por imposição. Bebeu em Itália a atualidade e aplicou alguma dessa sua formação, conforme já foi referido, em práticas piedosas mas estruturadas como reorganizações administrativas, mecenatos e construções diversas<sup>76</sup>. Razões que lhe podem atribuir um importante papel na fundação da freguesia de Monchique assim como na génese ou ampliação da igreja matriz, que atualmente já sofreu várias alterações provenientes de causas diversas como sismos ou intervenções e obras mais ou menos criteriosas.

## 1.4 - Pontos comuns com outras igrejas do Algarve

### 1.4.1 - A Igreja Matriz de Messines

No termo de Silves, situa-se São Bartolomeu de Messines tal como Monchique e com uma importância regional semelhante no século XVI<sup>77</sup>. Nesta povoação encontra-se uma igreja matriz, de planta longitudinal de três naves com cobertura de madeira, colunas torsas formadas por três toros enrolados em espiral



Figura 16 - Exterior da cabeceira da igreja Matriz de S. Bartolomeu de Messines Foto do autor, 2011

suportando arcos formeiros de volta perfeita e que desenvolvem o corpo do templo em seis tramos. Na cabeceira encontra-se uma capela mor e duas capelas colaterais, todas abobadadas e com uma decoração que se inclui no *manuelino*.

Ao compararmos a planta da igreja de Monchique com a de Messines constatamos uma grande semelhança formal (observe-se as plantas na página seguinte), embora esta última apresente uma regularidade maior nas esquadrias e axialidade do corpo em relação à

<sup>75</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, p. 219.

<sup>76</sup> É exemplo a construção do farol do Cabo de S. Vicente para apoio aos mareantes. Cf. João Baptista da Silva Lopes, op. cit. , p. 295

<sup>77</sup> Cf. Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve Económico 1600-1773*, Lisboa, 1993, p. 184 (o autor refere a importância do milho de Messines no século XVII, indiciando já produções de cereais em tempos anteriores).

cabeceira. Mesmo assim, parece obedecer às mesmas regras quanto ao desenho da planta e ao tratamento escultórico.

A aparente proximidade cronológica lida pela morfologia destas duas



*Figura 17 - Exterior da cabeceira da Igreja Matriz de Monchique*  
Foto do autor, 2011

construções, o facto de se situarem ambas no mesmo termo e localizadas em

povoações geograficamente opostas em relação à cidade de Silves, o desenvolvimento sentido a partir do incremento algarvio em tempo dos Descobrimentos, levam a relacioná-las uma com a outra.

Encontrámos esta relação, para além da planta e na espacialidade revelada, nos tramos, nas naves e nos arcos de volta perfeita (ver figuras 25 e 26) e também nas mísulas (ver figuras 27 e 28) que suportam as nervuras das capelas colaterais, especialmente comparando com a colateral das Almas de Monchique, conforme se observa nas figuras 29 e 30.

O facto dos corpos dos dois templos se desenvolverem em três naves com o mesmo ritmo e forma, apresentarem a mesma solução na cobertura e planta, e na decoração haver alguma ligação ainda que não muito acentuada, justifica a nossa referência.

Contudo, há vários aspectos em que os dois edifícios diferem. A fachada de Messines apresenta uma remodelação que já se afasta muito dos tempos iniciais do século XVI mas que se sabe ter sido o resultado de efeitos de sismos e consequente reconstrução.

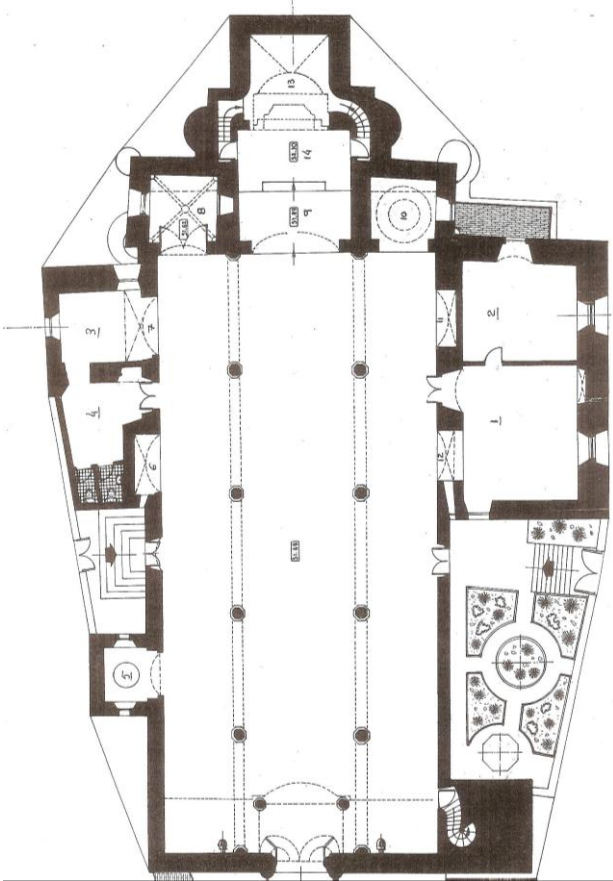


Figura 18 - Planta atual da Igreja Matriz de Monchique

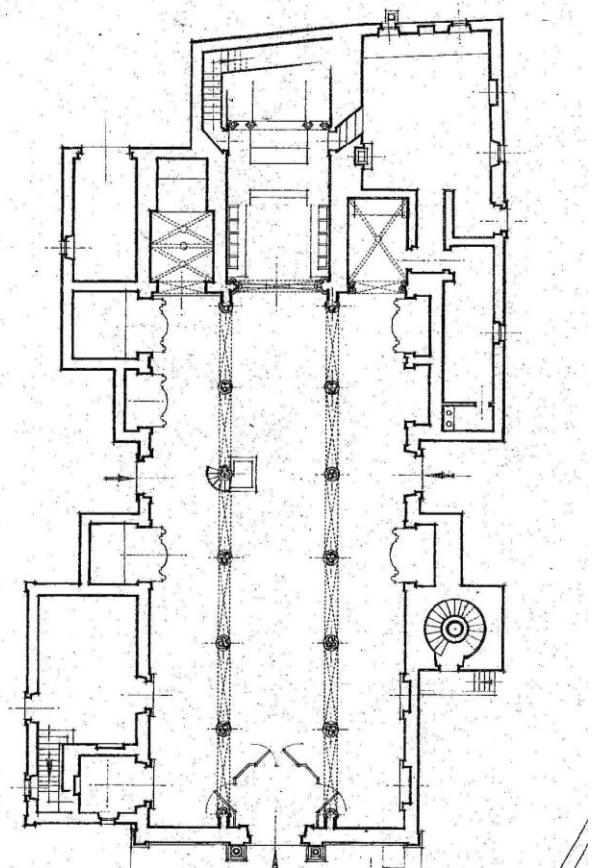


Figura 19 - Planta atual da Igreja Matriz de S. Bartolomeu de Messines

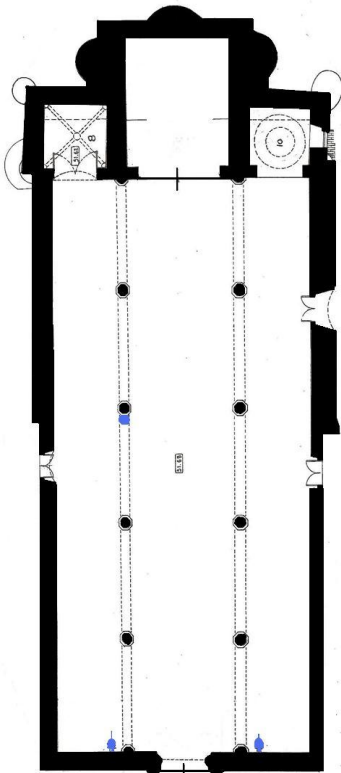


Figura 20 - Proposta da planta original da Igreja Matriz de Monchique

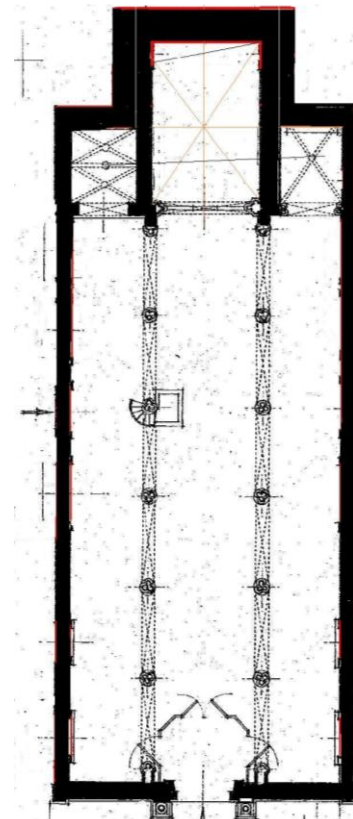


Figura 21 - Proposta da planta original da Igreja Matriz de S. Bartolomeu de Messines (colaboração de Jorge Correia)



No interior do templo de Messines, as colunas são torsas, formando fustes de secção tripla e com bases que formam um volume composto por três semicírculos apoiado numa espécie de plinto circular. Esta base fica definida por toros que envolvem os torcidos da coluna de forma concêntrica e paralela, seguindo o mesmo esquema dos capitéis mas por ordem inversa. Nas bases o toro mais baixo é o mais grosso enquanto que nos capitéis o mais alto é que apresenta maior diâmetro. Estas colunas estão esculpidas em grés de Silves e a morfologia dos fustes é semelhante à das colunas do Convento de Jesus de Setúbal, obra *cabeça de série* de Diogo Boitaca,<sup>78</sup> mestre que sabemos ter estado ou passado pelo Algarve<sup>79</sup>, enquanto responsável pelas fortificações das praças portuguesas no norte de Africa.

Em Monchique encontrámos alguma relação com esta tipologia boitaquiana no portal principal.



Figura 22 - Pormenor do portal principal da igreja matriz de Monchique

Foto do autor, 2011



Figuras 23 e 24 - Pormenores das colunas interiores de igreja matriz de Messines

Foto do autor, 2011



Figuras 25 e 26 - Arcos formeiros de volta perfeita e chanfrados, semelhantes nos dois templos

Fotos do autor, 2011

<sup>78</sup> Cf. Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 47 (edição em cd rom)

<sup>79</sup> Bernardo Rodrigues, Anais de Arzila, Vol. I, p. 27 “...enformado do que era necessário pera fortificar a vila, e fazendo mercê aos moradores pera se encavalgarem, pois todos avião perdido seus cavalos, e asi alguma ajuda pera concertarem suas casas, o despedio, mandando com o conde mestre Butaca, grande mestre de obras, que fizesse os muros de pedra e cal; e ai mandou prover como em Vila Nova de Portimão se fizesse muito cal”.



*Figura 27 - Mísula da capela das Almas na igreja matriz de Monchique, Foto do autor, 2011*



*Figuras 28 - Mísula interior da igreja matriz de S. Bartolomeu de Messines Foto do autor, 2011*



*Figuras 29 e 30 - Bocetes formalmente semelhantes, no fecho das abobadas de nervuras chanfradas, em capelas colaterais nas duas igrejas*



*Fotos do autor, 2010 e 2011*



*Figuras 31 e 32 - Proximidade formal nos colunelos dos arcos de capelas colaterais de Monchique e de Messines*

*Fotos do autor, 2010 e 2011*

Em Tavira, conforme referido anteriormente, o rei D. Manuel fundou um mosteiro em memória da tomada de Arzila em 1509<sup>80</sup>, que acabou por ser entregue às freiras bernardas e cuja primeira abadessa foi uma irmã do bispo do Algarve D. Fernando Coutinho. O desenho das colunas retiradas desse antigo mosteiro, é igual ao das colunas da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Monchique, como se pode observar nas figuras da página seguinte. Com efeito, embora só tenhamos tido a possibilidade de observar em fotografia mas tendo oportunidade de falar com Andreia Fidalgo, que localizou aqueles elementos arquitectónicos ao elaborar o seu trabalho de Seminário da licenciatura em Património Cultural pela Ualg e também ao tratar o assunto com o orientador, o Prof. Doutor Horta Correia, verificámos essa semelhança. Acresce ainda também a observação do desenho de Albrecht Haupt, que naquele mesmo trabalho foi recolhido e que mostra uma coluna completa do claustro do referido mosteiro, permitindo observar que a base, o fuste, o capitel e o próprio arco formeiro são iguais ou muito semelhantes aos da matriz de Monchique, diferindo apenas nas dimensões (no claustro a escala era menor) e nos ábacos que a igreja monchiquense não possui.

Nestes aspectos semelhantes, entre Monchique e Tavira, parece-nos haver uma relação cronológica grande, assim como em relação aos encomendantes e à escola de executantes. Nesta época, a posição do Algarve e, neste caso concreto, de Tavira era de suma importância para a Expansão Portuguesa no norte de África. Por ali passavam canteiros e mestres de obras responsáveis pela fortificações das praças conquistadas. Uma dessas mais ilustres personagens foi Diogo de Boitaca, o principal mestre de obras do reino<sup>81</sup>. Nesse contexto, há possibilidade de este ter tido acção direta nas construções mais importantes do Algarve. Não se afasta a hipótese da sua autoria estar presente em Tavira e em Messines, dada a qualidade, o estilo e as semelhanças verificadas em testemunhos arquitetónicos e decorativos que chegaram até nós. Sediavam-se também, muitas famílias nobres na zona de Tavira o que justifica o aparecimento de um grande estabelecimento monástico feminino para as filhas dessas famílias. Segundo Andreia Fidalgo<sup>82</sup> (...) *chegou a atingir as oitenta religiosas*(...) Deste modo, parece natural que tal obra fosse entregue a alguém de renome. Na altura, era bispo do Algarve D. Fernando Coutinho, já referido atrás, homem culto e viajado, participante em comitivas e embaixadas régias<sup>83</sup> e considerado muito próximo do rei. Recorde-se que em

---

<sup>80</sup> Cf. Andreia Fidalgo, *O Mosteiro das Bernardas de Tavira*, Monografia de Seminário, policopiado, 2008, p. 15.

<sup>81</sup> Cf. Andreia Fidalgo, op.cit. p. 52.

<sup>82</sup> Cf. Andreia Fidalgo, op. cit. p. 51.

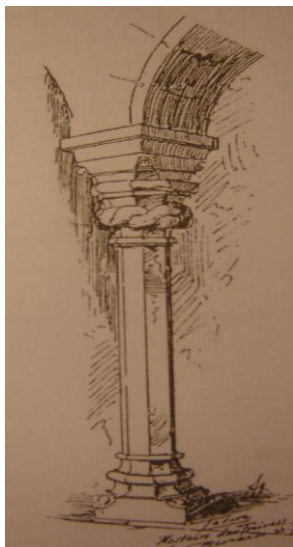
<sup>83</sup> João Baptista da Silva Lopes, op. cit. p.294

Monchique este prelado criou um morgadio e muito provavelmente esteve próximo da construção da igreja matriz tal como a conhecemos.



*Figuras 33,34 e 35 - Base, Fuste e Capitel do Mosteiro das Bernardas de Tavira*

Fotos de Andreia Fidalgo, 2008



*Figura 36 - Desenho de Albrecht Haupt das colunas do claustro do Mosteiro das Bernardas de Tavira*



*Figura 37 - Colunas e arcos formeiros da igreja matriz de Monchique*

Foto do autor, 2012



*Figura 38 e 39 - Capitel, fuste e base da igreja matriz de Monchique*

Fotos do autor, 2012

## 2 - Análise arquitectónica

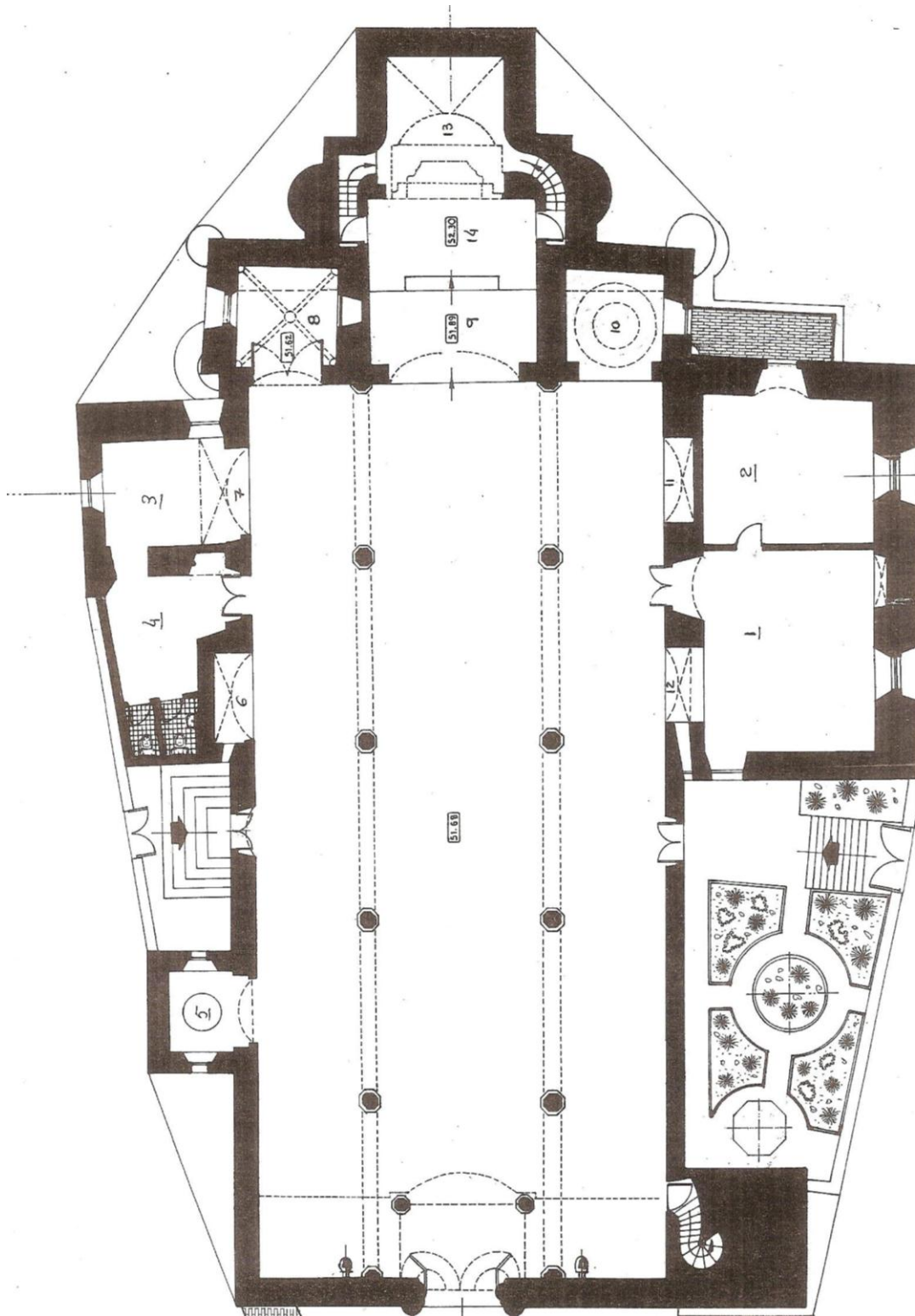


Figura 40 - Planta da igreja matriz  
Desenho cedido pela Câmara Municipal de Monchique

## 2.1 - Plantas e alçados

O edifício da igreja matriz de Monchique apresenta, a quem observe do exterior, uma volumetria imponente e um jogo de formas na cabeceira que despertam curiosidade, especialmente pelos vários volumes associados entre si e realçados pela altura do pé direito (Figura 41). Dado o declive acentuado do local, a cota à entrada oeste do templo, ou seja o portal principal, é 452,9 e a cota do adro junto à parede virada a leste, tardós da capela mor, é 448,3. Esta circunstância aliada às medidas do comprimento no interior, 27,70 metros até ao arco triunfal da capela mor e às medidas da largura também interiores, 13 metros,<sup>84</sup> tornam esta igreja bastante espaçosa.



*Figura 41 - Imagem do exterior da cabeceira vista do lado norte*  
Foto do autor, 2011

Os testemunhos arquitectónicos mais evidentes, neste monumento, no âmbito da História da Arte, são manuelinos. No entanto, há uma falta de concordância na cabeceira em relação à esquadria, assim como na espessura das paredes da sacristia e da capela lateral do lado da epístola. Estes aspectos, por si só, justificam-se devido aos vários terramotos que afectaram o Algarve e que levaram a sucessivas intervenções no edifício. Como informações mais concretas, temos as relacionadas com o de 1775, mas sabe-se que no século XVI houve pelo menos cinco sismos de forte intensidade<sup>85</sup> em 1504, 1512, 1531, 1575 e 1597<sup>86</sup>. Embora não tenhamos obtido mais conhecimentos sobre estes fenómenos, para além de umas escassas notícias relacionadas com Lisboa e alguma investigação publicada numa recente edição<sup>87</sup>, é crível que também o Algarve tenha sido atingido fortemente em todas estas datas, pois pelo menos em relação às três últimas todo o país foi afectado e houve muitas vítimas<sup>88</sup>. Naturalmente, estas calamidades provocam diferentes prejuízos na arquitectura existente o que leva a reconstruções também diferentes, quer em termos cronológicos quer na sua abrangência material e artística.

<sup>84</sup> Estas medidas foram tomadas pelo autor e estão apresentadas pelo valor encontrado na sua média já que há algumas diferenças, embora pouco significativas, entre a zona da entrada, a cabeceira, o lado esquerdo e o lado direito. Também não podem ser entendidas em rigor absoluto, pois a intenção não é a de fazer um levantamento pormenorizado.

<sup>85</sup> AAVV, *1755 Terramoto no Algarve*, Faro Capital Europeia da Cultura, 2004, p. 70-71.

<sup>86</sup> Grande Dicionário Enciclopédico, Clube Internacional do Livro, Vol XIV, 2002, pp. 5990-5991.

<sup>87</sup> AAVV, *1755 Terramoto no Algarve*, Faro Capital Europeia da Cultura, 2004, p. 70-71.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 21-23.

Já na segunda metade do século XX, concretamente em 1969, um sismo de intensidade média provocou alguns danos, especialmente nas coberturas.

Assim, apresenta esta igreja matriz um cunho manuelino um pouco tardio, com o portal norte de ombreiras chanfradas e sem figuração vegetalista (Figura 43), o portal sul com um naturalismo bastante atenuado (Figura 44) enquanto no interior os arcos formeiros já são de volta perfeita e arestas chanfradas (Figura 45) apesar do portal principal ser ainda de arco quebrado com vegetalismos típicos, representações de cabeças humanas e toros torcidos (Figuras 46 e 47).



*Figura 43 -  
Portal norte*

Foto do autor,  
2011



*Figura 44 -  
Portal sul*

Foto do autor,  
2011



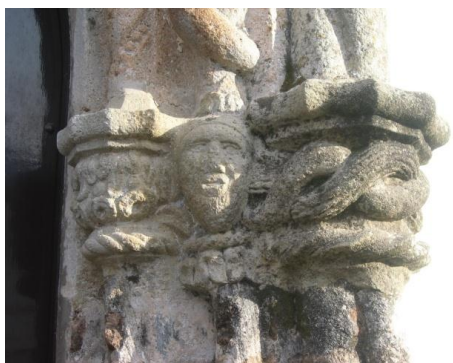
*Figura 45 -  
Arcos  
formeiros*

Foto do autor,  
2011



*Figura 46 -  
Portal  
principal*

Foto do autor,  
2011



*Figura 47 - Portal  
principal -  
pormenor*

Foto do autor, 2011

O resultado destas observações leva-nos a crer que houve tempos diferentes para a construção desta igreja, mestres canteiros e/ou pedreiros que substituindo-se iam aplicando ideias novas. Para esse período da construção que compreendeu, muito provavelmente, os anos dos terremotos de 1504 e 1512, sofrer um sismo durante as obras, para além de todo o atraso que provoca e maior despesa, interfere com o projecto inicial e alguns ajustes ou mesmo alterações são inevitáveis. Esta hipótese justifica a discrepância que a História da Arte encontra nos elementos decorativos quanto ao tempo mais ou menos tardio de execução de alguns deles, como por exemplo nas duas meias colunas (Figuras 48 e 49) que estão na face interna da parede virada a poente, ladeando o pórtico



*Figura 48 - Pormenor da meia coluna do lado do evangelho.*  
Foto do autor, 2011

principal e que têm uma gramática decorativa e até uma relação estilométrica das bases e dos capitéis diferente das restantes dez presentes.

Acrescente-se ainda que ao observar as três capelas da cabeceira, a do lado do evangelho é a que apresenta maior quantidade de elementos arquitectónicos e decorativos que a tornam datável para os anos vinte do século XVI<sup>89</sup>.

Outro aspecto interessante para ajudar a compreender a cronologia um tanto tardia da construção do actual templo é a relação de escala com o número cinco e com a forma do quadrado. Depois de várias vicissitudes ocorridas ao



*Figura 49 - Pormenor da meia coluna do lado da epístola*  
Foto do autor, 2011

longo dos tempos é difícil medir o rigor inicial mas parece haver uma atitude já renascentista quando se percebe que toda a cabeceira desta igreja usa o quadrado e o desdobra nos tramos das naves. Sabe-se que a vara era a medida usada para a construção civil e que tinha cerca de 1,10 metro<sup>90</sup>. A medida média da capela mor não anda afastada das cinco varas assim como a distância de cada tramo medida a partir do centro de cada uma das duas colunas que o

<sup>89</sup> Cfr XELB nº 3, Manuel Ramos, p. 124

<sup>90</sup> Ainda hoje, os carpinteiros de machado, os *machadeiros* locais, a usam, servindo-lhes de bitola o próprio machado acrescentado ao respectivo cabo, num conjunto que mede exactamente 1,10 m.



extremam. A largura da nave lateral, medida entre a parede e a face paralela da coluna mais próxima é metade da distância entre essa face exterior da coluna até à outra face exterior correspondente, ou seja, as naves laterais correspondem a metade da nave central menos a espessura das colunas. Os arcos formeiros que actualmente têm uma altura máxima de 5,37 metros, aplicando-lhe o rebaixamento que se observa na capela colateral do lado do evangelho de cerca de dez centímetros, ficam com uma grande aproximação às cinco varas ou seja 5,50 metros. A altura das bases das colunas é de meia vara, cerca de 0,55 metros. O comprimento total do interior da igreja, entre a parede onde se inscreve o arco da capela mor até junto da pia para água benta colocada à entrada, são 25 varas o que corresponde a 27,5 metros e foram medidos 27,56 metros pelo autor.

## 2.2 - Arcos formeiros

A igreja, de planta longitudinal, desenvolve-se em três naves e cinco tramos cujos arcos formeiros, de volta perfeita, se apoiam em colunas oitavadas que apresentam na zona de arranque dos arcos, capitéis de toros entrelaçados. Estes arcos são em alvenaria, rebocada acima dos capitéis e são chanfrados, dando continuidade à forma octogonal das colunas (Figuras 50 e 51).

É esta aplicação que dota este templo com uma espacialidade ampla, numa aliança de formas e dimensões inesperadas para uma povoação de pequena dimensão, como Monchique.



*Figura 50 - Nave central e laterais da Igreja*  
Foto do autor, 2012



*Figura 51 - Arco formeiro de volta perfeita e chanfrado, em alvenaria*  
Foto do autor, 2012

### 2.3- Colunas

Estas colunas, doze no total, parecem, à primeira observação, todas iguais mas contêm algumas diferenças entre si.

Para uma melhor compreensão neste trabalho, optou-se por atribuir uma designação numérica contada a partir da primeira que é meia coluna, adossada à parede fronteira, à esquerda de quem entra pelo portal axial e que toma o número um. Como formam pares, a meia coluna do lado direito de quem entra é a número dois e assim sucessivamente, até que a meia coluna adossada à direita da capela mor para quem avança ao longo da nave central em direcção à cabeceira recebe o número doze.

#### 2.3.1- Bases

As bases das meias colunas da entrada apresentam-se de forma muito aproximada à tipologia das restantes mas são maiores ou estão colocadas mais alto. Provavelmente, a situação que se ajusta é esta última pois há pormenores da decoração que o parecem demonstrar. Por exemplo, umas formas semi-esféricas que estão esculpidas numa das faces que se resolvem quase como chanfros, ficam a vinte centímetros do nível do pavimento enquanto noutras



*Figura 52 - Base de meia coluna adossada ao interior da parede frontal*

Foto do autor, 2011



*Figura 53 - Base da coluna número 10*

Foto do autor, 2012

colunas de tramos mais próximos da cabeceira, quando possuem estas quase bolas, as mesmas encontram-se rente ao chão. Um caso, na base da coluna número três, está até semi-enterrada. Naquelas, por baixo das primeiras peças decoradas constituintes das bases, que

assumem desde logo a sua octogonalidade, outras as suportam, aqui com a forma de um paralelepípedo quadrilátero. Esta solução é muito curiosa na maneira como se transita de um octógono para um quadrado.

Fica por resolver o problema da maior altura das bases destas meias colunas a que talvez se possa atribuir uma solução que pode ter a ver com a reconstrução da parede nalgum momento e a sua articulação com o início das naves.

As restantes dez bases são semelhantes mas ostentam, como se referiu anteriormente, algumas diferenças nos pormenores. Embora todas sejam octogonais, ao apoiar no solo recuperam a forma quadrada pois o octógono é obtido pelo efeito dos quatro cantos cortados, ou seja, perdem o chanfro. Nem todas as soluções são iguais, agrupando-se em dois conjuntos diferentes, um com esferas e outro não as possuindo, pelo menos visíveis.

### 2.3.2-Fustes

Os fustes de todas as colunas que suportam a cobertura e dão forma ao espaço interior do templo, são oitavados, formados por peças de pedra de origem local. Estes elementos mostram alguma coloração e texturas diferentes, mas constituem o conjunto mais uniforme de toda a construção pois existe uma uniformidade praticamente total no material, na forma, na altura, no perímetro e no alinhamento.

A altura dos fustes é de 2,08 m em média e a largura de face a face é de 0,55m.

Há notícia de terem estado envolvidos em cal que lhes foi retirada já em pleno século XX.<sup>91</sup>



*Figura 54 – Coluna completa em que se observa a base, o fuste e o capitel, na sua relação equilibrada*

Foto do autor, 2012

<sup>91</sup> José Guerreiro Gascon, op. cit., p.199.

### 2.3.3-Capitéis

Neste ponto abordam-se os capitéis das colunas que suportam os arcos formeiros e ainda o



*Figura 55 – Um dos 10 capitéis de toros entrelaçados.*

Foto do autor, 2012

que parece ser um fragmento, colocado no exterior, junto ao portal norte.

As colunas que dão forma ao corpo desta igreja são doze, formando seis pares que originam cinco tramos em três naves.

O primeiro par a contar da entrada principal está adossado à parede, constituindo meias colunas e diferencia-se de

todos os outros pela decoração e entre si, já



*Figura 56 – Fragmento com decoração semelhante aos capitéis, que se encontra no exterior junto ao portal norte.*

Foto do autor, 2012

que os capitéis respectivos são diferentes um do outro.

A parte do capitel da meia coluna número um, que está visível por sobressair da parede, é oitavada, tem forma de anel, com toros entrelaçados mas com uma composição que junta também elementos boleados repetidos no portal principal e no portal sul, uma haste que se divide em duas ramificações e uns elementos talvez vegetalista, que fazem lembrar alguma relação com cogulhos dos portais. Há também uma cara ou máscara de feições humanas disposta na horizontal e semelhante às que aparecem nos intercolúneos da porta principal, congregando assim elementos presentes noutras peças, mas singular no conjunto e na forma da junção de todos eles.

O capitel que fica à direita de quem entra, na meia coluna número dois, é mais uniforme na decoração, mas não tem semelhanças também com mais nenhum desta igreja. É, como todos, oitavado, mas é formado por duas faixas sobrepostas de grandes pétalas, um tanto estilizadas. Estas formas fazem lembrar alguma decoração vegetalista usada no portal principal usando uma perspectiva diferente.



*Figura 57 - Cara esculpida no capitel da meia coluna número um, adossada ao interior da parede frontal do lado do evangelho.*

Foto do autor, 2010



*Figura 58 - Capitel de feição vegetalista da meia coluna número dois, adossada ao interior da parede frontal do lado da epístola.*

Foto do autor. 2010

O material lítico que suporta os capitéis parece ser do tipo usado em quase todo o edifício e encontra-se em bom estado de conservação em todos eles. Já o mesmo não acontece na totalidade do edifício pois há alguns elementos que apresentam à vista desarmada um grau de degradação que pode sugerir uma origem diferente, ou uma selecção menos cuidadosa aquando da sua aplicação. Este facto leva a que algumas peças, principalmente no portal norte, no portal principal e nos fustes das meias colunas que o ladeiam no interior apresentem até alguma perda decorativa, que como se sabe, é lida na superfície, especialmente num contexto de decoração muito preenchida como a manuelina.

Verificámos, igualmente, que nas cantarias de algumas habitações da vila que nos parecem quinhentistas sucede algo semelhante, nomeadamente em chanfros que se mostram agora a aproximar-se do arredondado, especialmente em zonas mais expostas às acções erosivas naturais.

## 2.4- Suportes cilíndricos exteriores

A Igreja Matriz de Monchique ao ser observada em planta revela uma forma que parece comum e regular dentro da sua tipologia mas as formas arredondadas no exterior podem sugerir uma pré-existência megalítica. Esta hipótese baseia-se na suspeição de que debaixo da massa podem estar menires ou outros monumentos líticos como esteios, testemunhos de continuidade na ocupação deste espaço com funções ligadas ao culto religioso e/ou funerário.

O facto da igreja estar construída no término de uma espécie de esporão aplanado que cumpre o requisito da orientação a leste, situação sempre assumida na maioria dos cultos religiosos desde a pré-história e prolongando-se pela época medieval e tempos posteriores, é outro dado de interesse. Repare-se que atrás do edifício a encosta cai num declive muito acentuado,<sup>92</sup> assim como para os lados o que torna a zona onde se situa o templo a saliência central de um conjunto de três, situação estratégica favorável a uma ocupação humana preferencial.

Os volumes arredondados no exterior da cabeceira da igreja matriz podem ser menires, colunas ou apenas restos de pedras sobrantes do assentamento do edifício e aproveitadas como suporte das estruturas?<sup>93</sup>

Ao longo da elaboração desta dissertação de mestrado os vários elementos que a investigação e alguma dedução juntaram, apontam para que as formas cilíndricas adossadas ao exterior da cabeceira da igreja, sejam contrafortes que sustentam a estrutura.



*Figura 59 – Exterior da cabeceira da Igreja Matriz, onde se observam algumas das formas arredondadas.*  
Foto do autor, 2005

<sup>92</sup> Cerca de dezoito por cento de inclinação, já que para uma distância de 250 metros a cota diminui 45 metros, segundo cálculos feitos a partir do levantamento aerofotogramétrico de Setembro de 1997.

<sup>93</sup> Cf. José Gonçalves Duarte, *Dando Logar a Monchique*, 2005, p.49.

Esta opinião é também corroborada pela troca de impressões que o autor manteve com o mestre de obras que há cerca de dez anos foi responsável por uma operação de reboco e pequenos arranjos no exterior. Segundo ele, aqueles volumes, tanto quanto os pedreiros puderam observar, são construídos com pedra



*Figura 60 - Os acrescentos e adaptações criaram um jogo de volumes e formas interessantes.*

Foto do autor, 2010



*Figura 61 - Porta quinhentista e varandim da sacristia.*

Foto do autor, 2010

da região e argamassa muito semelhantes quer nos materiais quer nas técnicas, às usadas nas restantes partes do edifício.

Também é consistente a ideia de que é necessária uma boa sustentação para um edifício desta envergadura num plano inclinado como é este onde a igreja está implantada. Parece ter sido necessário aplicar reforços na segurança e podem verificar-se duas situações que ajudam a justificar esta argumentação. Por um lado, as formas arredondadas situam-se todas atrás de uma linha perpendicular à axialidade do edifício e que passa antes do último acrescento que corresponde ao prolongamento da capela mor, ou seja, incluindo a que está actualmente na arrecadação que se situa debaixo da abóbada de aresta que suporta aquele prolongamento. Por outro lado, o espaço envolvente do edifício foi rebaixado certamente, já nos séculos XVII ou XVIII. Só assim se entende que os pórticos laterais fossem funcionais e que uma pequena varanda servida por uma porta quinhentista, na sacristia, tivesse alguma utilidade. Actualmente, este varandim está a mais de dois metros de altura em relação à rua mas não parece ter tido uma função de mera observação da paisagem (figura 61).

Tendo em conta que a cabeceira da igreja foi acrescentada na capela-mor, com toda a área onde está colocado o trono construída mais tardiamente, foi necessário proceder a desaterro e consolidação. Dada a localização numa zona rochosa e escarpada houve necessidade de serem tomadas precauções de segurança. A hipótese que se coloca é a de que já haviam pré-existências culturais neste local, a igreja construída nos primeiros anos do século XVI usou-as pela continuidade do espaço e os acrescentos do século XVIII não as desprezaram mas integraram-nas.



*Figura 62 - Muro de suporte da rua/adro atrás da cabeceira, provavelmente levantado nos finais do séc. XIX para regulação do urbanismo de acesso e envolvência da igreja.*

Foto do autor, 2010

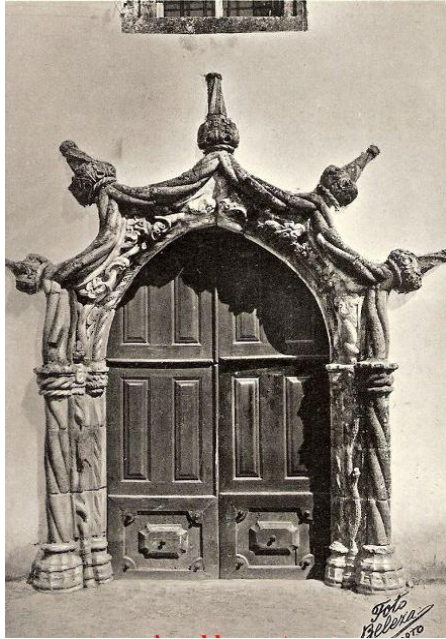
Assim se justificam a sucessão dos volumes e os contrafortes que desempenham as suas funções há mais tempo do que pode parecer numa observação superficial.

Também a relação do desnível da rua que vem da Praça em direcção ao portal principal com o resto do adro e com a cota do pavimento no interior da igreja tem uma leitura mais equilibrada, se se aceitar a ideia de que na altura da sua construção a zona circundante dos lados norte, leste e sul não estava tão rebaixada.

Ao inverso, a citada rua do lado poente era, muito provavelmente, mais desnivelada na solução encontrada para formar o adro em frente da fachada principal.

Agora, há um degrau que desce para dentro do templo e verifica-se pela diferença de coloração e conservação da decoração que as bases do pórtico axial estiveram cobertas e foram muito recentemente postas a descoberto num arranjo do passeio com um ressalto que a Câmara Municipal efectuou para que as águas da chuva não inundassem a igreja. Basta descontar a altura do calcetamento e respectivo suporte para que aquele degrau deixe de fazer sentido.





*Figura 63 - Portal principal numa fotografia dos anos 40, onde se verificam as bases menos visíveis e com o pormenor da janela rectangular anterior ao actual óculo.*  
Foto Beleza/Porto



*Figura 64 - Foto actual. Foto do autor, 2012*

Também no interior do monumento observámos e registámos vestígios de alterações que terão acontecido. Por exemplo, a capela colateral norte tem as bases do arco de entrada cerca de dez centímetros mais baixas do que o pavimento das naves.

As bases das colunas formeiras que apresentam soluções diferentes na sua decoração, num ou outro caso não é claro que não tenham também elementos decorativos cobertos pela madeira e lajes actuais. Isto significa que o chão da igreja se situava numa cota mais baixa do que se



*Figura 65 - Desnívelamento visível entre o pavimento da capela das Almas e o actual da igreja.*  
Foto do autor, 2012

apresenta hoje o que faria também diminuir a altura em relação à rua, mesmo na zona da cabeceira, também mais recuada e assim a terminar numa cota mais alta.

O argumento de que esta ideia, se praticada, faria a igreja parecer muito baixa não tem validade pois uma observação feita por cima dos tectos de masseira que cobrem as três naves mostram que houve alterações ao pé direito, em tempo posterior à construção inicial. A alvenaria caiada dos panos de parede formados por cima dos arcos formeiros prolonga-se cerca de um metro acima daqueles tectos. Na sua terminação, que se vê ser formada por pedras e argamassa de cal, há buracos onde estiveram colocados barrotes e daí para cima, até



*Figura 66 - Acrescentos na parede frontal por cima da porta principal.* Foto do autor, 2011



*Figura 67 - Prolongamento do pano de parede na continuidade dos arcos formeiros acima do tecto de masseira, onde é visível a caiação e os sinais da colocação dos barrotes de uma anterior cobertura.* Foto do autor, 2011

ao madeiramento que suporta a actual cobertura de telhas de canudo apoiadas em ripado de madeira, houve uma mudança de aparelho, com um acrescento em tijolos, também com cerca de um metro. Nas paredes laterais, também de pedra, imediatamente acima do tecto de masseira, houve igualmente os acrescentos de tijolos onde se fixa o madeiramento (figuras 67 e 68). A leitura imediata é a de que antes de ter sido aplicado este tipo de tecto, que visto de dentro da igreja é como que um forro, uma espécie de tecto falso sem barrotes à vista, estava



*Figura 68 e 69 – Acrescentos e adaptações na zona de cobertura da cabeceira.*

Foto do autor, 2011

colocada uma cobertura sem o espaço intermédio que actualmente tem mais de dois metros de distância no ponto mais alto.

A leitura de alguns vestígios ainda existentes como os sinais dos locais onde estiveram colocados barrotes e ainda pelos acrescentos em tijolos que foram feitos, permitem entender o telhado possuindo dois planos, quer no tempo anterior ao terramoto de 1755 quer posteriormente. A cobertura deve ter sido sempre semelhante à que se observa agora, mas um pouco mais baixa vista do exterior. Não existindo o tecto dito de masseira, mas com um forro mais próximo das telhas, tornava o interior um pouco mais elevado, o que melhorava a espacialidade.

Aquela forma estrutural da cobertura não recusa a morfologia manuelina, de referências ao tardogótico nem as soluções tornadas tão comuns de igrejas de três naves, quase igrejas-salão, sem abóbada e com diferenciação pouco acentuada das alturas nas naves, a remeter para a tipologia seguida pelas ordens mendicantes.

A observação do levantamento topográfico que mostra claramente a parede sul muito menos espessa do que as restantes e as referências que as Memórias Paroquiais de 1758 nos dão permitem entender que poucos testemunhos originais se encontram nesta construção, mas mesmo assim o conceito que presidiu à sua construção continua perceptível. Referimo-nos à planta rectangular, às três naves, à cabeceira formada por uma capela-mor e duas colaterais, e aos arcos formeiros de volta perfeita, chanfrados, a desenvolver tramos espaçosos. Características estas que dão uma abertura e uma espacialidade ao monumento, que pouco deve ao gótico e que confirma uma aproximação a proporções renascentistas.

### **3-Análise morfológica**

#### **3.1 - Portais**

A porta principal de uma igreja católica, especialmente se for matriz, catedral ou com alguma função de destaque, desde os primeiros séculos do cristianismo que se localiza na fachada virada a poente. Já Tertuliano, doutor da Igreja, sécs. II/III, refere, nos documentos que redigiu, esta orientação, assim como outras personalidades dos primórdios do cristianismo. Os catecúmenos entravam pela porta, de costas para o pôr do sol e caminhando pelas naves da igreja em direcção ao altar, ao encontro de Deus, no sentido da vinda da luz que simboliza Cristo, a vida nova da Ressurreição, assim como, obviamente, toda a comunidade. A construção dos templos seguindo aquela orientação é também uma atitude cultural.

Uma porta tem sempre o sentido de passagem e de protecção. Permite que se saia de uma realidade para outra, e que se entre e se sinta seguro. Na simbologia cristã acresce a interpretação das palavras de Jesus Cristo em Jo 10,7ss que afirma: “Eu Sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo”.

Entende-se assim, perfeitamente, a importância e o cuidado que se deve ter com o portal principal do templo católico, cuja colocação, forma, material, decoração e proporção são atributos mais ou menos simbólicos mas que funcionam também como dignificante do próprio edifício.

Ao longo dos tempos os conceitos mudaram e a história da arte traz-nos o conhecimento dessa evolução. A inserção na composição da fachada, o equilíbrio, a combinação com outros elementos também importantes simbolicamente, tais como nártexes, galilés, torres, degraus e outros, ou os efeitos de acções mais ou menos cuidadas surgidos nos arranjos e restauros necessários pelo passar dos anos ou por acidentes naturais ou não, tudo isso nos dá leituras destes documentos valiosos do nosso património cultural que são as igrejas.

O culto mariano, utiliza, por exemplo, nas ladainhas da Imaculada Conceição da Nossa Senhora, a figura de Porta do Oriente e Porta do Céu como designação da Virgem, também razões que parece justificar uma atenção especial ao pórtico principal.<sup>94</sup>

### 3.1.1-O portal axial

A porta principal da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Monchique é uma obra de arte, em pedra, que se tornou provavelmente na imagem mais emblemática das referências patrimoniais da localidade. Trata-se da moldura do vão, em forma de arco ogival, com uma decoração que segue os princípios da época manuelina e apresenta uma monumentalidade que deixa adivinhar a intenção de valorizar a



*Figura 70 - Pormenor do decorativismo do pórtico principal.*

Foto do autor, 2012

<sup>94</sup> Neste caso não há uma simbologia expressa mariana, embora hajam flores que ligam à natureza e ao género feminino. Há autores a referir que a decoração do portal, nos cogulhos e cordame flácido podem sugerir o trabalho de fiandeiras (Cf. Manuel Francisco Castelo Ramos, op. cit. p.123). A maior referência à Virgem Maria parece encontrar-se no retábulo da capela-mor mas que é datável do segundo quartel do século XVIII.

fachada e o próprio edifício. Não parece que um trabalho com alguma qualidade escultórica fosse aplicado numa solução arquitetonicamente pobre, corroborando a ideia de que se trata de um monumento .

O portal tem, de cada lado, três bases com desenhos geométricos, saindo de cada uma delas um elemento que, circundando toda a moldura, vai terminar na base do lado oposto. O elemento exterior é formado por três toros entrelaçados, interrompidos com um capitel que apresenta também torcidos mas na horizontal, e que na parte do arco propriamente dita são repuxados por cinco cogulhos. Estes cogulhos são tronco-piramidais, com as faces torsas e mostram como que um anel de decoração vegetalista na zona de “aperto” dos toros. As extremidades são também vegetalistas mas agora um pouco mais estilizadas. Estes toros e a forma como aparecem torcidos recordam vivamente influências boitaquianas a que o Algarve não foi totalmente alheio. São do tipo das colunas do Convento de Jesus de Setúbal, obra de referência para o estilo de Diogo Boitaca mas também seguem a solução que as colunas da igreja matriz de São Bartolomeu de Messines mostram (ver anterior página 39).

O elemento médio do portal é o que apresenta uma decoração mais naturalista. Desde a base desenvolve hastes ou troncos que se ramificam nalguns pontos. Apresentam uma superfície com sulcos a imitar a casca e ondulam até à altura dos capitéis. Estes apresentam em ambos os lados do



*Figura 71 - Cara esculpida no capitel do portal axial, do lado direito de quem entra.*  
Foto do autor, 2011

pórtico uma figuração de rosto humano, masculino, ao que parece, e barbado. Têm forma oval e a do lado sul está mais perceptível, pois a parte da moldura colocada a norte está toda mais deteriorada, talvez por uma maior exposição aos elementos naturais erosivos.

Estes rostos têm uma repetição muito semelhante no capitel da meia coluna que se encontra adossada à parede, no interior do templo à esquerda de quem entra. Também na sacristia da ermida de São Sebastião, quinhentista e extra-muros, se pode observar uma pequena pia para água benta, talvez deslocada do sítio original, com um rosto esculpido no exterior e de uma morfologia muito próxima daqueles. Tal facto leva-nos a relacionar com outros elementos antropomórficos semelhantes, presentes em monumentos da mesma época no Algarve, como por exemplo a igreja da Misericórdia de Silves, a igreja matriz de Alvor, ou a igreja matriz de

Estômbar, indiciando-se a possibilidade de que todas estas construções se podem enquadrar no mesmo espaço temporal e quiçá nas mesmas autorias<sup>95</sup>.



Figuras 72 e 73 - Pormenores nos cogulhos dos pórticos axial e meridional.

Foto do autor, 2011

Dos capitéis para cima é a zona onde está evidente a maior exuberância naturalista de todo o portal e mesmo de toda a igreja, se exceptuarmos a talha retabular barroca. Estende-se por todo o espaço do arco entre os toros exteriores que aqui se abrem em ondulações seguras nos cogulhos, simulando o terminar de um cordame e o iniciar de outro segmento igual. Assim, nestes espaços do interior médio do arco há muitas flores, hastes, até um ramalhete curiosamente colocado em posição invertida. Alguns destes elementos encontram-se também no portal sul e a sua variedade é grande. Os cogulhos do pórtico axial e do meridional mostram uma unidade decorativa muito próxima, especialmente nas folhas estilizadas e relativamente túrgidas que os decoram.

É esta exuberância vegetalista, de leitura imediata e sem outra simbologia, heráldica ou fantástica, que alguns autores apontam como tendo inspiração nos arcos festivos, de construção efémera mas que cristalizados na pedra, perdurariam pelos séculos fora. Essas decorações populares usavam-se em festividades tão diferentes como casamentos, visitas importantes e solenidades religiosas<sup>96</sup>.

No colunelo que forma o rebordo mais interior da moldura deste pórtico a decoração é muito regular. São usadas faixas torsas, uma lisa e uma boleada com semi-esferas, alternadas, motivo decorativo que se encontra repetido no portal sul e no acima referido capitel da meia coluna adossada à esquerda de quem entra.

<sup>95</sup> Cf. Castelo Ramos, *Revista XELB 3: Silves nos Descobrimentos*, 1996, pp. 79-142.

<sup>96</sup> Cf. Castelo Ramos, *Op. cit.*, p. 123.

Este pÓrtico tem uma forma e uma decoração prÓprias, mas mesmo assim com algumas semelhanças com outros portais manuelinos, quer algarvios, quer de outras regiões do país<sup>97</sup>. Se atendermos, especificamente, às formas torsas, sentimos, de imediato, tendência a pensar em influências de Boitaca, que passou pelo Algarve, conforme já se referiu na anterior página 39.

### 3.1.2-O portal sul

O portal sul é relevante para a construção da tipologia e cronologia deste templo. Pela mesma razão que a axialidade alinhada no sentido nascente-poente  marcante, assim o lado sul, o mais exposto ao sol em todas as alturas do ano, tem a importância que a simbologia relaciona com a luz, a natureza e o prÓprio Cristo.

No caso concreto da igreja matriz de Monchique, a entrada sul, actualmente sem uso, a que se acede pelos degraus de construção recente que servem a entrada da sacristia, apresenta uma decoração cuidada. Não é invulgar no contexto algarvio mas tem particularidades interessantes nomeadamente na relação com o pÓrtico principal. No portal sul, o arco  contracurvado e o centro termina num cogulho. As ombreiras são formadas por finos



*Figura 74 - Capital do portal sul.*  
Foto do autor, 2012

colunelos que se prolongam lateralmente acima do arco e terminam em cogulhos, estes também com alguma semelhança com os que se encontram no pÓrtico poente.

A decoração  vegetalista embora os colunelos em si sejam desprovidos de motivos decorativos e são do tipo que encontramos no arco de entrada da capela colateral ao evangelho. As bases são geométricas e foram executadas com delicadeza, aliás, como toda esta cantaria.

<sup>97</sup> Pedro Dias (*História da Arte em Portugal*, vol 5, Publicações Alfa, p. 81) afirma que Monchique tem uma obra paralela com “as boas igrejas do centro do país, nomeadamente da zona de Alcobaça”. Já anteriormente esta ideia foi apontada por Correia de Azevedo (*Algarve Monumental*, 1977) afirmando que o pÓrtico monchiquense “são encontra similar (...) no exemplar arquitectónico de Vestiaria, no concelho de Alcobaça”. Tal afirmação foi copiada de Raul Proença e Lyster Franco (*Guia de Portugal*, 1927, p.293). Note-se que em ambos os casos, os portais apresentam uma organização em estrela com os elementos torsos a formar um arco em cortina.

Os capitéis que fazem a separação entre os colunelos e a verga são assimétricos no decorativismo. O do lado do poente é mais regular na forma, com motivos em palmeta, ora ascendentes ora descendentes. O outro capitel apresenta dois ramos enrolados, *com representação de finas cordas que os vão laçando e mantendo apertados*<sup>98</sup>. Na verga encontram-se os mesmos motivos de uma faixa lisa alternada com ponteados em espirais que também se podem encontrar no portal axial e representados no capitel da coluna adossada do lado do evangelho à parede da entrada principal.

No intradorso há uns florões que seguem o contorno de toda a moldura do vão, que se prolonga abaixo das bases que suportam os já referidos colunelos.

Há no contexto algarvio algumas obras pétreas deste tipo que seguem a mesma linha decorativa, como a igreja matriz de Alvor ou a igreja da Misericórdia de Silves, especialmente na observância dos colunelos cilíndricos finos e lisos, no desenho e perfil das vergas e no friso interior cheio de elementos vegetalista<sup>99</sup>.



Figura 75 - Pormenor do decorativismo do portal sul.  
Foto do autor, 2012

Manuel Francisco Castelo Ramos regista a hipótese de aquele monumento de Alvor nunca ultrapassar a década de

1530 e o de Silves a de 1520. Sugere também que estes trabalhos podem ter servido de sugestão ou modelo para Monchique e defende até que deve ter havido um mestre pedreiro em Silves e que serviu de inspiração ou foi mesmo o executor desta igreja matriz o que dá a probabilidade da construção se ter concretizado no primeiro quartel do século XVI, ou pelo menos, que as obras de arte usadas na decoração das cantarias sejam dessa cronologia.

### 3.1.3 - O portal norte

A porta virada a norte é, normalmente, a menos importante, pelo menos nos edifícios da época medieval prolongando-se pelos tempos fora este conceito. As variações surgem, especialmente, nas construções monásticas e conventuais. É que o lado norte não é banhado pela luz directa do sol e assim, simbolicamente, é menos importante.

<sup>98</sup> Cf. Ana Pinto, *Manifestações da estética manuelina na igreja matriz de Monchique*, 2008, p. 14.

<sup>99</sup> Cf. Castelo Ramos, *Revista XELB 3: Silves nos Descobrimentos*, 1996, p. 123.



No caso do portal norte da igreja matriz de Monchique confirma-se esta ideia. Nas últimas décadas, esta porta deixou de funcionar e todo o movimento de acesso ao edifício é exercido pelo portal principal ou por situação de serviço pelo lado sul. Este acesso sul acaba também por não servir de entrada directa para o templo, já que se utiliza a porta da sacristia que também está virada para a zona meridional.

No pórtico norte, que visto do exterior fica num plano elevado de mais de um metro em relação à rua corrente, apresenta uma decoração fruste mas característica da época da sua provável construção. De pedra semelhante às restantes cantarias, mostra alguma degradação na superfície de alguns dos blocos que a compõem. É lisa nos umbrais e não tem decoração naturalista mas usa



*Figura 76 - Portal lateral norte da igreja matriz de Monchique.*

Foto do autor, 2011



*Figura 77 - Portal lateral da igreja da Carrapateira.*

Foto in Revista XELB nº 3

arestas chanfradas. A verga é também chanfrada e sofre um dinamismo que a aproxima da forma recta mas com reentrâncias e quase dobragem que lembram ainda o arco apontado. Nas bases aparecem pequenos ressaltos e é muito semelhante, no conjunto, a um portal presente na igreja matriz da Carrapateira<sup>100</sup>.

### 3.2 - Pias para água benta

Há nesta igreja três pias para água benta, de uso facilmente acessível, para a purificação de todos os crentes, antes da sua aproximação mais íntima a Deus, no santuário.

Na entrada, já no interior, incrustadas na parede que serve de fachada principal, encontram-se duas, uma de cada lado da porta. Na coluna quase frontal à entrada norte pode ver-se outra, embutida no fuste.

<sup>100</sup> Cf. Castelo Ramos, op. cit. 124.

Não referimos como importante para a compreensão deste trabalho a pia do baptistério, pois a capela foi rasgada na parede norte em 1902 como pode ver-se no frontespício do fecho do arco. A pia, semi-esférica, em pedra, parece coerente com essa cronologia pelo que não nos dá informação para tempos anteriores.

As duas pias que foram referidas, simetricamente colocadas junto à entrada, são de pedra polida, tipo brecha e têm a forma de



Figura 78 - Pia de água benta colocada junto à entrada. Foto do autor, 2010

concha ovalada. O perfil é ondulado e o bordo, liso e cortado num plano horizontal, está muito polido em ambas, desde a origem e acentuado pelo uso. São de uma razoável dimensão e na zona que está junto à parede onde se inscrevem, apresentam, na parte superior, dois enrolamentos como se se tratasse de volutas.

A pia que está na coluna mais próxima da entrada norte, é mais pequena do que as que referimos junto à entrada, de secção circular mas tem uma decoração naturalista manuelina com *figuração de elementos torsos no rebordo e na base do cálice, este último como que rafegando a pedra, num jogo plástico algo fruste, mas que sugere um revestimento do recipiente com folhagens enroladas na base*<sup>101</sup>.



Figura 79 - Pia para água benta adossada à coluna mais próxima do portal norte. Foto do autor, 2010

Esta colocação próximo da entrada norte é comum e surgiu como evolução após se ter generalizado a disposição junto à porta principal.<sup>102</sup> Temos conhecimento que na Sé de Silves existe uma pia semelhante mas com um trabalho escultórico mais primoroso.

<sup>101</sup> Cf. Ana Pinto, op. cit. p. 10.

<sup>102</sup> Cf. Nuno Moniz Pereira e Victor Feytor Pinto, *Símbolos da Igreja Cristã*, 2009, pp. 59-62 (a pia de água benta, simbolicamente, deverá estar no exterior ou mesmo junto do portal para os crentes se purificarem antes de entrar. A porta norte é mais conotada com as trevas em oposição à luz solar que valoriza o sul pelo que mais se justifica a purificação daquele lado).

### 3.3 – Capelas

Na igreja matriz de Monchique encontram-se oito capelas, a saber: na cabeceira a capela mor e duas colaterais e nas paredes laterais estão três capelas do lado norte e duas do lado sul.

Segundo a descrição das Memórias Paroquiais de 1758 (Figura 73) as capelas tinham as seguintes designações: na cabeceira, a colateral do lado do evangelho era, tal como ainda hoje, das Almas e do lado da epístola designava-se do Espírito Santo. Nas laterais, no lado norte, Nossa Senhora do Rosário e mais atrás a de Santo António e Santa Teresa. Na parede do lado sul tínhamos a capela do Senhor Jesus e mais próximo da entrada a de S. Luís Bispo.

1. O Orago desta Igreja e de S.ª da Conceição Nella  
 de Contas e Outros Almas pe tabo... da Capella Mor  
 e divizenda pella parte direita do Espirito Santo  
 e S.ª Jesus e S.ª Luis Bispo e da parte esquerda  
 a Capella das Almas e da Cruz e da Tabernaculo de S.ª  
 Sacramento e de N.ª S.ª do Rosario e de S.ª Antonia  
 e de S.ª Euzena e a sabida desta Igreja de Tres  
 Navos de bom proporcio e grande. Nella segunt  
 sette Irmandades a saber a do S.ª Sacramento e de S.ª  
 S.ª da Conceicao e de S.ª S.ª do Rosario e de S.ª  
 mas a de S.ª Antonia e de S.ª Andree e de S.ª Sebastiao  
 Contra de mais sette Mordomias a saber a do S.ª  
 Jesus e S.ª Luis e Santa Euzena e do Espirito Santo e de S.ª  
 do Carmo e de S.ª Pedro e de S.ª Santa Brizida  
 Foi Tradição desta Igreja de S.ª da Conceição  
 da em tempo que o Sr. Rey D. Joao e segundo se  
 relata e se os banhos desta Igreja super 16 Anos de  
 Mil e quatro Contos e Novecentos e cinco que se  
 salientam

Figura 80 - Resposta nº 7 das Memórias Paroquiais (1758) descrevendo a relação das capelas, irmandades e mordomias presentes na igreja matriz.

As designações actuais são, para a cabeceira, capela das Almas para a colateral ao evangelho e do Senhor Crucificado, para a colateral do lado da epístola.

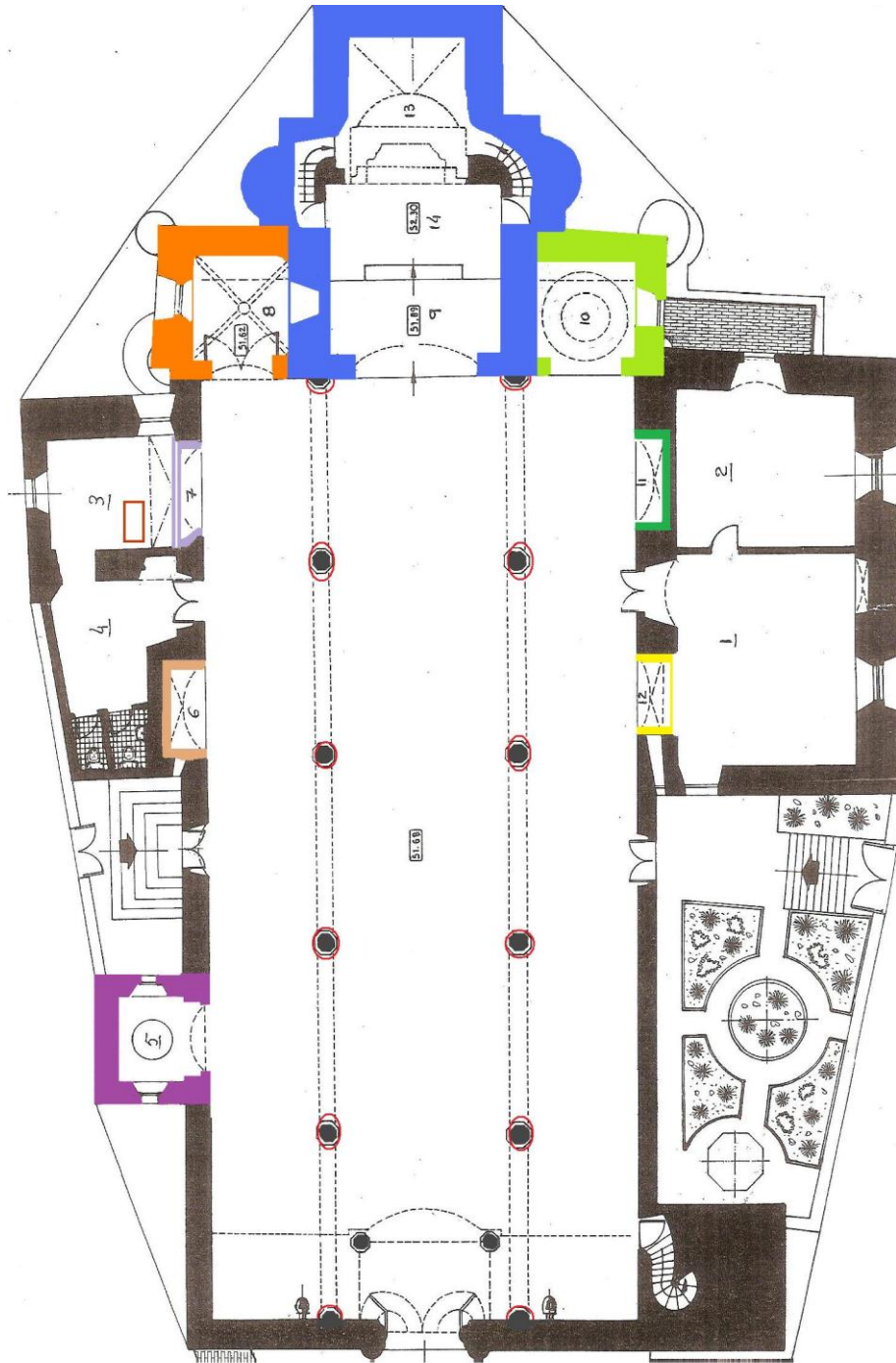
Na parede lateral norte, a partir da cabeceira para a entrada encontram-se as capelas de Nossa Senhora de Fátima, de Nossa Senhora do Carmo e a mais recente, com data de 1902 marcada no arco da entrada, o baptistério.









Na parede lateral sul, mais próximo da cabeceira, a capela do Sagrado Coração de Jesus e a capela de Nossa Senhora do Rosário (ver figura 81, da página seguinte).

Neste trabalho, apenas são abordadas características das três capelas da cabeceira e da capela lateral que tem a dedicação actual a Nossa Senhora de Fátima. As primeiras porque são estruturais e são parte integrante da planimetria do edifício e a quarta porque, embora de construção provavelmente setecentista, interfere com a volumetria exterior e ainda apresenta alguns testemunhos do seu uso pleno, embora lhe tenham sido alteradas as funções posteriormente.

As restantes, praticamente inscrevem-se todas elas dentro da espessura das paredes, mostrando para o interior do templo os retábulos, que abordaremos no IV Capítulo e cujas partes traseiras são aproveitadas como armários.

Figura 81 – Capelas da igreja matriz



- |                                                                                                                          |                                                                                                                          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  - Capela-mor                         |  - Capela do Sagrado Coração de Jesus |
|  - Capela das Almas                   |  - Capela da Nossa Senhora de Fátima  |
|  - Capela do Senhor Crucificado       |  - Capela da Nossa Senhora do Carmo   |
|  - Capela da Nossa Senhora do Rosário |  - Baptistério                        |

### 3.3.1-Capela mor

A capela mor é, naturalmente, de uma escala superior a todas as outras aplicações do edifício, tanto na arquitectura como na escultura e nas funções de mobiliário litúrgico. Ocupa o centro da cabeceira, ladeada por duas capelas colaterais e a atenção de quem observa é orientada para o retábulo em talha dourada que preenche todo o fundo e de que se tratará no IV capítulo desta dissertação.

Esta capela ruiu pelo terramoto de 1755. Nas Memórias Paroquiais de 1758, num relato do prior da altura, António Aragão, pode ler-se “(...) ficou a Igreja deste lugar *bastantemente arruinada cahindo lhe a abobada da capella Mor (...)*” (ver figura 82) o que nos explica a atual abóbada de berço, apenas caiada de branco e ausente de decoração em consonância com as paredes laterais tratadas da mesma forma.

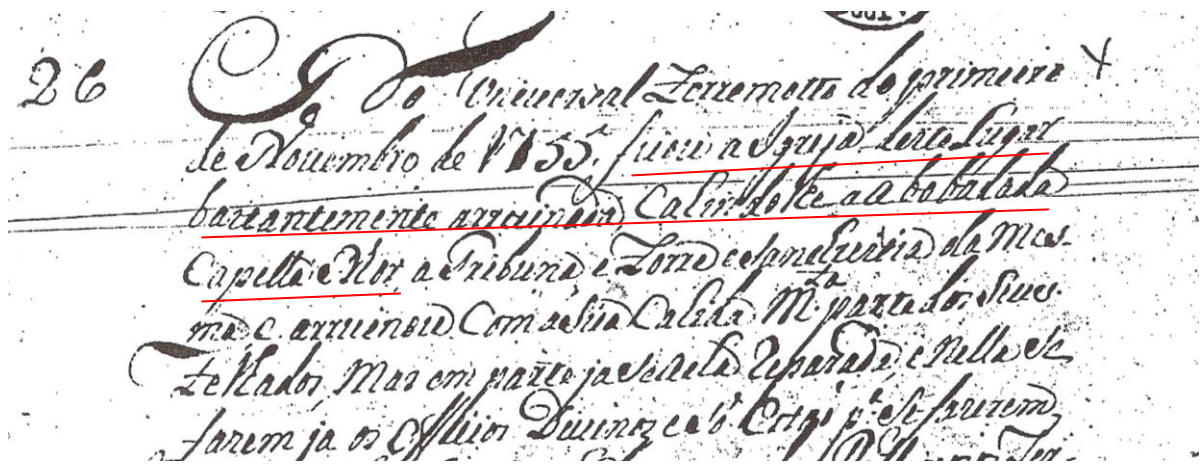


Figura 82 - Excerto das Memórias Paroquiais de 1758.

O arco triunfal, de volta perfeita, é em pedra comum, com silhares cortados em ângulo recto, que da sua aplicação resultam na marcação, sem reboco nem caiação, das molduras e intradorso. Sem nenhum outro tratamento decorativo na superfície lisa, para além dos capitéis e bases que parecem bem integrados na cronologia pós-terramoto, apenas sobressai a pedra de fecho do arco, que se nota destacada no centro mas que não mostra datas nem nenhum outro símbolo.

Tem uma cornija que nasce ao nível dos capitéis do arco e que se prolonga pelas paredes até ao retábulo com a mesma configuração seccional e que acaba também por ter continuidade pela adaptação que a própria talha desenvolve no seu entablamento. Esta cornija, em massa,

ultrapassa o arco onde se inscreve o retábulo e continua até ao fim, quando as paredes se encontram perpendicularmente com a de tardós.

A capela tem a forma quadrada aproximada, com 5,20 metros de largura entre paredes, imediatamente atrás dos cunhais do arco triunfal e 5,59 metros até ao início do retábulo que faz de parede fundeira. O quadrado aproximado que se lê, quer na medição efectuada já no decorrer da elaboração deste trabalho pelo autor, quer na observação em planta, desdobra-se nos cinco tramos da nave central. Nestes, há apenas uma diferença relativamente sensível no tramo mais próximo da cabeceira em que a distância entre colunas é de 4,78 metros enquanto as restantes se afastam entre si, em média, cerca de 5,15 metros. Consequentemente, os arcos formeiros correspondentes são mais fechados naquele tramo e tendencialmente mais abatidos, nos restantes, embora de forma ténue. Parece poder atribuir-se este desfasamento às obras pós-terramoto e ao reposicionamento do

arco triunfal, porventura mais avançado agora. Esta ideia adquire consistência quando se observam as soluções encontradas para articular as bases das colunas que se encontram semiencaixadas na parede perpendicular à orientação da cabeceira, como se fossem pilastras, com as bases do próprio arco. Há um nítido arranjo forçado que não poderia ser elaborado coerentemente assim, se constituísse proposta inicial do arranque



*Figura 83 - Solução de encaixe forçado das cantarias do arco triunfal com a base da meia coluna adossada à cabeceira do lado do evangelho.*

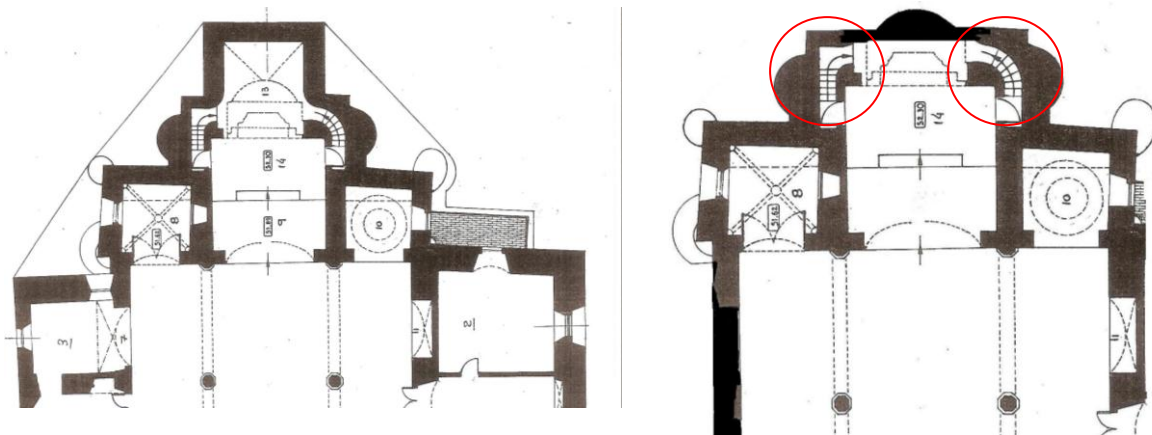
Foto do autor, 2012

constutivo do templo, conforme se pode observar no pormenor reproduzido na figura 83.

Actualmente, as paredes laterais desta capela dispõem de quatro vãos, duas janelas e duas portas, rasgados já próximos do início da junção com o retábulo. As janelas, que abrem directamente para o exterior, permitem uma boa iluminação natural do presbitério. Foram abertas no mesmo plano das portas e sobrepõem-se às mesmas. São de forma rectangular, ao alto e não apresentam nenhuma decoração embora sejam guarnecidas de cantarias de pedra local.

As portas, também simétricas e com semelhanças de apresentação às janelas, permitem o acesso à tribuna e ao trono do retábulo, através de escadarias que parecem ter sido escavadas dentro da parede estrutural de uma construção que deve ter sido a primitiva. Estes trabalhos

tornaram-se necessários aquando da instalação do retábulo barroco, datado do segundo quartel do séc. XVIII.



Figuras 84 e 85 - Solução aplicada para criar os acessos laterais da capela mor à tribuna do retábulo.

Esta probabilidade tem a ver, por um lado, com o facto de o retábulo corresponder a um tempo e a uma autoria identificadas como características deste período<sup>103</sup>. Por outro lado, no acrescento que foi feito à capela mor inicial, e que é a parte mais exterior e saliente de todas na cabeceira da igreja, criou-se, devido ao elevado pé direito, um espaço coberto com abóbada de arestas, tipologia que não se utilizava antes de finais do século XVII. O acesso a este é feito pela parte exterior mais baixa da igreja e que serve de arrecadação. A referida abóbada suporta o pavimento onde no interior se apoia o trono do retábulo e acesso tardós ao mesmo.



Figura 86 - A abóbada de arestas, da arrecadação por baixo da capela mor

Foto do autor, 2010

<sup>103</sup> Francisco Lameira, *Inventário Artístico do Algarve: A Talha e a Imaginária, n.º XIV – Concelho de Monchique* 1997, p. 70.



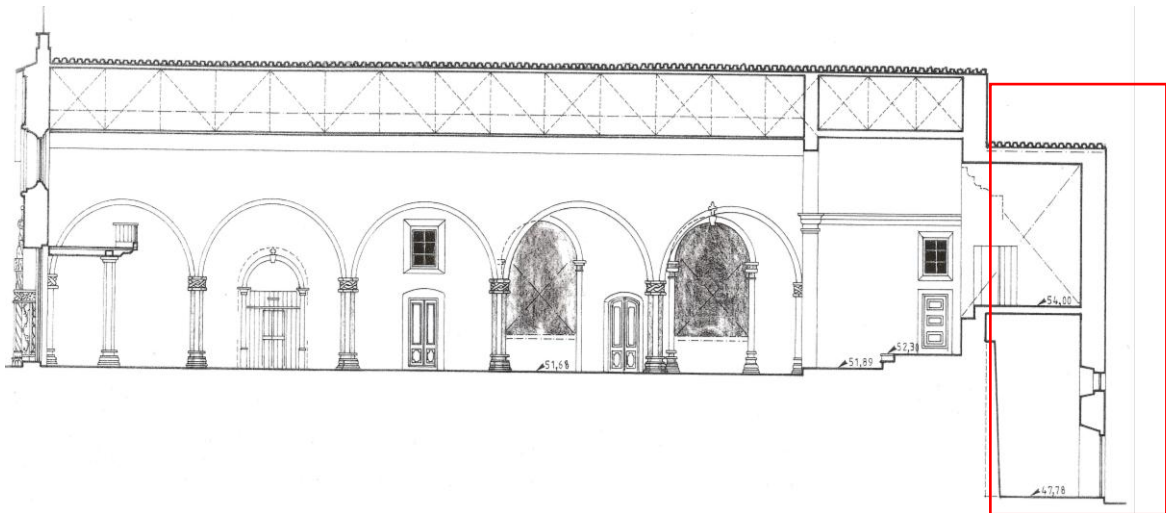


Figura 87 - Corte em que é visível o acrescento (provavelmente já setecentista) da capela mor, assinalado a vermelho.

Importa também lançar a hipótese sobre o que é presentemente observável nas paredes forradas de azulejos seiscentistas na capela colateral ao evangelho, porque há aqui quadros figurados que foram descuidadamente mutilados devido à abertura de janelas. Assim, se situarmos a abertura destes vãos depois da colocação dos azulejos, o que nunca pode ter ocorrido muito antes de terminar o século XVII, conclui-se que para recuperar a iluminação que nos primórdios da construção proviria, muito provavelmente, de um óculo traseiro na parede fundeira virada a leste, e que ficou desaparecido com as obras de colocação do retábulo, foi necessário rasgar duas janelas em cada capela colateral, uma para o exterior e outra para a capela mor. Contudo e talvez por ainda não ser suficiente a luminosidade sobre o retábulo, foram entaipadas as que davam diretamente para a capela mor (cujas marcas são bem notadas presentemente) e abertas outras para o exterior, sobre as portas de acesso à tribuna, conforme já anteriormente mencionado.

O retábulo obstruía a entrada da luz do topo e necessitava de uma iluminação mais intensa para cumprir a sua função algo cenográfica e de alguma grandiosidade que impressionava os fiéis e concentrava na ousia os olhares que se desejavam estimulantes da fé.

A capela mor prolongou-se, os vãos mudaram de posição para a luz ser mais directa à fonte exterior e o barroco impunha encenações religiosas nas cerimónias que obrigavam ao acesso fácil mas um pouco misterioso ao trono, num plano mais recuado e mais elevado.

A capela mor, no seu interior, a partir da aresta exterior dos cunhais do arco triunfal tem uma elevação de cerca de cinquenta centímetros em relação às naves. Estas medidas foram tomadas recentemente e embora sendo os materiais, dos respectivos pavimentos, de aplicação

tardia do século XX, deixam perceber que estes não se alteraram significativamente nas suas cotas ao longo dos tempos. Esta afirmação baseia-se na observação das bases das colunas, da entrada das capelas colaterais e nalgumas marcas observáveis nos diversos materiais da construção. Nas cantarias deste arco e no chão que medeia entre os intradorsos notam-se as marcas dos apoios das estruturas do gradeamento que até ao Concílio Vaticano II, separava as naves do presbitério e que entretanto foi retirado.

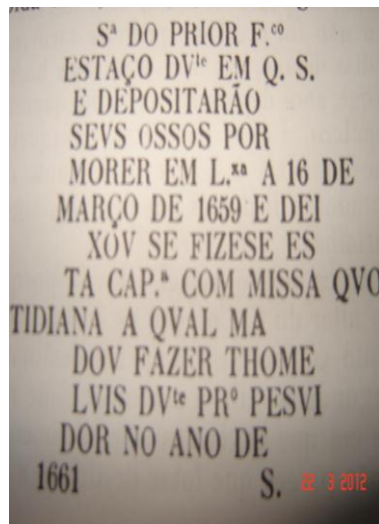
Outro indício que se nota nesta cabeceira e que parece demonstrar o que se tem vindo a defender para as cronologias é o desvio do que parece ser o acrescento setecentista da capela mor, em relação ao eixo axial do templo. Está desviado para a esquerda de quem está na nave central virado para o arco triunfal e isso é muito facilmente observável, a olho nu, na planta.



Figuras 88 e 89 - Imagens do que parece ser fragmentos de lápides funerárias e que estão aplicados com a função de degraus no acesso norte à tribuna da capela mor.

Foto do autor, 2010

Os degraus que constituem a escadaria de acesso à tribuna e toda a zona da cabeceira atrás do retábulo são reaproveitamentos de cantarias aplicadas anteriormente. Verificam-se, pelo menos em três degraus, no acesso norte, inscrições um tanto ilegíveis mas de que se compreendem alguns símbolos e letras. Tudo aponta para lápides funerárias epigrafadas mas



que em arranjos e “restauros” sem interesses conservacionistas, foram usadas apenas pela utilização racional do material o que pode justificar a ausência de quaisquer sepulturas à vista no corpo da igreja e nas capelas.

Figuras 90 e 91 - Foto da lápide localizada na arrecadação atrás da capela de N. Sr<sup>a</sup> de Fátima e respectiva transcrição. Fotos do autor, 2012

Através dos Subsídios para a Monografia de Monchique, sabe-se que deviam ser 208 as sepulturas<sup>104</sup>. Actualmente, apenas é observável uma tampa com inscrição, agora colocada na arrecadação para onde se entra pelo mesmo acesso das casas de banho e que fica atrás do retábulo da capela dedicada à invocação de Nossa Senhora de Fátima, ou seja, a primeira lateral do lado do evangelho, mais próxima da cabeceira. É muito provável que uma leitura das tampas de sepulturas resultantes de enterramentos realizados ao longo dos tempos e em locais diferenciados do templo, permitisse alguma informação mais rigorosa em relação ao tempo e autorias concretas.

Na arrecadação que foi referida anteriormente, com acesso na parte baixa do adro, está um contraforte semicilíndrico adossado à parede que foi a fundeira da igreja, antes do acrescento citado. Apresenta ainda os sinais das telhas de canudo que o cobriram no topo, que fica a cerca de oitenta centímetros abaixo da abóbada de arestas visível na dita arrecadação (figura 92). Estes indícios fazem perceber que aquele contraforte



Figura 92 - Aspecto do contraforte no interior da arrecadação por baixo da capela mor.  
Foto do autor, 2010

se situava no exterior até ficar envolvido pela construção das paredes e abóbada setecentistas. Este contraforte pertence ao mesmo grupo dos restantes que por estarem em posições laterais não foram absorvidos pelo acrescento da cabeceira da igreja, nomeadamente na capela-mor, muito possivelmente no século XVIII, conforme já referido. São estas estruturas de suporte à construção que contribuem para formar um conjunto de planos e ângulos associados às suas formas semi-cilíndricas que tornam a traseira deste templo um belo exemplo de arquitectura religiosa, embora com elementos diacrónicos.<sup>105</sup>

<sup>104</sup> José António Gascon, *op.cit.*, 199 . “No pavimento, ainda se vêem as portas das sepulturas (...) o nº 1 em frente da atual capela do S. S. (...) seguindo essa numeração de ordem para a direita, em linha paralela à frente da capela-mor, até ao nº 16 e tendo 13 fileiras até à porta principal”.

<sup>105</sup> Ver Foto da Figura nº 60 na p.49.

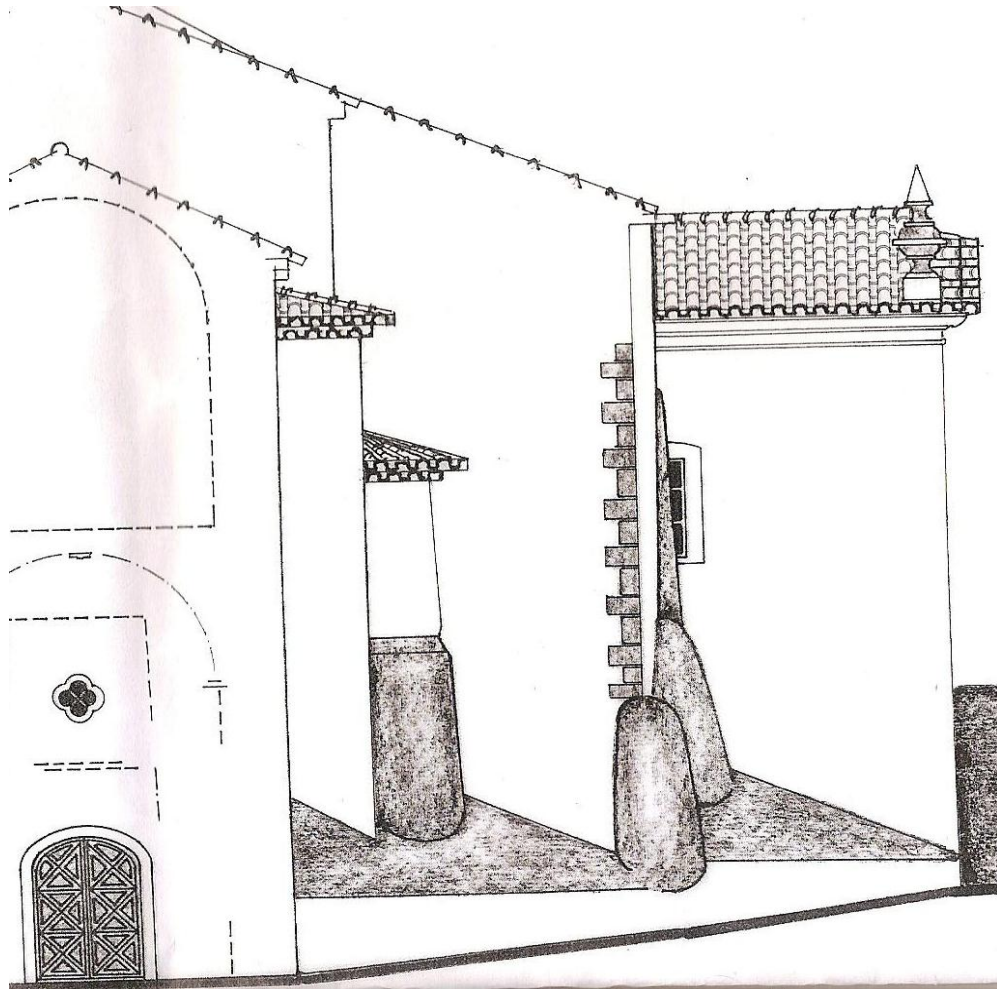


Figura 93 - Parte do alçado traseiro do monumento, onde se observam elementos construtivos de diferentes épocas.

Desenho cedido pela Câmara Municipal de Monchique

### 3.3.2-Capela das Almas (colateral do lado do evangelho)

A estrutura arquitectónica desta capela apresenta uma abóbada com quatro nervuras chanfradas apoiadas em mísulas e um bocete circular na zona de intersecção, com uma cruz de Cristo inscrita e bem definida.



Figura 94 - Interior da abóbada da capela das Almas.

Foto do autor, 2010

Apenas duas mísulas são observáveis pois as que ladeiam a parede fundeira ficam escondidas atrás do retábulo barroco que lhe ocupa toda a superfície. As visíveis são diferentes entre si, apresentando a do lado do evangelho uma forma cónica invertida, sulcada de modo concêntrico no fundo e a meio corpo e mostrando a base superior com o perímetro envolvido por um enrolamento bastante regular e seguindo a mesma gramática decorativa da bordadura do bocete que serve de fecho à abóbada, e que está repetida na pia para água benta citada na página 64, figura 79. A outra mísula visível tem uma forma e uma dimensão semelhantes embora tenda mais para acentuar a relação esférica e a decoração é mais exuberante. Tem também o rebordo superior *torcido* mas o corpo tem uma espécie de reticulado a cobri-lo que se assemelha ao que observamos nas bases visíveis no extradorso das ombreiras da entrada desta capela e também nas bases dos portais sul e axial.



Figura 95 - Exterior da abóbada da capela das Almas.

Foto do autor, 2011



Figuras 96 e 97 - Mísulas da capela das Almas.

Foto do autor, 2010



Figura 98 - Painel de azulejos com S. Miguel a matar o Diabo. Foto do autor, 2012

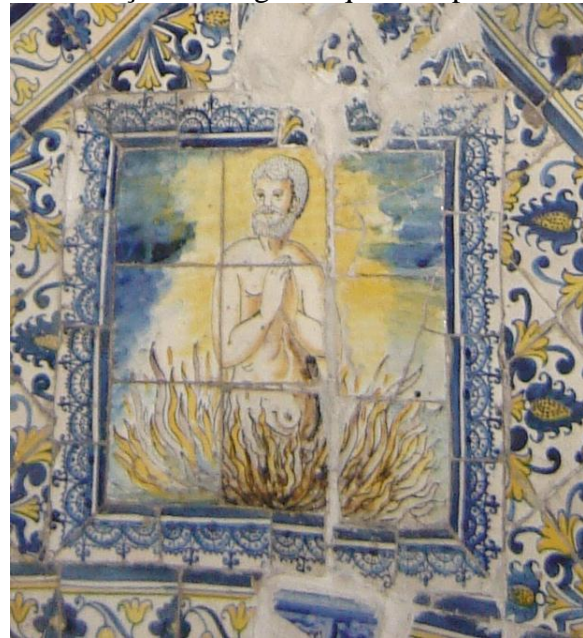


Figura 99 - Painel de azulejos com S. Francisco a resgatar as almas que se agarram ao seu cordão. Por cima, vê-se a janela, entaipada, que servia para iluminar a capela mor.

Foto do autor, 2012

Nas paredes laterais rasgam-se duas janelas, amplas, uma delas iluminando o espaço interior por estar virada directamente ao exterior e a outra, que serviria para dar luz à capela mor, foi fechada com tijolos mas só na face adjacente à ousia pelo que o que dela resta está disfarçado

com uma cortina. Estas janelas foram abertas, provavelmente nos finais do século XVII ou já no seguinte podendo adiantar-se a probabilidade de ter havido nesta capela alguma intervenção no tempo seguinte ao terramoto de 1755. Toda a superfície do tecto e das paredes visíveis está forrada de azulejos de padrão daquela cronologia e não houve cuidado com o rasgamento daqueles vãos já que se cortaram as cabeças das figuras que compõem dois painéis figurativos que assim ficaram truncados. Um dos quadros representa S. Francisco salvando as almas e no outro pode ver-se S. Miguel a matar o diabo. No tecto, colocados em cada um dos quatro espaços entre as nervuras, estão painéis com alminhas e cercaduras chamadas de renda pela delicadeza do desenho que apresentam. Estes azulejos são provenientes de Lisboa, situação vulgar já que não havia produção algarvia.<sup>106</sup>



Os espaços da abóbada inscritos entre as nervuras e o seu prolongamento entre as mísulas criam a ilusão de arcos ogivais pelas linhas pétreas que arrancando também daqueles suportes circunscrevem um arco apontado.

*Figura 100 - Painel de azulejos com alminhas e cercadura de renda.* Foto do autor, 2012

Uma curiosidade é que o arco da entrada que é de volta perfeita não coincide com o eixo da abóbada, ou seja, a abertura para a capela está deslocada para a direita de quem entra. Interpretamos esta situação com obras de adaptação ou reconstrução que tenham ocorrido tardiamente e motivado uma tentativa de ajuste à leitura global do corpo e cabeceira do templo. O arco propriamente dito é de pedra, com um colunelo cilíndrico a fazer de aresta em todo o perímetro, inscrevendo-se entre dois sulcos de forma côncava, inversa mas de igual dimensão, um no intra e outro no extradorso, o que se pode definir como execução em meia cana, válida para as reentrâncias e para as saliências.

<sup>106</sup> Francisco Lameira, Igreja Matriz de Monchique, desdobrável, Junta de Freguesia de Monchique, 2000

Na zona de arranque da curvatura tem um capitel ou imposta, de formato retilíneo, que interrompe os sulcos côncavos e o colunelo, que prosseguem exactamente iguais após a interrupção,



*Figura 101 - Capela das Almas, onde se pode observar a articulação de vários suportes materiais como a pedra, a madeira, os azulejos, o ferro, a pintura...*

Foto do autor, 2010

mas agora curvados. Este capitel, de meia cana<sup>107</sup>, é formado de uma peça única e tem um trabalho primoroso na sua execução, já de cariz que lembra o renascimento, pelo equilíbrio geométrico e linearidade, nada chocante, aliás, com a morfologia das colunas e espaços da igreja. Lamentavelmente, o portão de grades de ferro em duas meias portas que está colocado, obrigou a partir, sem nenhum cuidado, bocados do friso destas impostas que ficaram defeituosas embora,

felizmente, mantenham a sua continuidade morfológica.

Observamos ainda que o pavimento, em mosaicos cerâmicos já do século XX, está num nível mais baixo do que o restante chão do corpo da igreja,

perto de dez centímetros, o que é facilmente visível junto às bases do arco (Ver figura 65 na página 55).



*Figuras 102 e 103 - Pormenores da cantaria do arco de entrada da capela.*

Foto do autor, 2010

<sup>107</sup> Cf. Luís Manuel Teixeira, *Dicionário Ilustrado de Belas Artes*, 1985, p.158.



### 3.3.3-Capela do Senhor Crucificado (colateral do lado da epístola)

Esta capela apresenta uma forma aparentemente quadrada e uma cobertura em semi-esfera.



Figura 104 - Capela do Senhor Crucificado.  
Foto do autor, 2012

Tem, do lado direito de quem entra, uma janela de iluminação e o fundo está totalmente preenchido por um retábulo rococó, que será abordado no capítulo IV. As paredes são de alvenaria, rebocadas e caiadas de branco, apresentando na direita uma janela que permite iluminação natural e à esquerda sinais de entaipamento de outra que serviria para deixar passar luz para a capela mor, situação simétrica ao referido anteriormente para a capela colateral das Almas.

A abóbada mostra uma recente decoração pictórica e de estuque, que não se insere no âmbito deste estudo.

Pelas frestas do desajuste do retábulo com as paredes laterais verifica-se, embora imperfeitamente, que há uns vestígios do que pode ter sido uma cornija em anteriores disposições no arranjo da capela. Uma tentativa de visualização do espaço entre o retábulo e a parede de tardós da capela resultou na observação de uns vestígios de pinturas geometrizes em cadeia ovalada e o que pode ter sido o suporte de um retábulo, pequeno, quase oratório, entretanto retirado e em cujo local houve arranjo de pedreiro que deixou reboco e tijolos à vista.

O arco de entrada, de pedra do mesmo tipo da usual em todo o edifício, é de volta perfeita, com o intradorso decorado de forma simplista, apenas com uma concavidade rectilínea de cima a baixo circunscrita por um rebordo que a emoldura. É interrompida por dois capitéis, atípicos, em cimento, de alguma campanha de obras no século XX. O trabalho no revestimento lítico do arco é que pode indiciar uma aproximação a época seiscentista mas os capitéis ajudam a corrigir a forma, ou mesmo a substituir a pedra, de modo que não é esclarecedor. Próximo, temos o mesmo tipo de solução, com concavidade no intradorso, nas bases do arco triunfal da capela-mor da igreja da Misericórdia e que é seguramente de fundação posterior à primeira metade do século XVI.

### 3.3.4-Capela de Nossa Senhora de Fátima (lateral do lado do evangelho mais próxima da cabeceira)

Esta capela aparece referenciada nas *Memórias Paroquiais* de 1758 como sendo da invocação de Nossa Senhora do Rosário. Actualmente, apenas deixa visível a quem está dentro da igreja o retábulo, sem profundidade, mas a capela prolonga-se, criando um volume bem perceptivo no exterior da parede norte.

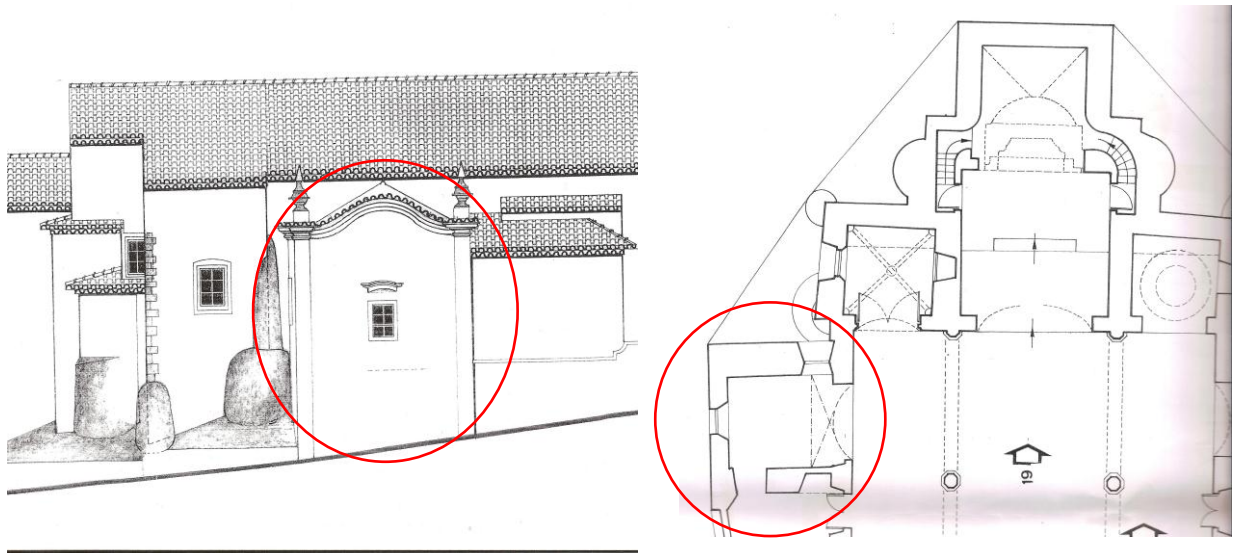
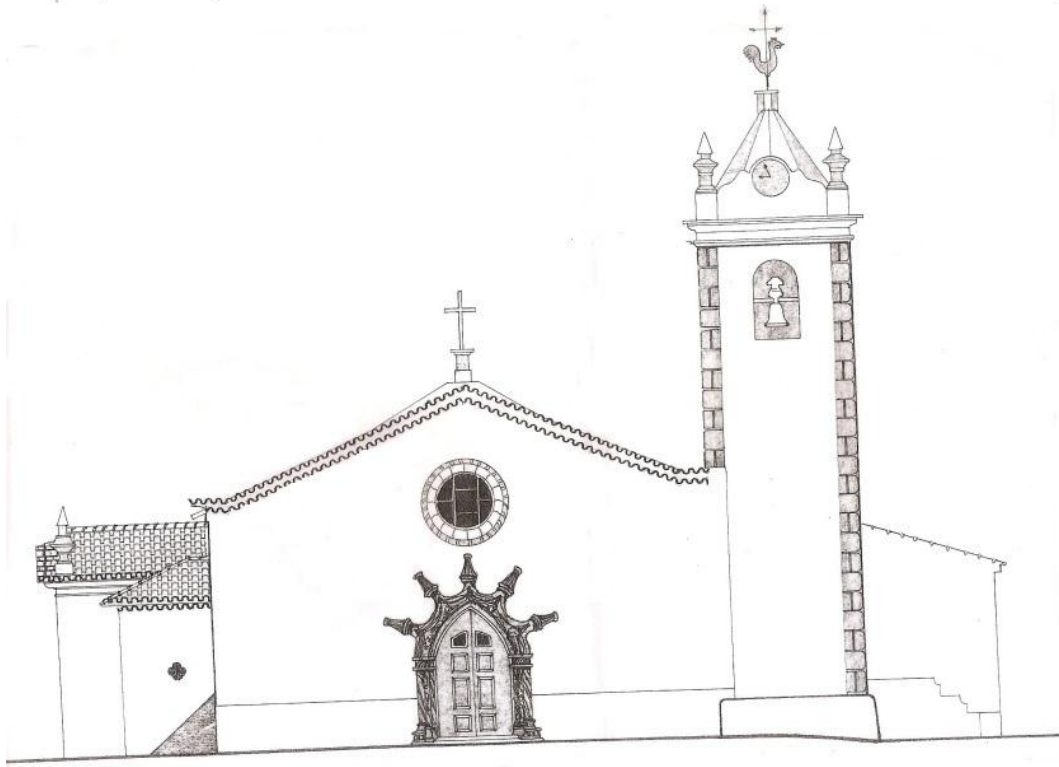


Figura 105 – Volumetria exterior da capela de Nossa Senhora de Fátima e correspondência em planta.  
Desenhos cedidos pela Câmara Municipal de Monchique

O espaço entre o retábulo e a parede fundeira tornou-se uma arrecadação.

No espaço dessa arrecadação, pode observar-se no chão a lápide tumular já referida na página 72 (figura 90) e, nas paredes e tecto, vestígios de aplicações de estuques, agora só visíveis depois do acesso a um sobrado para arrumos.

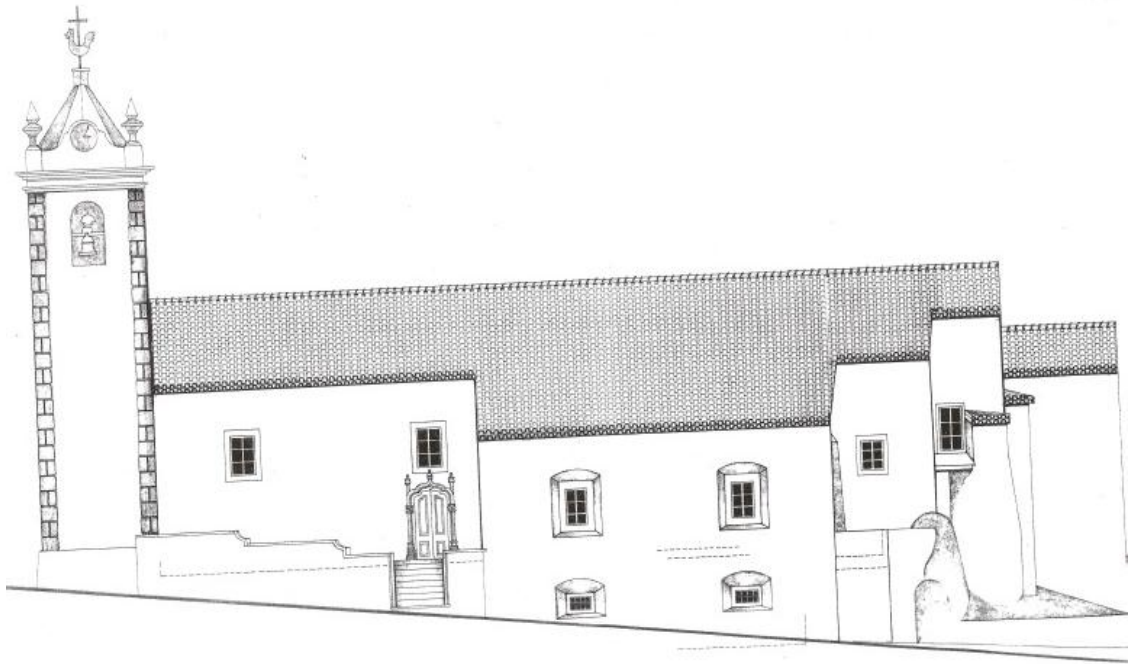
Merece alguma atenção o facto das cantarias do arco apresentarem uma escala pouco canónica. Os capitéis têm uma dimensão demasiado grande para a altura do vão, por exemplo, e as proporções não mostram harmonia. A observação desta capela, tanto pelo interior nos vestígios já referidos, como pela volumetria que sobressai na fachada norte da igreja, parece indicar uma construção setecentista.



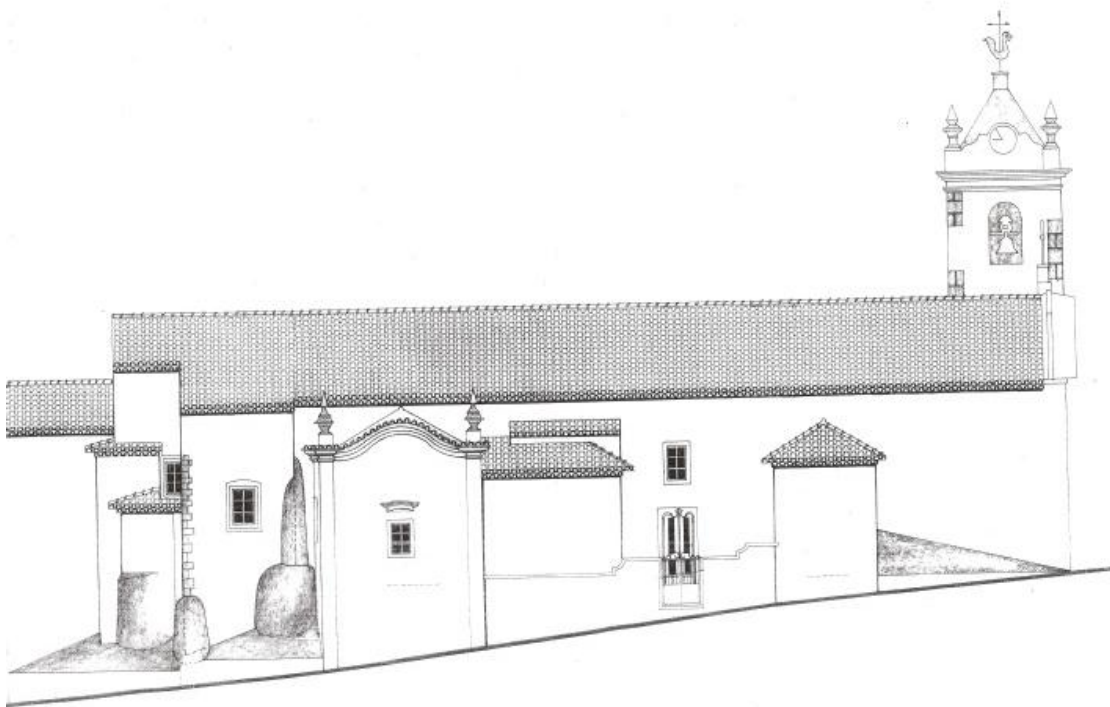
*Figura 106 - Desenho da fachada principal.*



*Figura 107 - Desenho da fachada traseira.*



*Figura 108 - Desenho da fachada sul.*



*Figura 109 - Desenho da fachada norte.*

(Levantamentos cedidos pela Câmara Municipal de Monchique)

## CAPÍTULO IV – A TALHA RETABULAR E A IMAGEM DA PADROEIRA

### 1- Talha Retabular

O objecto do trabalho proposto como base para a tese do Mestrado em História da Arte foi a igreja matriz da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Monchique, numa análise ao que foi e é este edifício. As manifestações presentes do que é comum chamar *manuelino*, a sua interpretação e algum estudo comparativo com outras construções coevas do reinado de D. Manuel, constituíram o tema fulcral daquilo que possa contribuir para esclarecer a história deste templo da serra algarvia.

Acresce que mais de dois séculos volvidos à época florescente que permitiu o aparecimento do edifício, o qual ainda perdura e que continua a desempenhar o mesmo papel para o qual foi gizado, outro tempo comparável houve que deixou marcas na expressão artística, por ser tempo de desafogo económico e de muita criatividade. Falamos *grosso modo* do estilo barroco e da sua manifestação que melhor se assumiu em Portugal, a talha, principalmente a religiosa.

Esta é a razão pela qual se incluiu um capítulo, nesta dissertação, sobre a talha retabular presente na igreja matriz de Monchique. Sem ser de modo nenhum exaustiva, nem o poderia ser neste contexto, esta abordagem sugere uma recomendação para que não se perca o interesse por esta temática nem deixe de ser referida. Merece, isso sim, ser aprofundado o seu estudo.

A talha que se encontra nos retábulos da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Monchique é toda em madeira e é do século XVIII. Embora se possa considerar na sua maioria pertencente ao período barroco, também tem exemplares rococó, tudo distribuído por sete capelas sendo três na cabeceira, a capela-mor e duas colaterais e mais quatro laterais.

Os três retábulos da cabeceira, em princípio, foram destinados para aplicar nos locais que ocupam desde a encomenda. Dos quatro retábulos laterais, três deles vieram do extinto convento de Nossa Senhora do Desterro, em 1834, depois da extinção das ordens religiosas.

Só não estão dourados ou pintados os dois retábulos laterais, um de cada lado, mais próximos da entrada principal, ambos oriundos do referido estabelecimento regular.

Para além dos retábulos, propriamente ditos, referimos também a existência de dois sacrários, um na capela-mor e outro na colateral ao evangelho e dois frontais de altar, em madeira, com

decoreção temática litúrgica, polícroma, na capela-mor e na colateral à epístola e que merecem atenção.

A metodologia que seguimos neste capítulo foi a de descrever, com a informação disponível, cada um dos objectos a partir de quatro itens: conjuntura artística, morfologia, encomendador e executante.

As designações de cada capela são as actuais para permitir uma melhor identificação.<sup>108</sup>

## **1.1- Retábulo da capela-mor**

### **1.1.1- Conjuntura artística**

Este retábulo, naturalmente o de maiores dimensões da igreja, integra-se no chamado estilo barroco, reunindo elementos do que se denomina mais especificamente como formulário *nacional* associados com outros que se designam como *joanino*.

A fase *nacional* decorreu num período compreendido entre 1700 até 1735. É nesta altura que se usam as chamadas colunas pseudo-salomónicas<sup>109</sup> decoradas, às vezes exuberantemente, com pânpano ou seja hastes de videira, parras e uvas assim como toda a talha é ornamentada predominando a folhagem com alguns enrolamentos. A fase *joanina* que vai até por volta de 1751 é mais erudita e, entre outros elementos, usa figuras em alto relevo e mesmo de vulto perfeito<sup>110</sup>.

### **1.1.2- Morfologia**

A observação deste retábulo mostra-nos que é de uma tipologia comum, com um corpo e três tramos e ocupa todo o fundo da capela. Tem uma particularidade que é a ausência de nichos ou mísulas nos tramos laterais o que não permite a colocação de imagens. Como é de perspectiva côncava, a atenção do observador é orientada para o trono que se situa no interior da tribuna que forma o tramo central.

É com facilidade que podemos analisar este retábulo em três secções: a base, o corpo e o ático.

---

<sup>108</sup> Há uma discrepância entre as designações que surgem nas *Memórias Paroquiais* de 1758, e as referidas nos *Subsídios para a Monografia de Monchique* e as da actualidade. O erro parece estar em José António Gerreiro Gascon que nos *Subsídios...* classifica capelas que não coincidem nem com as referências do século XVIII nem com autores mais recentes e nem com o culto tradicional contemporâneo.

<sup>109</sup> Colunas espiraladas sem diferenciação desde a primeira à última espira, em oposição às colunas salomónicas que apresentam o primeiro terço diferenciado dos restantes.

<sup>110</sup> Cf. Francisco Ildefonso Lameira, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, 2000, p.369.

Na base há um duplo registo sendo o superior o mais enriquecido na decoração, com uma redução no tramo central e a colocação de atlantes em mísulas que suportam as colunas do corpo. Podem ver-se ainda, bem entalhadas, cornucópias, quartelões, aves afrontadas, frutos e elementos vegetalistas

No corpo, os dois tramos laterais possuem, cada um, duas colunas torsas, de sete espiras cada, ornamentadas com pânpanos e passarinhos. Nos intercolúneos, isto é, nos elementos planos entre cada par de colunas há ornatos de grande qualidade, dispostos em simetria nalguns elementos vegetalistas e singularmente sob a forma de concha encimada por uma fénix



Figura 110 - Retábulo da capela mor.  
Foto do autor, 2012

triumfante. A delimitar os dois tramos laterais há pilastras com frutos e folhas em sucessão vertical.

O tramo central é todo ele formado por um camarim com um trono em pirâmide onde se expunha o Santíssimo Sacramento. Esta tribuna interrompe o entablamento que separa o corpo do ático.

No ático de forma circular, concêntrica, há uma diversidade muito grande de ornatos. Para além dos elementos vegetalistas e frutos veêm-se conchas e formas mais ou menos auriculares, alguns elementos indefinidos mas esteticamente belos, cornucópias, flores e dois galos. Em vulto, estão dois anjos, um de cada lado, segurando o sol e a lua e os dizeres *electa ut sol* e *pulchra ut luna*<sup>111</sup>. Em posição de

maior destaque, ao centro e ao cimo mais dois anjos de maior dimensão, também tridimensionais, seguram uma cartela que ostenta uma coroa, insígnia mariana.

<sup>111</sup> Em latim significam *forte como o sol* e *bela como a lua*, respectivamente.

A mesa do altar préconciliar forma um corpo próprio, separado fisicamente do retábulo. O espaço que medeia entre os dois serve para arrumos. A mesa propriamente dita tem sobreposta uma espécie de banqueta decorada com formas vegetalistas onde se encaixa a meio o sacrário. Este constitui uma peça única, independente, de forma cilíndrica, com a porta preenchida com um *Agnus Dei* e um estandarte joanino, sobrepostos com dois serafins. A porta é envolvida por vários enrolamentos acânticos, algo túrgidos, e dois meninos a encimar segurando uma coroa em jeito de cartela. A parte superior termina sem nenhum remate mas com



Figura 111 - Sacrário da capela mor  
Foto do autor, 2012

uma superfície plana que suportava a figura de um pelicano, segundo nos foi transmitido por paroquianos mais idosos. Ao que parece, terá sido retirado para não obstar à visibilidade da imagem da padroeira que ocupa o centro da boca da tribuna, num plano mais recuado mas não muito mais elevado.



Figura 112 - Pormenor de uma das faces do frontal de altar da capela mor.  
Foto do autor, 2012

A mesa apresenta um frontal barroco de boa dimensão (3m x 1m) com decorações eucarísticas nas duas faces, bem conservadas.

### 1.1.3- Encomendador

Tudo aponta para que tenha sido uma iniciativa da Comissão Fabriqueira, no segundo quartel do século XVIII,<sup>112</sup> por volta de 1735.

### 1.1.4-Executante

Quer o risco quer o entalhe deste retábulo são atribuídos a Custódio de Mesquita, mestre entalhador com oficina aberta em Monchique, na época<sup>113</sup>.

<sup>112</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *O Retábulo no Algarve*, 2007, p.85.

<sup>113</sup> Ibidem.



## 1.2– Retábulo da capela das Almas (colateral do lado do evangelho)

### 1.2.1- Conjuntura artística

O retábulo desta capela enquadra-se no barroco pleno, na chamada fase *nacional*. Uma decoração exuberante nos dois pares de colunas pseudo-salomónicas e no ático formado por dois arcos um tanto abatidos, salomónicos, indica-nos esta conjuntura, situando a sua elaboração no primeiro quartel do século XVIII<sup>114</sup>.

### 1.2.2- Morfologia

Trata-se de um retábulo em perspectiva côncava, com uma base, um corpo, um só tramo e o ático formado por dois arcos concêntricos com três cartelas sobrepostas.

No embasamento a decoração é essencialmente vegetalista mas também se observam algumas conchas e um par de cabeças de serafins.

No corpo, dois pares de colunas pseudo-salomónicas de sete espiras, profusamente decoradas



com hastes, parras e uvas, ladeiam uma pintura que ultrapassa o entablamento e representa Nossa Senhora do Carmo e o Purgatório e cuja moldura mostra um trabalho entalhado comum mas de qualidade. Nas ilhargas, pilastras decoradas com enrolamentos acânticos equilibram o conjunto.

O ático é formado por dois arcos que nascem do entablamento, espiralados e decorados na continuidade das colunas. Estes arcos são concêntricos mas dão a sensação de serem um pouco abatidos. Ostentam três cartelas que nas bases são ilustradas por cabeças de serafins e as duas laterais têm insígnias de Cristo, numa as letras IHS e na outra um *crismón*. A central não tem nenhuma ilustração para além da sua talha

Figura 113 – Capela das Almas.  
Foto do autor, 2012

<sup>114</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *Inventário Artístico do Algarve*, Concelho de Monchique, p.74.

própria.

Nesta capela, colocado em cima da mesa do altar, está o sacrário. Apresenta uma microarquitectura interessante, com colunas pseudo salomónicas e vários elementos vegetalistas. O topo é formado por um *domo* estilizado e a porta mostra vários elementos naturalistas e uma cruz latina enraizada. Este sacrário não está preso à mesa nem ao retábulo e é possível ler atrás dele, pintada numa tábuia não entalhada do banco, a data de 1902, a mesma que figura no baptistério e que se sabe ter sido de uma campanha de obras referenciada por alguns autores<sup>115</sup>.

### **1.2.3-Encomendador**

As Memórias Paroquiais de 1758 referem esta capela e também a Irmandade das Almas. Ainda não está feito o estudo aprofundado destas realidades locais mas tudo nos leva a crer que a encomenda deste retábulo assim como outros trabalhos para a capela fossem encargos da dita Irmandade.

### **1.2.4-Executante**

Também nesta capela, quer o risco quer o entalhe do retábulo podem ser atribuídos a Custódio de Mesquita<sup>116</sup>.

## **1.3–Retábulo da capela do Senhor Crucificado (colateral do lado da epístola)**

### **1.3.1-Conjuntura artística**

Este retábulo é rococó, do terceiro quartel do século XVIII.<sup>117</sup> Diferencia-se dos restantes da igreja pela estrutura que já denota ausência de princípios arquitectónicos como colunas, por exemplo.

### **1.3.2-Morfologia**

Planta côncava, corpo único, três tramos com uma tribuna no central e o ático formado por dois arcos plenos concêntricos. A meio destes apresenta uma cartela com ornatos vegetalistas e concheados. De cada lado da cartela pode observar-se uma grande folha decorada com rosas e folhagem que definem esta decoração como única neste templo.

---

<sup>115</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., p.199.

<sup>116</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, 2000, p.178.

<sup>117</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *O Retábulo no Algarve*, 2007, p.121.

Os dois tramos laterais são formados por duas largas pilastras separadas do ático por um entablamento que fica interrompido no tramo central, constituído pela tribuna que está forrada actualmente por um pano de fundo vermelho. É muito provável que tenha ostentado algum quadro de pintura ou que ainda o possua debaixo do referido pano. O grande crucifixo com a imagem de Cristo, praticamente em escala natural, que lá está aplicado, deve ter sido uma solução posterior à intenção subjacente à encomenda do retábulo. Não está fixado à estrutura e para se manter nivelado levou um calço debaixo do braço direito que está, tal como o esquerdo, apoiado na parte superior do entablamento o que dá ar de uma certa instabilidade.



Figura 114 - Capela do Senhor Crucificado. Foto do autor, 2012

A tribuna não desce até ao embasamento, provavelmente para poder mostrar o que lá estivesse exposto, e surge a partir de uma dupla banquetta que tem implantada a meio do corpo superior uma “maquineta” que pode ter sido um sacrário mas que neste momento tem a porta em vidro e guarda uma imagem do Menino Jesus, datável da primeira metade do século XVIII.<sup>118</sup> A mesa do altar, propriamente dita, é como que um armário que serve para guardar uma imagem do Senhor Morto. Tem aplicado um frontal barroco em madeira sulcada e pintada, de dupla face, cuja decoração é de motivação eucarística embora diferente em cada face como é usual. O frontal oculta o armário que guarda a referida imagem de Cristo morto.

### 1.3.3-Encomendador

A encomenda foi da responsabilidade da Confraria do Senhor Jesus<sup>119</sup>

### 1.3.4-Executante

O responsável pelo risco e entalhe desta obra provavelmente foi alguém de fora de Monchique. As soluções aplicadas no retábulo, pouco usadas na região, e também algumas semelhanças com outros retábulos, especialmente dois que se encontram na igreja da Misericórdia, parecem apontar esta hipótese.<sup>120</sup>

<sup>118</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *O Retábulo no Algarve*, 2007, p.121, e Francisco Ildefonso Lameira, *Inventário Artístico do Algarve*, Concelho de Monchique, p.80.

<sup>119</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *O Retábulo no Algarve*, 2007, p.121.

<sup>120</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *O Retábulo no Algarve*, 2007, p.121.

## 1.4- Capela de Nossa Senhora de Fátima

### 1.4.1-Conjuntura artística

Este retábulo aponta uma cronologia para a segunda metade do século XVIII<sup>121</sup> e diferencia-se pela sua decoração já um tanto fruste e com soluções que não se assemelham a mais nenhum nesta igreja.

### 1.4.2-Morfologia

A tipologia seguida neste retábulo é comum, com embasamento, um corpo, três tramos, embora o central seja quase só um camarim onde está colocada a imagem do orago Nossa Senhora de Fátima. Este camarim ultrapassa o entablamento e ajuda a formar o ático de arcos concêntricos ligados por aduelas e uma cartela central.

Os tramos laterais são delimitados por pilares compostos e possuem peanhas nos intercolúneos.

A decoração presente mostra alguns concheados e vegetalismos assimétricos.

A mesa do altar é também um tanto composta, com a

forma de caixa mas com duas mísulas auriculares a servir de pilares laterais. A meio da superfície frontal mostra a insígnia IHS.

O fundo deste retábulo está pintado de branco e as decorações são douradas.

### 1.4.3-Encomendador

O mais provável é que este trabalho tenha sido encomendado por alguma das confrarias existentes na época setecentista.

### 1.4.4-Executante

Desconhecido



Figura 115 - Capela da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Fátima. Foto do autor, 2012

<sup>121</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *Inventário Artístico do Algarve, Concelho de Monchique*, p.82.

## 1.5- Retábulo da capela de Nossa Senhora do Carmo

### 1.5.1-Conjuntura artística

Este retábulo é do primeiro quartel do século XVIII embora tenha alguns acrescentos do segundo quartel.<sup>122</sup>

### 1.5.2-Morfologia

Retábulo em madeira, em côr natural, com um só corpo e um só tramo, em planta convexa.

Apresenta um par de colunas pseudo salomónicas e um arco pleno salomónico que formam um nicho inscrito no centro do tramo e onde se encontra a imagem de Nossa Senhora do Carmo com o Menino ao colo e o respectivo escapulário. Esta parte do retábulo, tem, em nossa opinião, muitas semelhanças formais com o retábulo da capela do Sagrado Coração de Jesus.

O entablamento acompanha todo o retábulo que é formado lateralmente por uma sucessão de pilastras, preenchendo todo o espaço da capela.

O ático mostra vários enrolamentos acânticos dispostos numa forma aproximadamente triangular ladeada por dois fogaréus.

Quer no centro do banco quer no centro do entablamento, no fecho do arco salomónico, há em cada caso uma cabeça de serafim que neste último exemplo serve de apoio a uma pequena cartela.

### 1.5.3-Encomendador

Este é um dos retábulos que vieram do convento de Nossa Senhora do Desterro e que foram colocados nesta igreja, quando da extinção das ordens religiosas em 1834<sup>123</sup>. O convento possuía a sua própria igreja e uma capela dos irmãos terceiros. Muito provavelmente, os retábulos referenciados como oriundos daquele edifício, na sua maioria, estavam colocados nesta capela. Este é um tema cujo estudo ainda não foi aprofundado, ao que sabemos. No entanto, neste retábulo, em concreto, encontrámos algumas semelhanças no tramo, com o retábulo colocado na capela do Sagrado Coração de Jesus. Verificámos também proximidades



Figura 116 - Capela da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Carmo. Foto do autor, 2012

<sup>122</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *Inventário Artístico do Algarve, Concelho de Monchique*, p.84

<sup>123</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *Inventário Artístico do Algarve, Concelho de Monchique*, p.84

nas colunas pseudo salomónicas e arcos salomónicos quer nesta quer noutras obras que estão atribuídas ao entalhador local Custódio de Mesquita ou que embora não o estejam, não afastem essa possibilidade.

É natural que as encomendas para o convento, especialmente se da responsabilidade dos irmãos terceiros, membros da comunidade local, fossem feitas em Monchique, se para isso houvesse possibilidade de concretização.

#### 1.5.4-Executante

A autoria do retábulo em todas as suas fases, é desconhecida. Até ao momento não conhecemos nenhum estudo que nos permita identificar as autorias destes retábulos provenientes do convento.

No entanto, é crível que havendo na primeira metade do século XVIII, pelo menos uma oficina de entalhador em Monchique, de Custódio de Mesquita, fosse este oficial ou a sua oficina a produzir as obras para satisfazer as encomendas locais.

### 1.6- Retábulo da capela do Sagrado Coração de Jesus

#### 1.6.1-Conjuntura artística

Retábulo do primeiro quartel do século XVIII, do período barroco, integrado no que se pode considerar formulário *nacional*.

#### 1.6.2-Morfologia

Retábulo em madeira, de planta plana, com um só tramo e corpo. Possui duas colunas pseudo salomónicas e um arco pleno salomónico, numa solução muito semelhante ao que se observa, para estes elementos, na capela de Nossa Senhora do Carmo.

O tramo é ocupado por um nicho que tem inscrito um esplendor com um coração ao centro.

Possui um dossel que acompanha todo o retábulo e ultrapassa-o, encimado por um

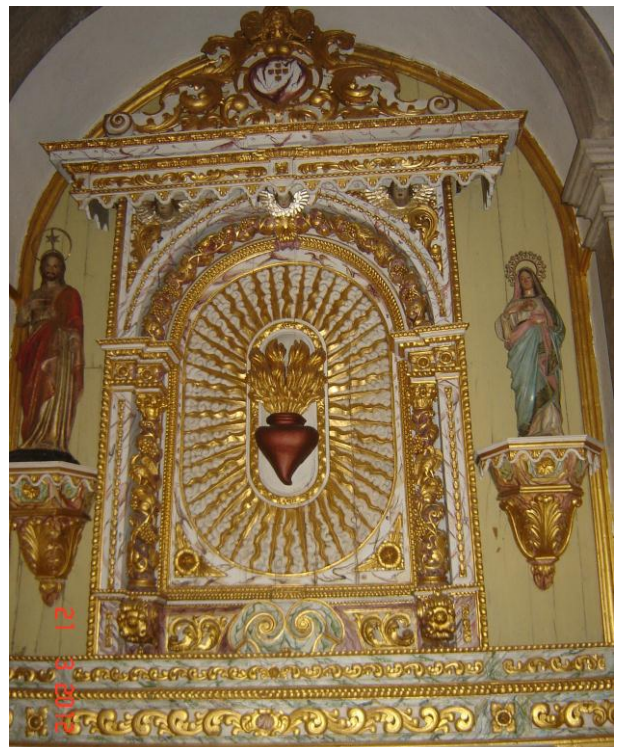


Figura 117 - Capela do Sagrado Coração de Jesus  
Foto do autor, 2012

conjunto de enrolamentos acânticos e uma cartela que termina num pelicano com crias.

O embasamento é um pouco desproporcional, já que preenche, nos seus vários elementos, toda a largura da capela enquanto o retábulo não o faz, deixando espaços laterais vazios que são funcionalmente ocupados com duas peanhas para colocação de imagens.

O elemento que suporta a mesa do altar apresenta enrolamentos acânticos e flores, em simetria, a ladear uma cruz grega que suporta também um pelicano alimentando as crias.

### 1.6.3-Encomendador

A encomenda pode ter sido da responsabilidade da confraria do Senhor Jesus.

### 1.6.4-Executante

Não fica afastada a possibilidade de ter sido o entalhador local Custódio de Mesquita<sup>124</sup>

## 1.7- Retábulo da capela de Nossa Senhora do Rosário

### 1.7.1-Conjuntura artística

Retábulo da segunda metade do século XVIII, com aproximação ao período rococó, é um dos dois laterais que nesta igreja se encontram na côr natural da madeira de castanho.

### 1.7.2-Morfologia

Apresenta este retábulo uma configuração elegante, de planta convexa, formado por um corpo



e um tramo apenas que acaba por ser uma grande tribuna com um nicho onde está colocada uma imagem seiscentista, em madeira, da Virgem com o Menino ao colo na invocação de Nossa Senhora do Rosário. Este tramo central é ladeado por duas pilastras decoradas, tudo encimado por um friso bastante dinâmico e uma cartela e dois fogaréus a fazerem as vezes de ático. Os fogaréus são semelhantes, no formato e dimensões mas menos decorados, a outro par colocado na capela simétrica, dedicada actualmente a Nossa Senhora do Carmo, embora o risco dos retábulos seja bastante diferente.

Figura 118- Capela da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário.

Foto do autor, 2012

<sup>124</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *Inventário Artístico do Algarve, Concelho de Monchique*, p.92

### 1.7.3-Encomendador

A informação que está disponível aponta para que este retábulo tenha vindo do extinto convento de Nossa Senhora do Desterro<sup>125</sup>.

### 1.7.4-Executante

A execução deste retábulo é desconhecida mas pode relacionar-se com outras obras do concelho, como por exemplo algumas peças presentes na igreja da Misericórdia, em que se admite o trabalho de artífices forasteiros.

## 2 - A imagem da padroeira

Pelas mesmas razões apontadas para justificar a inclusão de uma referência à talha retabular



Figura 119 – Imagem da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição atribuída à oficina de Machado de Castro.

Foto do autor, 2012

nesta tese, surge uma abordagem à imagem da padroeira, que se encontra na tribuna da capela principal.

Trata-se de uma imagem de vulto, em madeira de cedro<sup>126</sup>, de Maria em pé sobre o mundo, esfera azul salpicada de douradas estrelas de cinco pontas, à volta do qual se enrola uma serpente verde mordendo uma maçã.

A imagem de Nossa Senhora é (...)um exemplar de grande qualidade estética, do período rococó, destacando-se o tratamento sinuoso das vestes e o rosto sereno e delicado da Senhora.<sup>127</sup>

A Virgem está de pé, numa atitude orante, de mãos postas, com uma postura de grande serenidade, envolta num manto que apresenta uma espécie de nó quase esvoaçante, de um dinamismo muito grande. Os pés que assomam ambos por baixo da roupa parecem preparar-se para pisar a serpente. Aqui, todo o simbolismo é evidente: o mundo, o mal, a vitória de Maria sobre as tentações, já

<sup>125</sup> Francisco Ildefonso Lameira, *Inventário Artístico do Algarve, Concelho de Monchique*, p. 94

<sup>126</sup> José António Guerreiro Gascon, op. cit., p.200.

<sup>127</sup> Francisco Lameira, *Igreja Matriz de Monchique, desdobrável, Junta de Freguesia de Monchique*, 2000.



que foi concebida isenta do pecado original, personificado pela maçã colocada na boca do réptil que agora nada pode contra esta segunda Eva.

Esta imagem foi comprada pela local Confraria de Nossa Senhora da Conceição, em 1765, em Lisboa, *possivelmente da oficina de Machado de Castro*, pelo valor de sessenta mil réis<sup>128</sup>.

No total, o conjunto mede 180 centímetros de altura por 70 centímetros na sua maior largura, existindo uma réplica de menor dimensão, dos anos 70 do século XX, comprada em Braga, para sair na procissão de oito de Dezembro, pois a original está com problemas de consolidação.

A Senhora, do século XVIII, está colocada na boca da tribuna do retábulo da capela-mor, com uma cortina atrás, numa situação de recurso expositivo recente, pois é provável que antes a sua colocação fosse junto ao retábulo, do lado do evangelho, situação reservada às invocações de género masculino mas com excepções para os oragos femininos. No entanto, não se encontra hoje na capela-mor nenhuma peanha, mísula ou qualquer suporte destinado a essa função.

---

<sup>128</sup> Ibidem.

## Conclusões

A igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Monchique é um templo construído, muito provavelmente, no primeiro quartel do século XVI. Pode considerar-se que segue o que se convencionou designar como manuelino mas já apresenta sinais renascentistas. Para a primeira afirmação, surgem as decorações vegetalistas, toros torcidos, faixas lisas e ponteadas, bases tronco-cilíndricas com desenhos geométricos, tudo aplicado no portal principal que tem a forma ainda de arco ogival. O portal sul também não se afasta muito desta gramática e mesmo o portal norte, embora mais despojado entra nesta classificação. A planimetria do edifício mostra-nos um desenho de três naves definidas por colunas oitavadas com capiteis de anel, de toros entrelaçados, com cobertura de madeira e uma cabeceira com uma capela mor e duas colaterais, quadradas, cujos arcos de entrada são todos de volta perfeita. A decoração da capela do lado do Evangelho é também manuelina, com mísulas e nervuras na abóbada cujo fecho ostenta uma cruz de Cristo de forma mais anterior.

A influência já renascentista lê-se especialmente na espacialidade definida pelos tramos quadrados, amplos e altos, com os arcos formeiros, perfeitos, com as colunas dispostas num ritmo largo e matemático, nas proporções e formas.

O tempo construtivo, de que se desconhece documentação, aponta para o reinado de D. Manuel I, lido também na estrutura urbana que a povoação mostra e que foi estudado para o trabalho de Seminário da licenciatura em Património Cultural.

O governo episcopal da diocese nessa altura estava a cargo do bispo D. Fernando Coutinho, com cátedra ainda em Silves, homem formado em Itália e que influenciou bastante o Algarve e especialmente a região do barlavento. Este prelado foi o fundador do morgadio de Monchique que persistiu até hoje designado como quinta de Santo António dos Casais mas também interferiu com a construção do convento das Bernardas de Tavira, cujas colunas do claustro seguem um desenho muito próximo das que dão forma às naves da igreja matriz de Monchique.

Sabe-se da passagem pelo Algarve de Diogo Boitaca, o mestre de obras mais importante do reino, a caminho do norte de África, com estadia em Tavira e a encomendar cal em Portimão. Conhecem-se os efeitos torsos que usava na decoração das suas obras e dessa época temos no Algarve também a igreja matriz de S. Bartolomeu de Messines com uma planta muito semelhante a Monchique e umas colunas fiéis à forma das que se encontram numa obra

cabeça de série boitaquiana, o convento de Jesus de Setúbal. Sem afirmações fantasiosas e com a consciência de que o avanço do conhecimento se faz com pequenos passos estamos convictos que as leituras a este património e ao seu contexto remetem para a época referida, das primeiras décadas de quinhentos e à influência de gente com erudição, na construção deste templo, embora haja ausência de simbologia heráldica, quer da nobreza quer do bispo.

Algumas formas, especialmente no exterior da cabeceira, que parecem ser mais que simples contrafortes, sugerem que pode ter havido uma construção anterior, que o século XVI ampliou e consolidou. A disposição no terreno, o declive acentuado, a orientação do esporão onde assenta a igreja e a penedia que lhe está subjacente não eliminam de todo a possibilidade de ter havido naquele local actividade religiosa em tempos muito mais recuados e cuja continuidade persistiu. No entanto, são hipóteses não provadas pois só um trabalho de arqueologia urbana permitiria aprofundar esse estudo.

Passados mais de dois séculos, surgem na igreja matriz de Monchique retábulos em talha, quase todos do período barroco, de muito boa qualidade. Podem agrupar-se em dois conjuntos: um grupo que foi encomendado para algumas das capelas, pela Fábrica da Igreja ou por confrarias, e outro lote que aqui foi colocado, trazido do extinto convento de Nossa Senhora do Desterro, após 1834 e a extinção das ordens religiosas. Os executantes e as tipologias divergem mas muito provavelmente a maioria das encomendas foi feita a entalhadores locais aparecendo o nome de Custódio de Mesquita como mais provável.

Este património retabular, aliado à imagem da padroeira e a que se atribui relação artística com a oficina de Machado de Castro, fazem desta igreja matriz um monumento cuja importância ultrapassa o contexto local.

Esta dissertação de mestrado em História da Arte terá algum valor se contribuir para despertar o interesse de estudos mais rigorosos para a especificidade que o tema possui.

## BIBLIOGRAFIA

- AAVV, 1775- *Terramoto no Algarve*, Centro de Ciência Viva do Algarve, Faro, 2005
- ALMEIDA, C. A. F., *História da Arte em Portugal*, Vol II, Editorial Presença, 2002
- BENEVOLO, Leonardo; *História da Cidade*, Editora Perspectiva, S. Paulo, 2001.
- CARNEIRO, Isabel, *A eleição da Primeira Câmara de Monchique, o processo de eleição*, in Actas das I Jornadas de Monchique, CIMM e Junta de Freguesia de Monchique, 2000, pp. 127-130.
- CARNEIRO, Isabel; CAMPOS, Nuno, *O Concelho de Monchique e as suas Armas Municipais Da perspectiva histórica-sociológica à perspectiva heráldica, Monchique*, Comissão Instaladora do Museu de Monchique e Junta de Freguesia de Monchique, 2003.
- CARVALHO, Augusto da Silva, *Memórias das Caldas de Monchique*, Edição da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique, Lisboa, 1939.
- CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*, Edições 70, Lisboa, 2000
- COELHO, Borges, *Quadros para uma Viagem a Portugal no séc. XVI*, pp. 144-145
- CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, *Da Vila Cercada à Praça de Guerra Formação do Espaço Urbano em Almeida, Séculos XVI-XVIII*, Livros Horizonte, Lisboa, 2002.
- CORREIA, José Eduardo Horta, *Vila Real de Santo António, Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997.
- CORREIA, José Eduardo Horta, *O Algarve em Património*, Olhão, Gente Singular, Editora Lda, 2010.
- CORREIA, José Eduardo Horta, *Arquitectura Portuguesa, Renascimento, Maneirismo e Estilo Chão*, Editorial Presença, Lisboa, 2ª edição, 2002
- CÔRTE-REAL, Miguel Maria Telles Moniz, *Fidalgos de Cota de Armas do Algarve*, Camarate, Edição do autor, 2003.
- DIAS, Pedro e Dalila Rodrigues, Nuno Vassalo e Silva, Fernando Grilo, *Algarve-Al-Gharb, o Infante D. Henrique, in Manuelino à Descoberta da Arte do Tempo de D. Manuel I, Ciclo Internacional de Exposições Museu sem Fronteiras, Civilização Portugal*, 2002
- ECO, Humberto; *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, Editorial Presença, Lisboa, 1998.
- ENCARNAÇÃO, José de, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, s/d
- FERREIRA, Veiga, *Notícia sobre dois lagares antigos*, in SANTOS, Maria Luísa Estácio da

Veiga A. dos, *Arqueologia Romana do Algarve II*,

FIDALGO, Andreia, *O Mosteiro das Bernardas de Tavira*, Monografia de Seminário, Licenciatura em património Cultural, Universidade do Algarve, policopiado, 2008

GASCON, José António Guerreiro, *Subsídios para a Monografia de Monchique*, 2ª edição, Faro, Algarve em Foco Editora, 1993.

GOITIA, F. Chueca; *Breve história do Urbanismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2003

GOMES, M. Varela; GOMES, R. Varela, *Levantamento Arqueológico-Bibliográfico do Algarve*, Secretaria de Estado da Cultura-Delegação Regional do Sul, Faro, 1988.

GOMES, Rosa Varela, *Uma Cidade do Gharb-Andalus: Território e Cultura*, in Silves (Xelb), *Trabalhos de Arqueologia*, nº 23, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002

GONÇALVES, Víctor S., *As Necrópoles de Monchique e o Megalitismo do Algarve: Algumas Notas para uma futura revisão*, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Lisboa, 1995.

HERCULANO, Alexandre, *A história da Inquisição em Portugal*, Livro II,

IRIA, Alberto, *O Infante D. Henrique no Algarve* (estudos inéditos), Centro de Estudos Gil Eanaes, 1995

IRIA, Alberto, *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do séc. XV (Subsídios para a sua história) I 1404-1449*, Academia Portuguesa de História, 1990

JESUS, Artur Vieira de, *Vila do Bispo, Uma viagem pela sua história*, Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2005

MATEUS, C. P. Isa, *A Igreja de S. Sebastião de Quelfes*, In Anais do Município de Faro, Vols, XXVII/XXVIII, 1997/1998

KHAWLI, Abdallah, *Quelques réflexions sur l'histoire de l'Algarve pendant les premiers siècles de l'islamisation (VIII- XIème Siècle)*, in *Xarajib Revista do CELAS*, Nº2, Silves, 2002, pp. 21-40.

LAGARDÈRE, Vincent, *Structures Agraires et Appropriation des terres dans les district (IQLIM) de Silves en Algarbe du Xe au XIIIe Siècle*, in *Xarajib Revista do CELAS*, Nº1, Silves, 2000, pp. 49-59.

LAMEIRA, Francisco Ildefonso, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Dissertação de Doutoramento, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2000.

LE GOFF, Jacques, *O Homem Medieval*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

LOPES, J. Baptista da Silva; *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*, 1º Vol, Algarve em Foco, Faro, 1988.

LOPES, J. Baptista da Silva; *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*, 2º Vol, Algarve em Foco, Faro, 1988

LOPES, J. Baptista da Silva ; *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado do Algarve*, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa, 1848

MAGALHÃES, Joaquim Romero, *O Algarve Económico 1600-1773*, Editorial Estampa, Lisboa, 1993.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1971.

MATEUS, Isa C. P. Luz, A Igreja de S. Sebastião de Quelfes, in *Anais do Município de Faro*, Vols XXVII /XXVIII, Câmara Municipal de Faro, 2000

MATOS, Jorge, *A Serra de Monchique e o Reino de Silves, Messianismo e Teocracia no Algarve Islâmico*, in *Actas das I Jornadas de Monchique*, Comissão Instaladora do museu de Monchique, 2000, pp. 69-96.

MATTOSO, José, *Portugal Medieval Novas Interpretações*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Temas Portugueses, 1984.

MATTOSO, José e outros, *Portugal - Sabor da Terra - um retrato histórico e geográfico por regiões*, Temas e Debates, Círculo dos Leitores, 1933

OLIVEIRA, Ataíde, *Monografia de S. Bartolomeu de Messines*, Algarve em Foco Editora, 1989

OLIVEIRA, Ataíde, *Monografia de Paderne*, Algarve em Foco Editora, 1989

OLIVEIRA, Luís Filipe, Caminhos da Terra e do mar no Algarve Medieval, in *As Vias do Algarve*, da época romana à actualidade, *Actas das I Jornadas As Vias do Algarve – Arqueologia do Algarve*, S. Brás de Alportel , 2006

PEREIRA, Paulo, (dir.) *História da Arte Portuguesa*, 3 Vols, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1995.

PINTO, Ana Maria Lourenço, *Manifestações da Estética Manuelina*, (trabalho policopiado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Junho/2008)

PIRES, Alexandra; FERREIRA, Nathalie Antunes, *A Ermida de Santo António (Monchique)* in *Era-arqueologia*, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos, nº 5, Abril, Lisboa, 2003.

RACHID, El Hour, *O Algarve na Época Almorávida: aspectos políticos e jurídicos* in *Xarajib Revista do CELAS*, Nº1, Silves, 2000, pp. 37-48.

RAMOS, Manuel Francisco Castelo, *Decoração Arquitectónica Manuelina na Rregião de Silves (séculos XV-XVI)* in *Xelb* nº 3, Silves nos Descobrimentos, *Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, Museu Municipal de Arqueologia e Câmara Municipal de Silves, 1996.

REYS, João Vasco, *Vozes da Pedra - Tumulária e Armaria da Sé Velha de Silves*, Câmara Municipal de Silves, 2002

RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1986.

RODRIGUES, Bernardo, *Anais de Arzila: Crónica Inédita do Séc. XVI, Vol. I*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1915.

RODRIGUES, Sandra, *As Vias Romanas do Algarve*, Faro, Centro de Estudos do Património da universidade do Algarve/Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, 2004.

ROSSA, Walter, *A Urbe e o Traço, Uma década de Estudos sobre o Urbanismo Português*, Almedina, Coimbra, 2002.

ROSSI, Aldo; *A arquitectura da Cidade*, Edições Cosmos, Lisboa, 2001

SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga. A. dos, *Arqueologia Romana do Algarve II*, 1972.

SERRÃO, Joel; MARQUES Oliveira, *Nova História de Portugal, Volume: Portugal das Origens à Romanização*, Editorial Presença, Lisboa, 1990.

SERRÃO, Joel; MARQUES Oliveira, *Nova História de Portugal, Volume: Portugal das Invasões Germânicas à Reconquista*, Editorial Presença, Lisboa, 1990.

SERRÃO, Vítor, , *História da Arte em Portugal, Vol III, Editorial Presença, 2002*

SILVA, Jorge H. Pais da; CALADO, Margarida, *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*, Editorial Presença, Lisboa, 2005.

SILVA, J. C. Vieira, *O Fascínio do Fim*, Livros Horizonte, 1997

SILVA, Carlos Tavares da, Neolítico Médio e Final. O Megalitismo, in *Pré-História de Portugal*, Universidade Aberta, 1993.

TEIXEIRA, Luís Manuel, *Dicionário Ilustrado de Belas-Artes*, Editorial Presença, Lisboa, 1985.

TELO, A. Gil, *Da Economia Agrícola de Monchique, alguns elementos da sua evolução até ao Séc. XX*, in *Actas das I Jornadas de Monchique*, Comissão Instaladora do Museu de Monchique e Junta de Freguesia de Monchique, 2000, pp. 131-151.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1998.

TORRES, Cláudio, *O barlavento Algarvio em Época Islâmica*, in *Actas das II Jornadas de Monchique*, Comissão Instaladora Museu de Monchique e Junta de Freguesia de Monchique, 2001, p.120.

TRINDADE, Luisa, *A Casa Corrente em Coimbra, Dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna*, Coimbra, Editado pela Câmara Municipal de Coimbra, 2002.

VEIGA, Estácio da, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Faro Capital da Cultura, 2005.

VIANA, Abel; FORMOSINHO, José; FERREIRA, O . da Veiga, *Restos de Caminhos Romanos nas Caldas de Monchique*, Separata dos nºs 29 e 30 da Revista Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores, Lisboa, 1948.

## DICIONÁRIOS E OUTROS

*História de Portugal, Publicações Alfa*, vol. 2, p.542

*Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, 2 Vols.

*Dicionário Enciclopédico, Vol XXIV.*

*Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*, Manfred Lurker, Editora Paulus, 1993

*Manual de Reabilitação do Património de Faro*, Gabinete de Gestão e Reabilitação do Património Histórico, Câmara Municipal de Faro, Faro, 1997.

*Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, 1993.

## JORNAIS E REVISTAS

- Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, números 1 ao 131, (suporte CD-ROM), 1998

- Jornal de Monchique, Nºs 181 e 182, artigos de Nuno Campos, Edição do Grupo de Dinamização Cultural “O Monchiqueiro”.

- Revista Monumentos nº 24, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2006

- Desdobrável sobre a Igreja Matriz de Monchique, Francisco Lameira, editado pela Junta de Freguesia de Monchique, 2000

## INTERNET

*Ordens Religiosas e Militares* – Luís Filipe Oliveira (2010) rdpc.uevora.pt/

Formato do ficheiro: PDF/Adobe Acrobat (consultado em 13/Julho/2012)

*Paróquias e Freguesias do Algarve*, [www.diocese-algarve.pt/](http://www.diocese-algarve.pt/) (consultado em 13/Julho/2012)